

Jader Silveira (Org.)

**CIÊNCIA
DIÁLOGOS
e OLHARES
CON
TEMPO
RANEOS**

3
2024

uniatual
EDITORA

Jader Silveira (Org.)

**CIÊNCIA
DIÁLOGOS
e OLHARES
CON
TEMPO
RANEOS**

3
2024

uniatual
EDITORA

© 2023 – Uniatual Editora

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Organizador

Jader Luís da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587c Ciência, Diálogos e Olhares Contemporâneos - Volume 3
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2024. 166 p.: il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86013-66-5
DOI: 10.5281/zenodo.10867125

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Interligações. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4
CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniatual.com.br
universidadeatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2024/03/ciencia-dialogos-e-olhares.html>



AUTORES

DEBORAH KETLYN PACHECO FERREIRA
ERICA DOS SANTOS JUSTINO COELHO
JOÃO LUIS JOSINO SOARES
LUCIMAR DA SILVA PEREIRA JUNIOR
MARCIÁRIA DA SILVA SOUSA
MÔNICA MARIA FEITOSA BRAGA GENTIL
NADABE DE SOUZA SANTOS
NATÁLIA FERREIRA ANDRADE
NATHÁLIA JOEYNNY GOMES QUEIROZ
RENAN ELIAZAF RODRIGUES DOS ANJOS
SABELE AUGUSTA GONÇALVES SOUZA
SCHELLA REGINA GLASER
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA
SUENY BARBOSA DE ARAÚJO GALVÃO
THALES KROTH DE SOUZA
THIAGO AFONSO PERON

APRESENTAÇÃO

Este livro é mais do que uma mera compilação de fatos científicos; é um convite para uma jornada intelectual, uma dança apaixonante através dos corredores da mente humana, onde a ciência se encontra com a filosofia, a tecnologia abraça a ética, e os olhares contemporâneos lançam luz sobre os mistérios do nosso mundo em constante evolução.

Neste compêndio, são apresentadas descobertas científicas, narrativas que entrelaçam a objetividade da pesquisa com a subjetividade da experiência humana. Uma tapeçaria onde os diálogos entre mentes curiosas dão origem a perspectivas únicas, desafiando-nos a repensar nosso entendimento sobre o que é conhecido e a abraçar a incerteza como um terreno fértil para a inovação.

A ciência, vista aqui não como uma entidade isolada, mas como uma dança harmoniosa entre disciplinas aparentemente díspares, convida os leitores a transcenderem as fronteiras do conhecimento convencional. Dos confins do cosmos ao intrincado mundo microscópico, este livro é um convite para explorar os diálogos incessantes entre a teoria e a prática, entre o quantificável e o indescritível.

Preparado para embarcar nesta aventura intelectual? Então, abra as páginas deste livro e deixe-se envolver pelos diálogos e olhares que, juntos, moldam a tapeçaria vibrante da ciência contemporânea.

SUMÁRIO

Capítulo 1 PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS: O MAPA DA CONTA, PROFESSOR/A? <i>Thiago Afonso Peron</i>	9
Capítulo 2 UMA REFLEXÃO SOBRE O INSTRUMENTO HISTÓRICO QUADRANTE NÁUTICO NO ENSINO DE MATEMÁTICA <i>Renan Eliazaf Rodrigues dos Anjos</i>	19
Capítulo 3 SUPERENDIVIDAMENTO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A SITUAÇÃO FINANCEIRA DE ACADÊMICOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR <i>Nadabe de Souza Santos; João Luis Josino Soares</i>	28
Capítulo 4 A RACIONALIDADE ECONÔMICA EM CUSTOS: A GESTÃO ESTRATÉGICA DE COMPRAS E A REDUÇÃO DE CUSTOS NAS ORGANIZAÇÕES <i>Thales Kroth de Souza</i> <i>Natália Ferreira Andrade</i>	48
Capítulo 5 APRENDENDO MATEMÁTICA DE FORMA LÚDICA NO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Marciária da Silva Sousa</i>	71
Capítulo 6 INFÂNCIAS DO CAMPO E A LUTA PELA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO <i>Nathália Joeynny Gomes Queiroz</i>	78
Capítulo 7 PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O IMPACTO DO PSICOPEDAGOGO NA INTEGRAÇÃO DE ALUNOS SURDOS ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS <i>Erica dos Santos Justino Coelho; Lucimar da Silva Pereira Junior</i>	91
Capítulo 8 PESQUISA NARRATIVA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA <i>Scheilla Regina Glaser</i>	102
Capítulo 9 ESCLARECIMENTOS TÉCNICOS ACERCA DE IRRIGAÇÃO DE PASTAGENS <i>Isabele Augusta Gonçalves Souza; Deborah Ketlyn Pacheco Ferreira;</i> <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i>	114
Capítulo 10 ANÁLISE SOBRE A MANIFESTAÇÃO EDUCACIONAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS E A VIVÊNCIA DA CRIANÇA INDÍGENA DE ACORDO COM O CONCEITO DE CIDADANIA EM RELAÇÃO AO ENSINO DAS ESCOLAS URBANAS DA CIDADE DE PARICONHA-AL <i>Nathália Joeynny Gomes Queiroz</i>	130

Capítulo 11 O FENÔMENO MUSICAL SEPULTURA: COMO O GRUPO MINEIRO MUDOU A CENA DO TRASH METAL INTERNACIONAL <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i>	146
Capítulo 12 A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE ANA MIRANDA: UMA LEITURA DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS-FICCIONAIS BOCA DO INFERNO E DIAS & DIAS <i>Sueny Barbosa de Araújo Galvão; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil</i>	160

Capítulo 1

PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS: O MAPA DA CONTA, PROFESSOR/A?

Thiago Afonso Peron

Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade Batista de Minas Gerais - FBMG (2021), Graduado em Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2021), Graduado em Licenciatura em Geografia pela mesma universidade (2020). Professor de Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Balneário Camboriú/SC (2024). peronperon90@gmail.com

RESUMO

A utilização de mapas em livros didáticos e em sala de aula ocorre com frequência nas aulas de geografia a partir do sexto ano, entretanto será que as/os estudantes possuem o intelecto desenvolvido a ponto de abstrair o mundo geoidal em um mapa plano? A partir desse questionamento, o presente artigo analisou como os Livros Didáticos do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD para 2021 apresentavam a temática das projeções cartográficas. Salientamos que estas coleções de livros analisadas já estavam de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC. A propósito, as coleções por mais atualizadas em conteúdos técnicos, científicos, imagéticos e de acordo com a BNCC ignoraram o fato de as/os estudantes aprenderem desde os 11 anos apenas com mapas planos, em um momento no qual não estão prontos para abstrair grandes fenômenos. Desta maneira, apresentamos dois recursos didáticos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem das projeções cartográficas, o Globo Terrestre de Balão e o Planisfério de Globo Terrestre de Balão.

Palavras-chave: recurso didático, ensino de geografia, livro didático, BNCC.

ABSTRACT

The use of maps in textbooks and in the classroom occurs frequently in geography classes from the sixth year onwards, however, do students have the intellect developed to the point of abstracting the geoid world into a flat map? Based on this question, this article analyzed how the Textbooks of the National Textbook Plan - PNLD for 2021 presented the theme of cartographic projections. We emphasize that these book collections analyzed were already in accordance with the new National Common Curricular Base - BNCC. By the way, the most up-to-date collections in technical, scientific and imagery content and according to the BNCC ignored the fact that students have been learning since they were 11 years old only with flat maps, at a time when they are not ready to abstract large phenomena. In this way, we present two teaching resources to facilitate the teaching-learning process of cartographic

projections, the Balloon Terrestrial Globe and the Balloon Terrestrial Globe Planisphere.

Keywords: teaching resource, geography teaching, textbook, BNCC.

INTRODUÇÃO

As representações do espaço estão presentes em todas as civilizações, desde as primitivas até as civilizações atuais. Através dos desenhos em cavernas, entalhes em rochas, desenhos em couro, representações em toalhas de mesa, atlas escolares até o mapa digital, os seres humanos vêm tentando trazer o domínio do espaço geográfico seja em representações planas ou tridimensionais. Este domínio entende-se sobre a detenção de informações geográficas para comunicação, e hoje, abundante na educação geográfica. Almeida & Almeida (2014) afirmam que nas últimas décadas o uso da educação cartográfica tornou-se destaque e que o uso de mapas e o ensino de conceitos cartográficos já fazem parte da Educação Básica. Mas será que estes conteúdos estão sendo ensinados de forma correta?

Comunicar os conteúdos das representações cartográficas, na sala de aula, se dá através do processo de ensino-aprendizagem, e este é lento e processual. E, para comunicar é preciso que se desenvolvam nos/as estudantes o que Passini (1999, p. 125) chama de alfabetização cartográfica, um processo no qual se adquire a linguagem cartográfica, para que quem os adquire e utiliza como meio, para se instrumentalizar e desvendar o mundo.

Pois aprender, depende de metodologias de ensino eficazes. Conforme Dale (1969) demonstrava através do cone de experiências ou do aprendizado que o/a estudante aprende mais, quando executa uma ação, seja construindo algo, debatendo, dramatizando e apresentando um conteúdo. Ele dizia que o ensino puramente teórico (simbólico-abstrato) deve ser evitado, pois um tema apresentado apenas lido ou escutado após duas semanas estará retido como conhecimento deste estudante em torno de 30% apenas.

Desta maneira, no processo de ensino-aprendizagem, um dos recursos mais próximos do professor/a e do/a estudante é o Livro Didático (LD), utilizado por quase todas as unidades educacionais, salvo os apostilados que também tem a proposição do recurso escrito e imagético. Um aspecto importante são os LDs fornecidos para todas as escolas públicas de Educação Básica das redes federal, estadual, municipal

e distrital, após serem aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que avalia e disponibiliza além do LD, outras obras pedagógicas, literárias e demais recursos para a feitura educativa.

Assim, desde o lançamento da nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) as editoras de livros didáticos estão produzindo e adequando suas coleções às novas normativas exigidas.

Entretanto, um problema que vem se arrastando desde muito tempo é o uso excessivo de mapas -representações espaciais planas- nos livros didáticos do Ensino Fundamental II. Será que estes/as estudantes estão sendo alfabetizados/as cartograficamente para entender fenômenos geoidais em planos, como o Mapa Múndi? Será que estes/as estudantes estão maduros/as intelectualmente para abstrair processos de projeções cartográficas? Será que o mapa da conta, professor/a?

Nascimento (2019, p. 1206) salienta que o processo de ensino-aprendizagem para ser efetivo, os/as estudantes devem ser ativos e interativos. Será que o livro didático proporciona isso aos estudantes?

Objetivos

Sendo assim, este artigo buscou analisar como o livro didático introduz e apresenta a temática das projeções cartográficas e também, se há uma forma diferente para se ensinar projeções cartográficas, como por exemplo, com a produção de algum recurso didático barato e de fácil acesso, já trabalhados na década de 1990 em algumas referências bibliográficas, e que hoje é escasso nos livros didáticos.

Metodologia

A fim de atender o que este artigo se propôs, o procedimento metodológico utilizado foi à análise bibliográfica de conteúdos, textos complementares e imagens sobre projeções cartográficas de oito Livros Didáticos (dos doze) do sexto ano do Ensino Fundamental II, disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD para 2021¹.

¹ As coleções didáticas disponibilizadas pelo Plano Nacional do Livro Didático para o ano de 2021 estão disponíveis no site: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2019/codigo_colecoes.

Pois, segundo BNCC (2018), é no 6º ano que os/as estudantes devem aprender sobre Projeções Cartográficas. Foram escolhidos para a análise oito livros dos doze totais, pois eram os livros disponíveis fisicamente no Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar da Universidade Federal de Santa Catarina. Assim sendo, foram computados os dados da análise dos livros em um quadro (Quadro 1) que contém os seguintes tópicos: título da coleção, código atribuído pelo sistema do PNLD, editora responsável pelos livros, livros que foram avaliados, presença do conteúdo de projeções cartográficas, presença de formas alternativas de se ensinar projeções cartográficas e conformidade com a BNCC.

RESULTADOS

Análise do Livro Didático

O primeiro dado do quadro (Quadro 1) a ser destacado é o número de coleções, o PNLD disponibilizou o total de dose coleções de Livros Didáticos para que as unidades de ensino escolhessem. Entretanto, nesta análise foram consultados apenas oito livros, pois eram os livros disponíveis fisicamente. As coleções avaliadas com suas respectivas editoras foram: Vontade de Saber Geografia da editora Quinteto, Geografia Geral e do Brasil da editora Scipione, Geografia - Território e Sociedade da editora Saraiva, Por Dentro da Geografia também da editora Saraiva, Geografia Espaço & Interação da editora FTD, Teláris Geografia da editora Ática, Expedições Geográficas da editora Moderna e Araribá Mais – Geografia também da editora Moderna (figura 1).

Figura 1: Livros didáticos disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2021) consultados.



Fonte: adaptado do PNLD (2021).

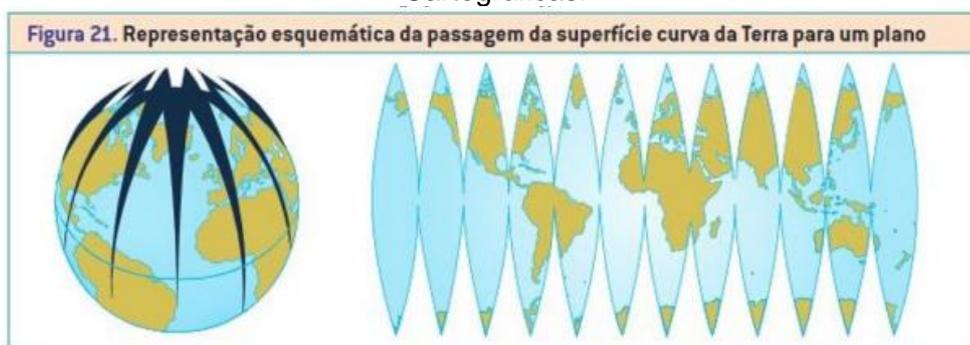
Sobre o questionamento de quais livros traziam conteúdos sobre projeções cartográficas para o 6º ano do Ensino Fundamental encontramos que apenas duas coleções traziam, sendo elas: Geografia - Território e Sociedade da editora Saraiva e Geografia Espaço & Interação da editora FTD.

Em geral, o conteúdo, tanto texto escrito quanto texto imagético, sobre o tema apresentado pelas duas coleções é extremamente sucinto e simples, cabendo em menos de duas páginas, sem aprofundamento e não apresentando mais do que uma projeção cartográfica.

Sobre o questionamento de se algum livro apresentava formas não convencionais/alternativas (entende-se aqui formas não convencionais de ensino como um recurso didático que pode ser criado pelos/as estudantes e pelos/as professores/as, ou seja, ferramentas extra ao livro didático e a exposição do/a professor/a) de como ensinar o conteúdo de projeções cartográficas obtivemos o total de duas coleções, sendo as mesmas duas (Geografia - Território e Sociedade da editora Saraiva e Geografia Espaço & Interação da editora FTD) que apresentavam conteúdos regulares sobre projeções cartográficas.

Dentre as formas alternativas de como ensinar projeções cartográficas a coleção Geografia - Território e Sociedade da editora Saraiva traz o recurso didático do “Globinho Pirulito”, no qual a esfera/geóide que é o planeta Terra tem sua superfície aberta em “gomos” formando uma “espinha de peixe”, como se pode ver na figura 2.

Figura 2: Recurso Didático “Globinho Pirulito” para Demonstrar as Distorções nas Projeções Cartográficas.



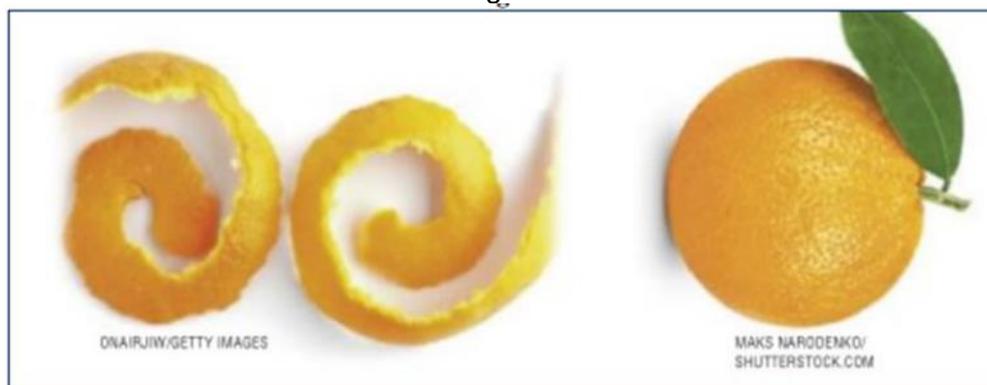
Fonte: Livro Didático Geografia - Território e Sociedade - 6º ano (2020).

Já a coleção Geografia Espaço & Interação da editora FTD apresenta o experimento da laranja, onde a laranja representa o planeta e a casca a superfície com mares e continentes, quando se descasca a laranja e tenta-se esticar as cascas

para formar um plano é possível ver as distorções e lacunas não preenchidas (figura 3).

Ou seja, os dois recursos didáticos têm por objetivo mostrar as distorções de área e forma que é causada pelas projeções cartográficas quando se tenta representar a esfera terrestre em um plano.

Figura 3: Recurso Didático da Laranja para Demonstrar as Distorções nas Projeções Cartográficas.



Fonte: Livro Didático Geografia Espaço & Interação da editora FTD - 6º ano (2020).

Ambas são formas sensacionais de metodologias ativas, permitindo uma aprendizagem significativa aos/às educandos/as e fazendo com que eles/as interajam com o próprio processo de ensino-aprendizagem, tornando-os/as protagonistas de seu próprio aprendizado.

E, a última pergunta analisada é se os livros consultados estavam de acordo com a nova Base Nacional Comum Curricular. Constatamos que todas as coleções diziam estar de acordo com a BNCC, traziam isso na sua parte de apresentação das coleções, entretanto verificamos que apenas duas coleções estavam em conformidade. As coleções são as mesmas duas dos questionamentos anteriores, Geografia - Território e Sociedade da editora Saraiva e Geografia Espaço & Interação da editora FTD.

Quadro 1: Dados sobre os Livros Didáticos (LD) de Geografia do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD (2021).

Nº	Título da coleção	Código PNLD	Editora	Projeções Cartográficas	Formas Alternativas de Ensinar Projeções Cartográficas	Adequado à BNCC
1	Vontade de Saber Geografia	0372P20052	Quinteto	Não aparecem	Não aparecem	Não
2	Geografia Geral e do Brasil	0007P20052	Editora scipione	Não aparecem	Não aparecem	Não
3	Geografia: Território e Sociedade	0024P20052	Saraiva educação	Aparecem	Aparecem	Sim
4	Por Dentro da Geografia	0025P20052	Saraiva educação	Não aparecem	Não aparecem	Não
5	Geografia Espaço & Interação	0378P20052	FTD	Aparecem	Aparecem	Sim
6	Teláris Geografia	0308P20052	Editora ática	Não aparecem	Não aparecem	Não
7	Expedições Geográficas	0031P20052	Moderna	Não aparecem	Não aparecem	Não
8	Araribá Mais - Geografia	0323P20052	Moderna	Não aparecem	Não aparecem	Não

Fonte: autor.

Formas não convencionais de ensinar sobre projeções cartográficas

Como sugestão para sanar esse problema de ensinar projeções cartográficas apenas de forma plana no livro didático ou de nem estar presente no livro didático sugere-se realizar a confecção de Recursos Didáticos, o Globo Terrestre de Balão e o Planisfério de Globo Terrestre de Balão. Através de materiais baratos como balão de festa, jornal, cola, barbante e molde dos continentes, é possível criar um globo terrestre e cortá-lo, a fim de planificar transformando numa projeção que se queira ensinar, cônica, cilíndrica, etc. A confecção do mesmo e a utilização destes pelos/as estudantes e promovido pelo/a professor/a torna ativo o processo de aprendizagem.

Para confeccionar o recurso didático devemos primeiramente encher o balão, fixar em um suporte de papelão e começar a envolver o balão com jornal, este jornal deve ser recortado em pedaços do tamanho da palma da mão, e em seguida emergido em uma mistura de cola e água, isso ajuda na fixação na superfície do balão. Após três camadas de papel já se obtêm uma crosta endurecida, em seguida pintamos a crosta de tinta guache azul. Em seguida, pinta-se o molde dos continentes², os recorta e os cola ao redor do balão já seco. Usa-se barbante para demarcar a linha do Equador e o Meridiano de Greenwich. E já está pronto o Globo Terrestre de Balão (figura 4).

² Os moldes dos continentes com suas respectivas medidas podem ser obtidos no site (<http://www.labtate.ufsc.br>) do Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar - LABTATE da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

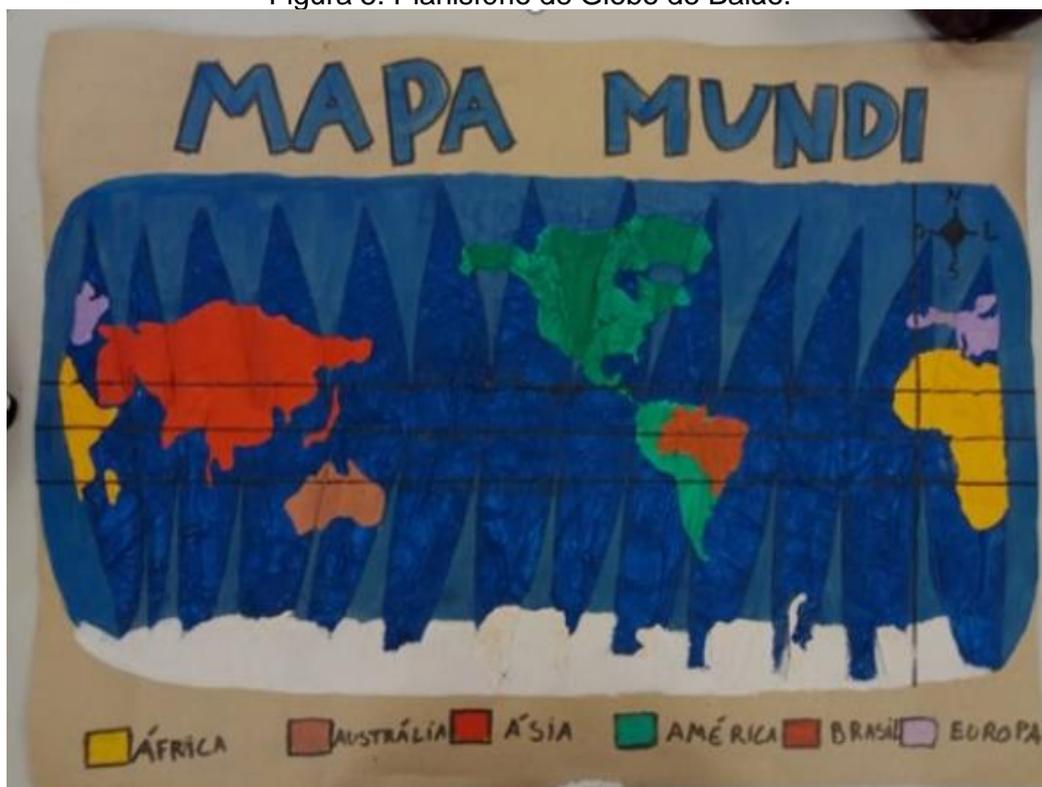
Figura 4: Globo Terrestre de Balão



Fonte: autor (2018).

Quando o Globo Terrestre de Balão estiver pronto pode-se passar ao momento de sua abertura. Começa-se a recortar o balão, deve ser recortado em formato de espinha de peixe, ou seja, do centro para as extremidades, após isso se cola a espinha de peixe em uma cartolina, se preenche com tinta as lacunas dos oceanos e continentes que se distorceram. Faz-se legenda, norte geográfico e título. Por fim, está pronto o Planisfério de Globo de Balão (figura 5). Dependendo do corte do Globo Terrestre de Balão se obtêm um tipo de Projeção Cartográfica, a que foi utilizada neste planisfério foi à projeção cilíndrica.

Figura 5: Planisfério de Globo de Balão.



Fonte: autor (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ver, a partir das análises dos livros didáticos que apenas uma parte ínfima dos livros apresentou o conteúdo de projeções cartográficas no ano indicado pela BNCC, ou seja, sexto ano do Ensino Fundamental II e que a maior parte dos livros que diziam estarem adequados às novas normativas da BNCC não estavam. Com isso, chegamos à conclusão que boa parte das crianças ao longo do Ensino Fundamental II desconhece como os fenômenos esféricos se tornaram planos, viraram mapas. Pois ao longo desse período escolar os livros didáticos trazem quantidades de representações planas - mapas- exorbitantes, raramente se veem outros tipos de representação do espaço. E como vão poder entender os mapas e ler os mapas se não sabem a sua origem?

Desta forma, chegamos à resposta que os mapas não dão conta professor/a. Temos que buscar metodologias e recursos didáticos não convencionais e, que de preferência, sejam ativas e interativas. De acordo com Nascimento (2019, p. 1216) com a confecção e a utilização do recurso didático o/a educando/a vai desconstruindo preconceitos e construindo novos significados para a experiência.

Sendo assim, precisamos fugir um pouco do livro didático e abrir caminho para recursos didáticos como os dois que encontramos na análise dos livros como o Globinho Pirulito, a experiência da Laranja e também o sugerido por nós, o Globo Terrestre de Balão e o Planisfério de Globo de Balão, além de tentar trazer outras representações do espaço que não sejam planas, como maquetes, globo terrestre, realidade aumentada, entre outras. São recursos de fácil acesso e de baixo custo, podendo ser utilizadas em diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E.; MARTINELLI, M. A cartografia para crianças: alfabetização, educação ou iniciação cartográfica? **Boletim de Geografia (UEM)**, Maringá, v. 17, p. 125-130, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12069/7312>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- ALMEIDA, R. D. DE; DE ALMEIDA, R. A. Fundamentos e perspectivas da cartografia escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, n. 4, 11. 2014. Disponível em: . Acesso em: 10 abr. 2020. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018, 600 p. Disponível em:<<https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/44689>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Guia Digital do Programa Nacional do Livro Didático 2019. Brasília: MEC/PNLD. 2019. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2019/codigo_colecoes>. Acesso em: 10 abr de 2020.
- DALE, Edgar. **Audio-Visual Methods in Teaching**. 3rd ed. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1969. p. 108.
- LABORATÓRIO DE CARTOGRAFIA TÁTIL E ESCOLAR – LABTate. Florianópolis: UFSC. c2010. Disponível em:<<<http://www.labtate.ufsc.br/>>>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- NASCIMENTO, Rosemy da Silva. Educação geográfica, neurociência e metodologia ativa: aprendizagens para a cartografia escolar através da construção de recursos didáticos. **ANAIS**. 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Políticas, Linguagens e Trajetórias. UNICAMP, 2019. Disponível em:<<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2963/2826>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

Capítulo 2

UMA REFLEXÃO SOBRE O INSTRUMENTO HISTÓRICO QUADRANTE NÁUTICO NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Renan Eliazaf Rodrigues dos Anjos

Licenciado em Matemática pelo IFRN – campus Santa Cruz. Pós-graduando em Especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar pelo IFRN – campus Zona Leste. E-mail: renaneliazaf@outlook.com.

RESUMO

Essa pesquisa surge a partir das observações e conhecimentos de mundo adquiridos na vida estudantil, no ensino básico e superior, bem como na atuação docente, notando que a Matemática é, muitas vezes, desprovida de afeição por parte do alunado, que a enxergam como algo distante da realidade, dessa forma, nota-se a importância de pesquisas que propõem reflexões sobre novas formas de anunciar este campo do saber, objetivando maior contextualização, promovendo um ensino que estimule os discentes e que traga maiores significados para a vida hodierna destes. Dessa forma, busquei definir as potencialidades pedagógicas dos instrumentos históricos, em especial o quadrante náutico, no ensino da matemática com a metodologia história da matemática. Ao observar tais potencialidades, estamos revelando o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que concerne ligações temáticas entre história, astronomia, geografia e matemática, propiciando um processo didático interdisciplinar, favorecendo a utilização de temas transversais durante a construção do edifício matemático. No desenvolvimento do estudo, foi possível observar a extrema relevância da utilização de novas metodologias para o ensino da matemática, além do alinhamento de diferentes temáticas que agem mutuamente, relacionando-se com o ambiente e sucedendo maior interação do discente. Portanto, o uso de atividades históricas inseridas na matemática promove a ampliação de diversas potencialidades didáticas, favorecendo professores e alunos a atingirem êxito no processo de ensino e aprendizagem pautado na investigação e prática.

Palavras-chave: História da Matemática. Quadrante náutico. Ensino de Matemática.

ABSTRACT

This research arises from the observations and knowledge of the world acquired in student life, in basic and higher education, as well as in teaching, noting that Mathematics is often devoid of affection on the part of the students, who see it as something distant from reality, thus noting the importance of research that proposes reflections on new ways of announcing this field of knowledge, aiming at greater

contextualization, promoting a teaching that stimulates the students and that brings greater meanings to their lives today. In this way, I sought to define the pedagogical potential of historical instruments, especially the nautical quadrant, in the teaching of mathematics using the history of mathematics methodology. By observing these potentialities, we are revealing the development of a pedagogical proposal that involves thematic links between history, astronomy, geography and mathematics, providing an interdisciplinary didactic process, favoring the use of cross-cutting themes during the construction of the mathematical building. In the course of the study, it was possible to observe the extreme relevance of using new methodologies for teaching mathematics, as well as the alignment of different themes that act mutually, relating to the environment and leading to greater student interaction. Therefore, the use of historical activities inserted into mathematics promotes the expansion of various didactic potentialities, favoring teachers and students to achieve success in the teaching and learning process based on research and practice.

Keywords: History of mathematics. Nautical quadrant. Teaching mathematics.

INTRODUÇÃO

A importância da matemática no processo histórico da consolidação humana é inegável, uma vez que sua onipresença é evidente e essencial para um melhor entendimento dos fenômenos em seus diversos âmbitos. No entanto, foram-se construindo diversos percalços no desenvolvimento pedagógico da matemática no contexto escolar, ocasionando dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, que persistem atualmente: “Do ponto de vista de motivação contextualizada, a matemática que ensinamos hoje nas escolas é morta.” (D’AMBROSIO, 2009, p. 31).

Por esse motivo, observamos progressivamente o aumento da relevância na implementação de novos métodos de ensino que facilitem o desenvolvimento pedagógico das ciências exatas, ou seja, novas metodologias surgem como proposta de melhoria da educação matemática, as mais populares são: a História da Matemática, a Resolução de Problemas, a Etnomatemática, a Modelagem Matemática, os Jogos Matemáticos, a Investigação Matemática e a Tecnologia da Informação.

Essa busca da promoção de um ensino com maior contextualização, se justifica, pois, a disciplina é vista por grande parte do alunado como algo extremamente técnico e restrito a pessoas que possuem uma espécie de inteligência além do senso comum. Nessa perspectiva, MENDES (1997, p. 12) expõe como o ensino matemático pode alcançar o êxito:

Para que o ensino de matemática alcance seus objetivos, dando ao estudante habilidades e conhecimentos úteis que o preparem, como homem comum, para resolver os seus problemas diários, é necessário o uso de uma metodologia que valorize a ação do professor para que o aluno passe de mero espectador a um ser criativo. Não se trata de torná-lo um cientista, mas de fazê-lo compreender e questionar o conhecimento que ele próprio constrói.

Segundo a BNCC, em sua primeira competência do ensino fundamental a Matemática também é fruto das necessidades e preocupações em diferentes contextos socioculturais: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BRASIL, 2018, p.9).

Nesse sentido, destacamos a utilização da história com a matemática em uma metodologia de ensino como uma alternativa pedagógica que possui grande valia na reconstrução da motivação contextualizada da matemática escolar, oportunizando o desenvolvimento do caráter criativo e investigatório do discente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A História da Matemática

A relevância da utilização de informações históricas no ensino matemático tem aumentado, pois essa alternativa é viável e abrange diversas potencialidades:

A viabilidade do uso pedagógico de informações históricas baseia-se em um ensino de Matemática centrado na investigação; o que conduz o professor e o aluno à compreensão do movimento cognitivo estabelecido pela espécie humana no seu contexto sociocultural e histórico, na busca de respostas às questões ligadas ao campo da Matemática como uma das formas de explicar e compreender os fenômenos da natureza e da cultura. (MENDES, 2008, p. 91).

A História da Matemática propicia ao estudante, principalmente através da investigação no processo de aprendizado matemático, um ensino com maior significado, uma vez que, conhecer os pontos altos da matemática do passado, do ponto de vista histórico, encaminham um desenvolvimento mais eficiente da matemática atual. (D'AMBROSIO, 2009). A importância da história da matemática segundo FAUVEL (1991), se deve aos seguintes fatos:

1) a história aumenta a motivação para a aprendizagem da matemática; 2) humaniza a matemática; 3) mostra seu desenvolvimento histórico por meio da ordenação e apresentação de tópicos no currículo; 4) os alunos compreendem como os conceitos se desenvolveram; 5) contribui para as mudanças de percepções dos alunos em relação a matemática; 6) suscita oportunidades para a investigação em Matemática. (apud MIGUEL et al., 2009, p. 9).

No entanto, a utilização de informações histórias com a matemática é algo que requer diligência, pois ainda há grande resistência na execução de metodologias distintas das voltadas para o ensino tradicional. Por conseguinte, durante a aplicação da história da matemática na construção do edifício matemático podem ocorrer diversas dificuldades, MIGUEL et al. (2009, p. 10) listou algumas delas:

1) o despreparo dos professores que não tiveram tanto em sua formação inicial quanto na continuada, oportunidades de estudo da história da Matemática e da análise das possibilidades de inserção dessa história em suas práticas pedagógicas; 2) a falta de tempo de professores da Escola Básica para elaborar, testar e avaliar atividades pedagógicas que utilizem a história da matemática para a construção de conceitos matemáticos; 3) a ineficácia de dados históricos em livros didáticos que, em sua maioria, restringem-se a citações de datas e nomes, sem qualquer indicação para o professor de como a história poderia ser utilizada na construção de conceitos matemáticos por parte de seus alunos; 4) a grande quantidade de dados históricos incorretos existentes tanto em livros didáticos quanto em paradidáticos que usam a história com mero instrumento ilustrativo e 5) a quase inexistência de material bibliográfico com sugestões de atividades que possam ser utilizadas pelos professores em sala de aula. Esta última dificuldade decorre do fato de que nem todo texto sobre a história da Matemática tem potencialidades pedagógicas para o ensino da matemática na Escola Básica.

Tais dificuldades estão presentes no cotidiano docente e não se restringem a aplicação da história da Matemática, mas em qualquer proposta metodológica diferente da tradicional. O próprio material bibliográfico didático dificulta essa inserção, apesar de haver atualmente, uma certa preocupação entre os educadores matemáticos, na presença de tópicos relacionados a metodologia no livro didático. (MENDES, 1997).

Não obstante, ainda são poucos livros didáticos que auxiliam o professor na implementação da metodologia, uma vez que, a história por si só, não é sinônimo de um ensino matemático proveitoso. Segundo MIGUEL (1993, p. 109 apud MIGUEL et al., 2009, p. 10): “para poderem ser pedagogicamente úteis, é necessário que histórias da Matemática sejam escritas sob o ponto de vista do educador matemático”.

Buscando suprir essas dificuldades, é deveras importante que a história da matemática seja enunciada

[...] como um recurso que auxilie professores e alunos a desenvolver habilidades de investigação em matemática numa perspectiva de reconstrução do conhecimento elaborado anteriormente, de modo que ambos possam se apossar do conhecimento investigado com bastante intimidade e propriedade, podendo assim conduzir, de maneira mais viva, a sua disseminação no meio social. (MENDES, 1997, p. 14).

Além disso, é necessário ainda, que o docente faça relações interdisciplinares e teórico-práticas no desenvolvimento do estudo, pois a união entre diferentes conteúdos que estão sendo trabalhados paralelamente, além da junção entre teoria e prática no ensino matemático contribui e instiga o discente a observar de forma clara a matemática no contexto em que se vive, como explicita MIGUEL et al. (2009, p. 112): “O Professor deve, portanto, utilizar a história de um modo mais aliado às condições reais em que os estudantes se encontram, ou seja, a partir da incorporação dos aspectos socioculturais pelos quais os estudantes compreendem e explicam a sua realidade.”

Os processos relacionados a investigação matemática na metodologia história da matemática, transfigura um ensino matemático de modo que ocorram projetos investigativos dentro de sala de aula, oportunizando o discente uma educação matemática global e enriquecedora, assim, no contexto dessa perspectiva pedagógica, se faz necessário que o docente reflita: “[...] sobre a possibilidade de um encaminhamento de uma prática em Educação Matemática que valorize a investigação e a busca de informações como princípio de uma aprendizagem e socialização coletiva das informações. (MENDES, 2009, p. 15).

Os instrumentos históricos

Nesse sentido, podemos encontrar diversas informações intrínsecas a metodologia que proporcionem um ensino matemático mais contextualizado, dentre tantas, observamos que os instrumentos históricos possuem características na promoção da investigação, prática e contextualização: “Dentre as muitas potencialidades dos Instrumentos Matemáticos, eles permitem estudar a teoria e a experimentação por meio de uma fonte histórica (ou narrativa histórica) podendo

trazer ao discente uma aprendizagem com maior significado.” (PEREIRA, 2017, p. 11).

Através da experimentação, utilizar antigos instrumentos matemáticos possibilita que o discente observe em seu próprio espaço a construção dos conceitos matemáticos, fitando a matemática incorporada naquele instrumento inserida no mundo real, trazendo sentido no que foi desenvolvido em sala de aula: “O instrumento matemático, assim, possibilita estabelecer uma relação entre o que se encontra inscrito no instrumento e o espaço em que se localiza o sujeito que mede.” (SAITO, 2014, p. 32).

Dessa maneira, a construção da prática pedagógica com auxílio do instrumento histórico de medida ampara o discente a observar-se inserido nela própria, pois para utilizá-lo é preciso reconhecer a matemática relacionada ao instrumento, diferentemente nos instrumentos atuais, pois, através da tecnologia, os instrumentos de medição foram ficando cada vez mais fáceis de manusear e compreender:

Diferentemente dos modernos instrumentos, que geralmente realizam a medida com a mínima interferência de quem os manuseia (como uma régua, por exemplo), esses instrumentos requeriam não só destreza de quem os manuseava, como também de conhecimentos matemáticos relativos à medida. (SAITO, 2014, p. 32).

O quadrante náutico

É notório que a matemática, desde os primórdios da humanidade, foi se aprimorando, no que diz respeito aos seus conceitos e instrumentos a partir das necessidades humanas em suas construções sociais, e o quadrante náutico é fruto dessa necessidade, uma vez que durante a época das Grandes Navegações da Idade Moderna, entre os séculos XV e XVII, e a necessidade de lançar-se em auto-mar, era necessário saber minimamente a localização dos navegantes, dessa forma, foram construídos instrumentos matemáticos que realizassem essa tarefa.

Dentre tantos instrumentos históricos matemáticos, destacamos o quadrante náutico, por ele ser o primeiro instrumento utilizado nas navegações e por ser muitas vezes esquecido pelos pesquisadores, isso ocorre, para Reis (1988), pois não foram encontrados quadrantes em navios afundados no globo.

Figura 1 - Quadrante feito com papelão, canudo, graduação impressa, linha e peso de prumo.



Fonte: acervo do autor.

Apesar de parecer um simples instrumento, o quadrante possui características notáveis, principalmente em sua matemática incorporada, além disso, é valioso abordar dispositivos históricos que parecem ter menor complexidade e relevância:

Apesar da história do quadrante parecer pouco relevante, escolhemo-la para apresentar nessa Reunião porque temos a firme convicção que as histórias simples também devem ser contadas, e que, estas, por vezes, desencadeiam uma discussão que é extraordinariamente útil, pois permite não só esclarecer alguns pontos, aos quais não foi dada devida atenção, como fazer surgir novos aspectos, indispensáveis para o total conhecimento da matéria em causa. (REIS, 1988, p. 246).

O quadrante em um quarto de círculo, na utilização pelos navegantes, permitia determinar a altura angular dos astros em alto-mar, fornecendo a latitude em que se estava localizado, além disso, ele permite

[...] calcular, usando a altura do sol, a latitude de um determinado local ou a hora do dia, e a altura de um prédio por meio do quadrado das sombras, ou mesmo resolver problemas de topografia. Essas funções podem ser encontradas no quadrante citado na obra *Libros del saber de Astronomía encomendado e supervisionado pelo Rei D. Afonso X de Cartilha*, escrito no século XIII. (PEREIRA et al., 2017, p. 175).

A utilização do quadrante náutico era para, sobretudo, efetuar o cálculo da latitude que o navegante se encontrava. Quando se estava no hemisfério norte, onde havia o privilégio de enxergar a estrela polar, o cálculo da latitude era feito através desse astro, quando mira para ela e obtém sua altura angular, que conseqüentemente fornecerá a latitude que se encontra.

A utilização da estrela polar se justifica por ela está localizada muito próxima sob o eixo imaginário de rotação da terra, assim, ela fornece a latitude quase que

exata do observador. No entanto, ela é uma estrela de difícil visualização, então porventura, os navegantes recorriam a utilização do sol, porém, era necessário ter em posse tabelas de declinação do sol para o dia da medição.

Segundo REIS (1988), durante as navegações, o quadrante foi substituído rapidamente. Isso se justifica devido as várias dificuldades em sua utilização, observado em uma simulação, PEREIRA (2000) constatou erros prováveis de 17 minutos a noite e 16 minutos ao dia, pois além da falta de visibilidade durante certos dias, principalmente na noite, a marcação do ângulo era difícil, por causa das oscilações da correnteza em alto-mar, problema superado pelo instrumento que viera a seguir: o astrolábio.

A matemática incorporada no quadrante náutico envolve elementos do desenho geométrico, geometria plana e conceitos astronômicos, nesse sentido, favorece a abordagem na educação básica e propicia ainda, sua reconstrução (Figura 1), uma vez que não é necessário a utilização de componentes específicos e raros, fornecendo grandes potencialidades pedagógicas, pois permite que durante a proposta, seja revelado os conhecimentos acerca da matemática incorporada na sua construção e uso, que foram desenvolvidas a cada avanço tecnológico. (SAITO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido a partir da vivência, observação e reflexão, através dos conhecimentos enciclopédicos, acerca da educação matemática nos diversos níveis de ensino, no qual em grande parte, há domínio predominante do ensino tradicional. Dessa forma, os discentes enxergam a matemática como uma disciplina fria, lógica e distante da realidade, ocasionando níveis de analfabetismo matemático em todo o país.

Dessa forma, surge a necessidade da implementação de novas metodologias de ensino para a educação matemática, a qual refletimos sobre a relevância da história da matemática e do instrumento histórico quadrante náutico na construção de uma proposta de ensino matemática pautada na investigação. A utilização destes meios metodológicos auxilia no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo ao discente enxergar a matemática como disciplina humana, além da relevância desta ciência nas diversas esferas de nossa sociedade.

Observando tudo que foi exposto, embasado por diversos autores, acredito que alinhar diferentes recursos pedagógicos na promoção do ensino matemático favorece o discente a inserir-se nos processos de investigação e construção do estudo, de modo que ele participe de todo encadeamento no processo de ensino e aprendizagem proporcionando maiores possibilidades de aquisição e consolidação de conhecimentos através da vivência e contextualização, fazendo relações teórico-práticas, essenciais hodiernamente, durante toda a proposta pedagógica. Deixo este tema, ainda, como uma sugestão de trabalhos futuros que podem ser abordados por pares que considerarem pertinentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 17 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula**. Editora Livraria da física, 2009.

MENDES, I. A. **Tendências metodológicas no ensino de matemática**. v. 41. Belém: EdUFPA, 2008.

MENDES, I. A. **Ensino de Trigonometria através de atividades históricas**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

MIGUEL, A. et al. **História da matemática em atividades didáticas**. 2 ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

PEREIRA, A. C. C. **O ensino da aritmética por meio de instrumentos: Uma Abordagem utilizando do Rabdologiae seu numerationis per virgula**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

PEREIRA, A. C. C. et al. **A matemática incorporada na construção do quadrante descrito na obra Libros del Saber de Astronomía**. Revista Eletrônica de Educação Matemática, v. 12, n. 1, p. 173-191, 2017.

REIS, A. E. **O quadrante náutico**. Revista da Universidade de Coimbra, v. 34, separata, p.243-273. 1988.

SAITO, F. **Instrumentos matemáticos dos séculos XVI e XVII na articulação entre história, ensino e aprendizagem de matemática**. Rematec, Natal, v. 9, n. 16, p. 25-47, 2014.

Capítulo 3

SUPERENDIVIDAMENTO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A SITUAÇÃO FINANCEIRA DE ACADÊMICOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Nadabe de Souza Santos

Bacharel em Administração pela Faculdade Terra Nordeste – FATENE.

nadabesouza733@gmail.com

João Luis Josino Soares

Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bacharel em

Administração de Empresas pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF.

Docente na Faculdade Terra Nordeste – FATENE.

joaojosinoadm@gmail.com

RESUMO

O superendividamento da população é um tema que atualmente está sendo bastante discutido. E essa situação teve a sua maior intensificação durante o período de crise criado pelo vírus da COVID-19. Diante disso, esse artigo teve como objetivo analisar a situação financeira dos alunos de uma instituição ensino superior e compreender se os mesmos estão endividados ou não e qual a taxa de endividamento. Mais especificamente a) Definir o superendividamento e a causa da sua ocorrência; b) Identificar o nível de endividamento de acadêmicos em uma instituição de ensino superior; c) verificar a perspectiva do consumidor diante da influência das propagandas e publicidades e, por fim, d) entender como o consumidor se organiza financeiramente para conseguir sair da situação de endividado. Assim, foi feita uma pesquisa bibliográfica, para embasamento teórico e uma pesquisa de campo em uma universidade para que venha-se entender essa situação. Portanto, foi constatado que a parte da população pesquisada, não sofre tanto com o endividamento, mas em contra partida são poucos os que têm alguma educação financeira e, assim, sugere-se novas pesquisas sobre educação financeira e endividamento geral da população. O superendividamento da população é um tema que atualmente está sendo bastante discutido. E essa situação teve a sua maior intensificação durante o período de crise criado pelo vírus da COVID-19. Diante disso, esse artigo teve como objetivo analisar

a situação financeira dos alunos de uma instituição ensino superior e compreender se os mesmos estão endividados ou não e qual a taxa de endividamento.

Palavras chave: Endividamento. Consumidor. Influência digital. Educação financeira. Organização financeira.

ABSTRACT

The over-indebtedness of the population is a topic that is currently being widely discussed. This situation has been exacerbated during the crisis period caused by the COVID-19 virus. In light of this, the objective of this article was to analyze the financial situation of students in a higher education institution and understand whether they are in debt or not, as well as the level of indebtedness. Specifically, the aims were to a) define over-indebtedness and its causes; b) identify the level of indebtedness among students in a higher education institution; c) examine consumers' perspectives on the influence of advertisements and marketing campaigns; and finally, d) understand how consumers organize themselves financially to overcome their indebtedness. Thus, a literature review was conducted to provide theoretical background, followed by a field study at a university to gain a deeper understanding of this situation. Consequently, it was found that a significant portion of the surveyed population does not suffer from significant levels of indebtedness. However, it was also observed that only a few individuals have any financial education. Therefore, it is recommended to conduct further research on financial education and the overall indebtedness of the population.

Keywords: Indebtedness. Consumer. Digital Influence. Financial Education. Financial Organization.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a sociedade foi se modificando e, atualmente, ela nos influencia a consumir cada vez mais. Nos anos de 2020 a 2022, o mundo passou por um período de crise causada pela COVID-19, um vírus respiratório altamente letal para os humanos. Com essa premissa, as pessoas se viram obrigadas a ficarem isoladas em suas casas e, dessa maneira, começaram a ser influenciados a consumir das mais diversas maneiras, seja comprando ou apenas consumindo músicas, vídeos, publicidades, entre outros.

Com o aumento citado anteriormente, desperta no consumidor um desejo que outrora não tinha e induz a querer comprar gerando o consumo excessivo. A consequência desse ato faz o consumidor gastar mais do que o esperado em seu hábito frequente e sendo possível valores maiores que o seu provento pode suprir e esse indivíduo, cria dívidas que não podem ser quitadas.

Deve ser considerada também a evolução tecnológica e a evolução dos produtos. É notório que com o passar do tempo novas tecnologias são descobertas e,

dessa forma, o consumidor fica mais desejoso a consumir a o novo avanço. O colunista do the New York Times, Thomas Friedman, que participou de um evento em São Paulo fez uma importante observação sobre as novas melhorias empregadas. Em sua fala ele comenta que, “estamos em um momento em que a tecnologia está evoluindo mais rápido do que a capacidade humana”.

Como isso afeta a relação do consumo e o endividamento? Sabe-se que hoje em dia com o crescimento do mercado de crédito gera o consumo massificado, desse modo, o consumidor que não tem o devido controle acaba por acumular dívidas. Esse endividamento pode ocorrer de várias formas, como por exemplo, a compra excessiva de produtos relacionado a influência de consumir sem a necessidade devida, a alta na inflação fazendo com que os preços sejam elevados, e o desemprego.

Essa situação, também, está diretamente atrelada a sociedade de consumo, visto que, com a criação das redes sociais somos bombardeados, todos os dias, com novos produtos ou serviços e isso faz com que, mesmo não precisando, desperte no consumidor a necessidade de adquiri-lo. Essa falsa sensação de necessidade faz com que realize compras excessivas e, conseqüentemente, ultrapasse o poder de quitação de crédito, assim, fazendo com que o consumidor não consiga pagar as suas obrigações.

O consumidor fica excluído da sociedade de consumo por não ter o poder de compra. No Código de Defesa do Consumidor (CDC) existem artigos que tratam diretamente sobre isso. Em sua redação fala que é obrigação do Estado proteger o consumidor e, no Art. 4º inciso X diz expressamente que “prevenção e tratamento do superendividamento como forma de evitar a exclusão social do consumidor” (BRASIL, 1990), ou seja, é dever do estado proteger e orientar o consumidor pelas mais diversas ferramentas de comunicação sobre a consciência do consumo, já que é garantido como direito básico do consumidor no art. 6 do CDC.

Portanto, o estudo sobre o superendividamento da população de uma instituição de ensino superior, com o objetivo geral de compreender a situação financeira atual dos alunos com matrícula ativa e verificar como o consumidor se comporta diante da intensidade de consumo que são expostos diariamente, além de entender como esse consumidor se comporta em relação a sua vida financeira.

Assim sendo, essa pesquisa tem por objetivo específicos; a) Definir o superendividamento e a causa da sua ocorrência; b) Identificar o nível de endividamento de acadêmicos em uma instituição de ensino superior; c) verificar a

perspectiva do consumidor diante da influência das propagandas e publicidades e, por fim, d) entender como o consumidor se organiza financeiramente para conseguir sair da situação de endividado.

Assim, para complemento e aprofundamento do estudo deve ser feito uma pesquisa quantitativa, com a amostragem da população de alunos de uma instituição de ensino superior, para que se tenha noção e perspectiva do consumidor em relação ao tema proposto neste artigo.

E dessa maneira, os resultados sobre o nível de endividamento devem ser disponibilizados para os mantenedores da instituição em que foi realizada a pesquisa, com intuito de que eles tenham percepção e crie métodos para ajudar os alunos a saírem de dívidas que possam ter. Também, é válido salientar que, a pesquisa desenvolvida sirva para a sociedade de modo geral e para que as pessoas, como consumidoras, tenham uma visão de como é o mercado empresarial e como ele se comportou durante o período de 2020 a 2022 e igualmente, saber o comportamento do consumidor durante o mesmo período.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Contextualização do cenário social e econômico do Brasil

Após a confirmação do primeiro caso de COVID-19 no Brasil as autoridades começaram a tomar atitudes para controle dos casos e dessa maneira evitar o colapso no sistema único de saúde (SUS), bem como em hospitais particulares. Assim, o governo do estado do Ceará, em seu decreto de número 33.519/2020 (CE, 2020) decreta que: CONSIDERANDO a necessidade da adoção de medidas para promover o isolamento social da população durante o período excepcional de surto da doença, sendo já senso comum, inclusive de toda a comunidade científica, que esse isolamento constitui uma das mais importantes e eficazes medidas de controle do avanço do vírus; (GOVERNO DO ESTADO CEARÁ, 2020, p.1)

Diante dessa situação, a maior parte da população começa a trabalhar de casa e fica proibido de sair, e por esse motivo, como forma de distração e de interação social, já que estão em isolamento social, começam a consumir mais conteúdo das redes sociais. Em uma pesquisa realizada por MALTA (2020) mostrou que durante a pandemia de COVID-19 o tempo médio de consumo das redes sociais entre pessoas de 18 à 29 anos aumentou cerca de 3 horas de consumo em relação ao período antes do isolamento social.

Diante disso, as marcas em geral começaram a ter uma visão diferente diante da crise, pois com suas lojas fechadas precisaram recriar os modos de vendas e sobressair da crise que já propagada no mundo. Desse modo, começaram a usar ferramentas que estavam surgindo e as redes sociais foram o grande precursor do mercado.

Um desses novos métodos foi a contratação de *influencers* digitais. As marcas fazem o contato e associam à imagem e conteúdo desses profissionais aos seus produtos e a divulgação nas suas redes sociais. No geral, esses *influencers* têm muitos seguidores e engajamento acabam por fazer jus ao nome da profissão e influenciam os consumidores de seus conteúdos a comprarem tal produto estimulando a compra pelo impulso e desejo.

Outra questão a ser considerada diz respeito à concessão de crédito pessoal. Com o surgimento de novas instituições financeiras, tem-se observado a disponibilização de crédito para a população sem a necessidade de verificação de renda. Segundo Machado (2018 p. 105) “[...] sem o cuidado de preservar a saúde financeira do devedor, tornando-o cada vez mais dependente do sistema financeiro, o que pode gerar o seu superendividamento.” Isso é prejudicial, pois a falta de verificação financeira do consumidor resulta em seu endividamento, uma vez que ele não consegue arcar com o crédito concedido. Esse cenário pode levar ao superendividamento, criando uma situação em que as dívidas se acumulam e se tornam cada vez mais difíceis de serem quitadas.

Neste contexto, o superendividamento nada mais é que o ato de não conseguir quitar as suas dívidas. Para Marques (2020) o superendividamento é definido “como a impossibilidade global de o devedor-pessoa física, consumidor leigo e de boa-fé, de pagar todas as suas dívidas atuais e futuras de consumo”. Assim, o consumidor de boa-fé, que por necessidade, pegou crédito pessoal, empréstimos ou fez alguma compra com a intenção de quitar e não conseguiu é considerado o indivíduo superendividado.

Em uma outra perspectiva o superendividamento está ligado ao consumo em excesso, Battello (2006) diz que “o superendividamento é um fenômeno que assola diversas sociedades ocidentais e é caracterizado pelo consumo massificado.” Ou seja, o superendividamento está diretamente ligado ao excesso de consumo de produtos no qual o indivíduo foi influenciado a comprar.

Além da influência de consumo para compra, atualmente o consumidor é tratado como objeto, mercadoria e, assim, as redes sociais colaboram para que isso ocorra, visto que, hoje, grande parte da sociedade é altamente conectada e a todo momento somos bombardeados de informações, publicidade, propagandas.

Na parte final do livro a “vida para consumo” do sociólogo Zygmunt Bauman descreve a sociedade atual sobre tal assunto e diz que: “A busca por prazeres individuais articulada pelas mercadorias oferecidas hoje em dia, uma busca guiada e a todo tempo redirecionada e reorientada por campanhas publicitárias sucessivas.” (BAUMAN, 2008: 154).

A perspectiva empresarial diante dos novos modelos de mercado e as soluções adotadas por elas

Atualmente as redes sociais são grandes atrativos para prospecção e divulgação de marcas e produtos. Pois com avanço tecnológico e a disseminação do COVID-19 as empresas tiveram que se adaptar. Maia (2022) afirma que “A crise gerada pela pandemia obrigou a uma mudança na estratégia de marketing de todos os negócios, independentemente da área geográfica ou campo de atuação”.

Assim, muitos empresários começaram a pensar em um novo modo de realizar estrategicamente o marketing de suas empresas, bem como, procurar estratégias para manter sua marca e os seus clientes ativos.

Considerando isso, as organizações e seus gestores começaram a trabalhar ações mercadológicas como forma de segurar a empresa nos eixos. Agora, o esse setor que antes era subestimado e tratado como setor de gasto para as organizações começou a ser mais ativo. Segundo Maia (2022) o “Marketing, que muitas vezes é subestimado e considerado apenas um custo, em um centro de aquisição receita de forma previsível, escalonável e sustentável”.

Nessa perspectiva, as redes sociais passaram a ser grandes aliados dessas novas ferramentas e do aprimoramento das mesmas. Já que a população estava cada dia mais conectada, o famoso marketing boca-a-boca passou a ser mais eficaz e mais ágil. Pois, agora, não há limitação de encontrar uma pessoa para fazer tal propaganda, simplesmente pode se mandar uma mensagem para a mesma. E isso, faz uma interação muito maior entre os indivíduos. Kimura (2008) afirma que “assim, a interação entre os indivíduos dentro de uma sociedade conduz à formação de laços ou conexões que impactam o desempenho do grupo”.

Percebe-se que essa conexão pode gerar impactos, tanto negativos, como fácil divulgação de algum produto que não está atendendo os requisitos do mercado, quanto positivos como a divulgação positiva dos seus produtos/serviços.

Isto posto, surge uma nova preocupação com a comunicação assertiva com seus clientes, pois em um cenário de medo e de incertezas a interação humana e a comunicação nunca foram tão bem discutidas na sociedade, Maia (2022) diz que isso está muito longe da publicidade e do discurso social. Longe da publicidade e do discurso comercial, este é o momento de uma comunicação que inspire mais tranquilidade, em um período caracterizado pelo medo: medo de adoecer, medo de precisar faltar ao trabalho, medo da mudança e, principalmente, medo do futuro e, neste contexto, a ligação humana nunca foi tão importante, apesar da crescente dependência dos canais digitais. (MAIA, 2022, p 14 ou 942)

Mas de todo modo as redes sociais tornaram-se, realmente, uma forma de estreitar os laços dos consumidores com as empresas. Desse jeito as empresas começam a fornecer produtos e serviços personalizados para cada consumidor, deixando-o mais atrativo. Essa personalização tem seu preço e conseqüentemente esse preço é repassado no valor final ao cliente, muitas das vezes esse preço fica com um valor mais alto.

Agora, essas divulgações são feitas das mais diversas formas, mas uma bastante utilizada tanto durante a pandemia, tanto atualmente, é o marketing de conteúdo. As empresas, que já são cientes do seu público-alvo procura por pessoas que são relativamente famosas nas redes sociais para fazer o conteúdo com aquele produto e atrair o público daquele influenciador a comprar.

Atualmente essa forma de propaganda, que é influenciar diretamente aquelas pessoas, passa a ser conhecida no meio digital como “publi”. Segundo Bonfim et al. (2021 p, 266) afirma que, “a forma de propaganda conhecida como “publi”, que tem por objetivo influenciar diretamente o público-alvo, é amplamente nas mídias digitais”. São essas publicidades que fazem com que a profissão de influenciador crie engajamento.

A perspectiva do consumidor sobre a influência digital e o superendividamento

O código de defesa do consumidor define consumidor como toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final (BRASIL,

1990). Indo mais além, Machado (2018, p. 47) diz que há dois tipos de consumidores, “[...] os privilegiados e os desfavorecidos - estes, também conhecidos como hipossuficientes”.

Em uma outra perspectiva, considera-se consumidores todos os indivíduos que fazem o consumo de algo, mesmo que ele não faça a compra daquilo. Como por exemplo, na atualidade estamos a todo tempo consumindo algo, seja música, vídeos, publicidades. É real que com presságio pandêmico as pessoas começaram a consumir cada vez mais coisa e todos os dias são bombardeados por informações e, principalmente, publicidades.

As redes sociais mudaram significativamente o estilo de vida das pessoas Faneco (2021 *apud* WANG et al., 2020). Como já citado, isso fez com que houvesse uma comunicação ativa maior entre os seus usuários como forma de diminuir as saudades que o isolamento social deixou.

Diante de tal situação, esses usuários passaram a consumir, muitas publicidades que as marcas estavam fazendo. E por sua vez o consumidor passou a ter desejo de comprar aquilo. Todavia, esses consumidores passaram a comprar esses produtos sem ter noção de como a sua vida financeira iria ficar, de modo que o que importava era comprar aquele produto para possuir o status que a sociedade impõe sobre tal marca. Pois, o poder de compra está ligado ao nome da marca, ou seja, se a marca tem prestígio é de alto renome, comprar algo dela é significado de poder (FANECO et al., 2021).

É válido ressaltar que, durante esse período de crise do COVID-19, o governo federal liberou para os cidadãos brasileiros um auxílio para suprir as suas necessidades básicas e, principalmente, para trabalhadores informais ou trabalhadores que perderam seus empregos em virtude da pandemia (AGÊNCIA BRASIL, 2020). É válido apontar que durante esse período de 2020 a 2022 o Brasil teve o número recorde de desempregados em 2021 (G1, 2022).

Mesmo com esse cenário muitos consumidores entram em linhas de créditos e esses por sua vez não avaliam o seu histórico de dívidas e pagamentos, além de promover abusos nos contratos que são feitos colocando grande incidências de juros e assim gerando um montante que fica impossível saldar (MACHADO, p. 48, 2018).

Todos esses cenários podem levar ao consumidor ao superendividamento, tanto o cenário de estímulo publicitário como cita Machado (2018, p., 49), quanto às altas taxas de juros inseridas nos empréstimos. Dessa forma, o consumidor de boa-fé

e sem educação financeira começa a ter dívidas que vão se acumulando ao longo dos anos e por isso é necessárias medidas de controle de publicidades e de educação financeira para os consumidores e como já exposto essas medidas devem ser divulgadas e incentivadas pelo governo, para que assim os consumidores saiam da situação de superendividamento.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, iremos abordar os métodos que foram utilizados para a realização da pesquisa, sobre o superendividamento da população. Primeiramente foi feita uma análise documental em artigos científicos e livros que, de acordo com GIL (2008 p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Dessa maneira, usou-se também dessa técnica para ter uma base teórica sobre o que é superendividamento, como ele ocorre, qual a visão do empresário/fornecedor de serviço/produto, a visão do consumidor de boa-fé e análise geral de dados.

Assim, foi realizada também uma pesquisa quantitativa, trazendo amostras reduzidas que sintetizam os dados de forma numérica, tabulando-os (MARKONI & LAKATOS, 2010). Dessa maneira, foi realizada algumas perguntas, que respondem aos objetivos descritos nesse artigo, e solicitado aos alunos de uma instituição de ensino que respondessem. A pesquisa ficou exposta para o público em geral em murais de sala de aula e por link compartilhado via rede social.

Portanto, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois gera conhecimento e ainda sugere soluções para o problema levantado. Segundo Gil (2008 p. 42) “a pesquisa descritiva tem por objetivo estudar características de um grupo”. Assim, se define essa pesquisa como descritiva, pois foi feita uma análise de grupo de pessoas selecionadas por conveniência determinando características, como idade, sexo, entre outros, além de Markoni e Lakatos (2011) define como estudo descritivo é aquilo que apresenta um fenômeno ou situação, mediante a um estudo realizado em um período de tempo. Logo, nessa pesquisa, há delimitado um período de tempo em que a pesquisa ocorre e o estudo de uma situação que acontece na vida de muitas pessoas, que é a situação de endividamento ou superendividamento.

A pesquisa também se baseia, inicialmente, em uma revisão bibliográfica, que como já citado, utiliza-se de materiais já elaborados anteriormente e publicado que

pode ser, livros, artigos científicos publicados em periódicos, jornais, revistas, anais de congressos, dissertações teses defendidas e sítios de instituições competentes. Esse método, ajuda o pesquisador a desenvolver um referencial teórico sólido e, ainda, auxilia na interpretação das informações e na ampliação do conhecimento sobre o tema que está sendo investigado. A utilização de fontes confiáveis é essencial para garantir a qualidade e a precisão dos resultados obtidos. (LAKATOS, 2002).

Por conseguinte, foi aplicado um questionário, de múltipla escolha, para os alunos dessa instituição, foi feita uma divulgação via meios digitais pelo próprio autor. O questionário se baseia em três seções. Primeiramente, perguntas para definir a característica do grupo estudado, ou seja, perguntas de cunho social. Em seguida, são expostas perguntas para identificar se o entrevistado está endividado, a causa do endividamento e a relação de consumo de mídias sociais e, por fim, perguntas para saber se as pessoas têm conhecimentos financeiros, suficiente e se ela usa de alguma ferramenta para se organizar financeiramente para sair do endividamento ou não ficar endividado.

Na metodologia deste estudo, a análise de dados é uma etapa crucial e foi realizada por intermédio do método de análise tabular descrita que agrupa no formato de gráficos para concentração de informações objetivas mediante análise estatística em frequências absolutas e relativas, esse método de análise foi definido por Marconi & Lakatos (2010) como sendo a “elaboração de indicadores em que se apoiarão as hipóteses obtidas a partir das definições operacionais dos conceitos teóricos apoiados na investigação”.

Os gráficos confirmam se a hipótese do superendividamento de uma população de alunos de uma faculdade é real. Além, claro, de mostrar os dados feitos nesta pesquisa. Sendo assim, o público que respondeu ao questionário foi escolhido por conveniência e, portanto, não foi atingido a amostra mínima de candidatos respondendo ao mesmo. E dessa forma, os dados apresentados podem vir a ser inconstantes e não mostrar uma estatística real da situação da população investigada, mas serão apresentados na seção seguinte.

ANÁLISE DOS DADOS

Iniciamos esse tópico definido a partir dos dados coletados o público que foi entrevistado. Foram aceitas respostas do dia 28 de abril de 2023 até o dia 23 de maio

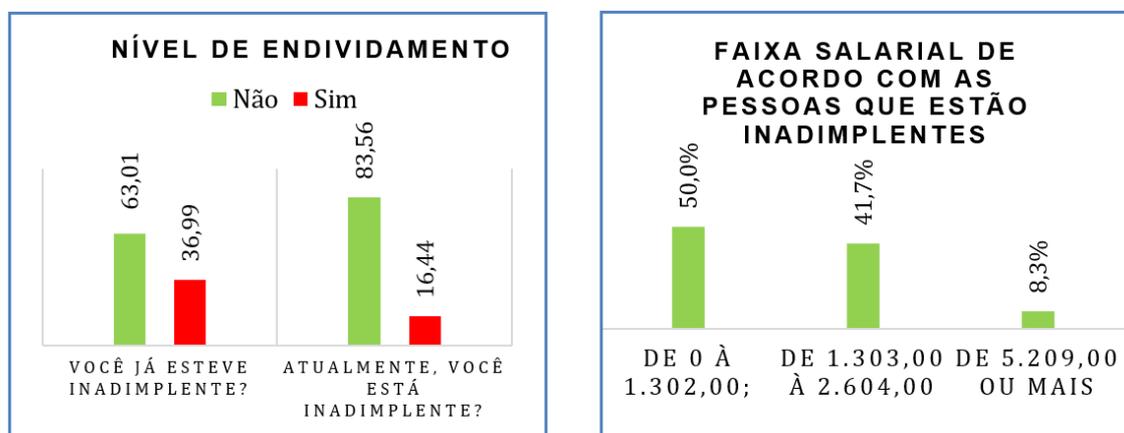
de 2023, de alunos de uma faculdade que fica localizado no município de Caucaia/CE. Ao todo responderam ao questionário 73 alunos, dos mais variados cursos dessa instituição obtendo o maior número de respostas pelos alunos do curso de administração com 50,7% em seguida do curso de ciências contábeis com 23,3% das respostas, os outros 26% foram de respostas dos outros cursos que são ofertados na instituição de ensino.

O público que mais respondeu foi o feminino sendo 67,1% das respostas e 32,9% sendo do gênero masculino. Além disso a faixa etária desse público é 19 à 29 anos sendo 89% do público total e os outros 11% variam entre os menores de 18 anos e maiores de 30 anos. Também foi perguntado sobre a atual ocupação dos questionados e, 46,6% dos entrevistados estão trabalhando em regime CLT, 9,6% trabalham de forma autônoma e 43,8% estão desempregados. E ainda, entre os entrevistados a faixa salarial foi de 56,2% para pessoas que recebem até R\$ 1.302,00. Percebe-se que a maior parte da população entrevistada vive com apenas um salário mínimo (A pesquisa foi realizada entre os abril e maio e por isso o valor do salário mínimo está desatualizado).

Para iniciar as perguntas que envolve diretamente a pesquisa, foi verificado se as pessoas estão ou não endividadas e, se em algum momento da vida já esteve com o nome inadimplente. Para nome inadimplente foi considerado pessoas que tem o nome no SPC/Serasa, que é o sistema brasileiro em que a empresa registra se o consumidor está ou não quitando suas obrigações.

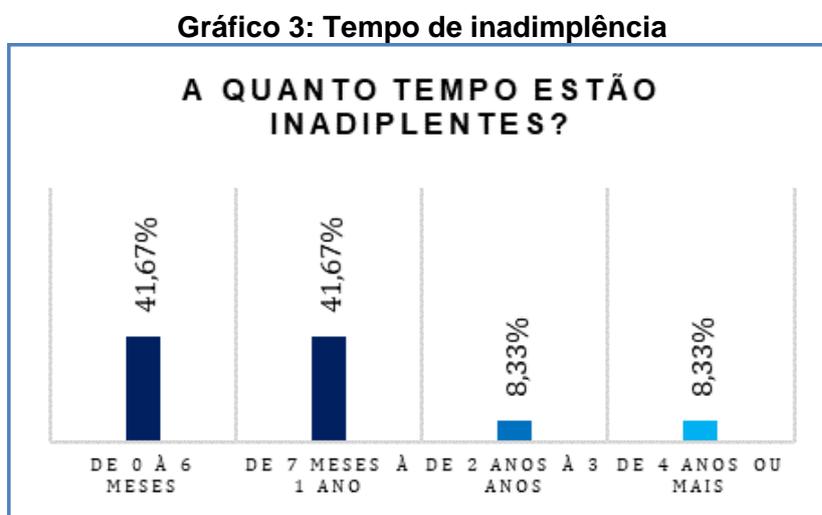
Ainda, foi feito uma análise comparando o nível de endividamento segundo o valor em que os entrevistados recebem como salário.

Gráficos 1 e 2: Nível de endividamento e faixa salarial



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Do total pesquisado cerca de 36,99% já estiveram em situação de inadimplência e atualmente 16,44% continua nessa mesma situação. Vale ressaltar que a maior parte das pessoas que atualmente estão inadimplentes, recebem apenas um salário mínimo, isto é, os consumidores atualmente recebem valor que é inferior ao que é necessário para pagar as suas despesas básicas e, ainda, são diariamente influenciadas a comprar algo ou, de alguma forma, fazer dívidas. Machado (2018) diz que, a classe dos consumidores desfavorecidos é aquela de baixa renda que sempre são estimuladas ao consumo, mesmo que para bens supérfluos ou bens necessários.



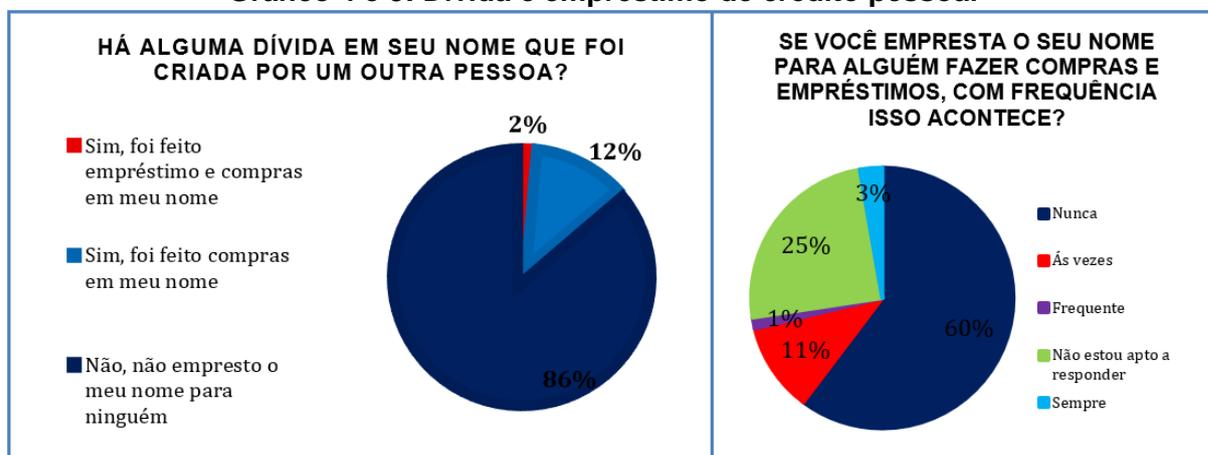
Fonte: dados da pesquisa (2023)

No gráfico acima, pode-se observar que aproximadamente 83,34% dos entrevistados estão inadimplentes há cerca de 1 ano e, ainda, esses que estão inadimplentes relataram estar desempregados. Diante do fato exposto, pode ser considerado como uma das causas dessa situação de endividamento, o desemprego ou a informalidade dos trabalhadores. É válido ressaltar que, como mencionado anteriormente, o índice geral de desemprego entre toda população que respondeu ao questionário é de 43,8%. Durante o período de crise que instaurou no mundo e atingiu a todos, a taxa de informalidade no Brasil aumentou, atingindo 40,8% e, assim, com a diminuição das oportunidades de emprego, é natural que os níveis de inadimplência também aumentem (COSTA, 2020).

Também foi analisado se a inadimplência dos entrevistados foi causada por eles mesmos ou por terceiros. Os dados coletados mostram que 86% dos entrevistados não emprestam seu nome para realizar compras ou empréstimos,

enquanto os outros 14% emprestam, o que representa também um fator de risco e pode levar o consumidor a ficar inadimplente.

Gráfico 4 e 5: Dívida e empréstimo de crédito pessoal

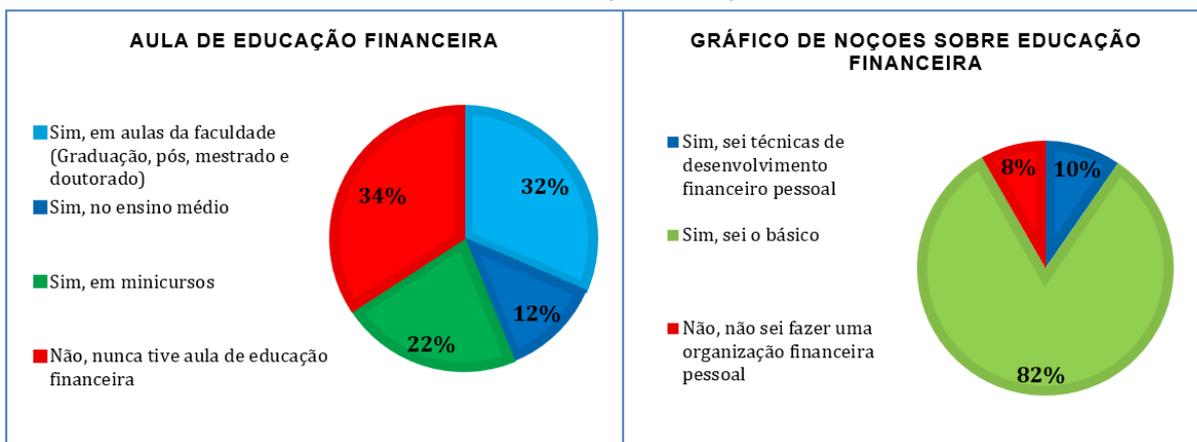


Fonte: dados da pesquisa (2023)

Além disso, existe a possibilidade de as pessoas realizarem compras e empréstimos sem uma análise financeira pessoal prévia, o que pode resultar na exclusão do indivíduo da sociedade de consumo, pois restringe seu poder de compra. Portanto, é crucial que a sociedade como um todo possua conhecimento financeiro, ou seja, que os membros da sociedade compreendam as finanças e saibam como administrá-las. Assim sendo, a educação financeira é considerada um processo de transmissão de conhecimento que capacita os indivíduos a tomar decisões seguras, melhorando a gestão de suas finanças pessoais e desenvolvendo habilidades. (SAVOI, SAITO, SANTANA, 2007)

Somando a isso, foi analisado o nível de conhecimento financeiro dos participantes e se em algum momento da vida deles já realizaram alguma compra ou fecharam contrato de empréstimos sem analisar a suas finanças e se o seu poder aquisitivo ou a sua situação naquele momento conseguiria suprir todas as suas obrigações.

Gráficos 6 e 7: Educação e noção financeira



Fonte: dados da pesquisa (2023)

É evidente que muitos dos entrevistados possuem conhecimentos financeiros básicos. Mesmo aqueles que não participaram de aulas de educação financeira ainda têm algum entendimento sobre o assunto. No entanto, é notável que 8% da população não sabe como se organizar financeiramente. Essa falta de organização financeira pode ser considerada um fator crucial para o endividamento do indivíduo, uma vez que ele não demonstra controle sobre sua vida financeira. A educação financeira sempre foi de extrema importância para os consumidores, ajudando-os a planejar e administrar suas finanças. (SAVOI, SAITO, SANTANA, 2007)

Gráfico 8: Nível de organização financeira

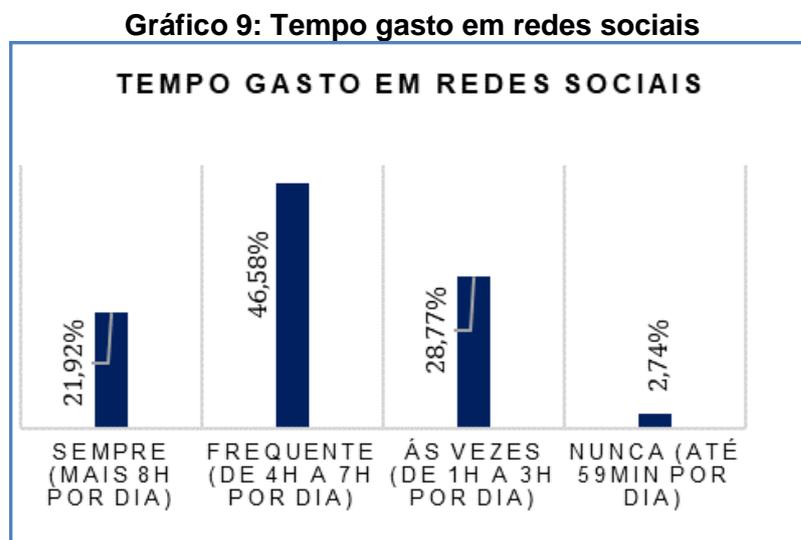


Fonte: dados da Pesquisa

Foi constatado que 5% dos candidatos não realizam qualquer forma de organização financeira, enquanto 36% raramente realizam. Como mencionado

anteriormente, essa falta de organização pode resultar na exclusão do candidato da sociedade de consumo e restringir seu poder de compra no mercado.

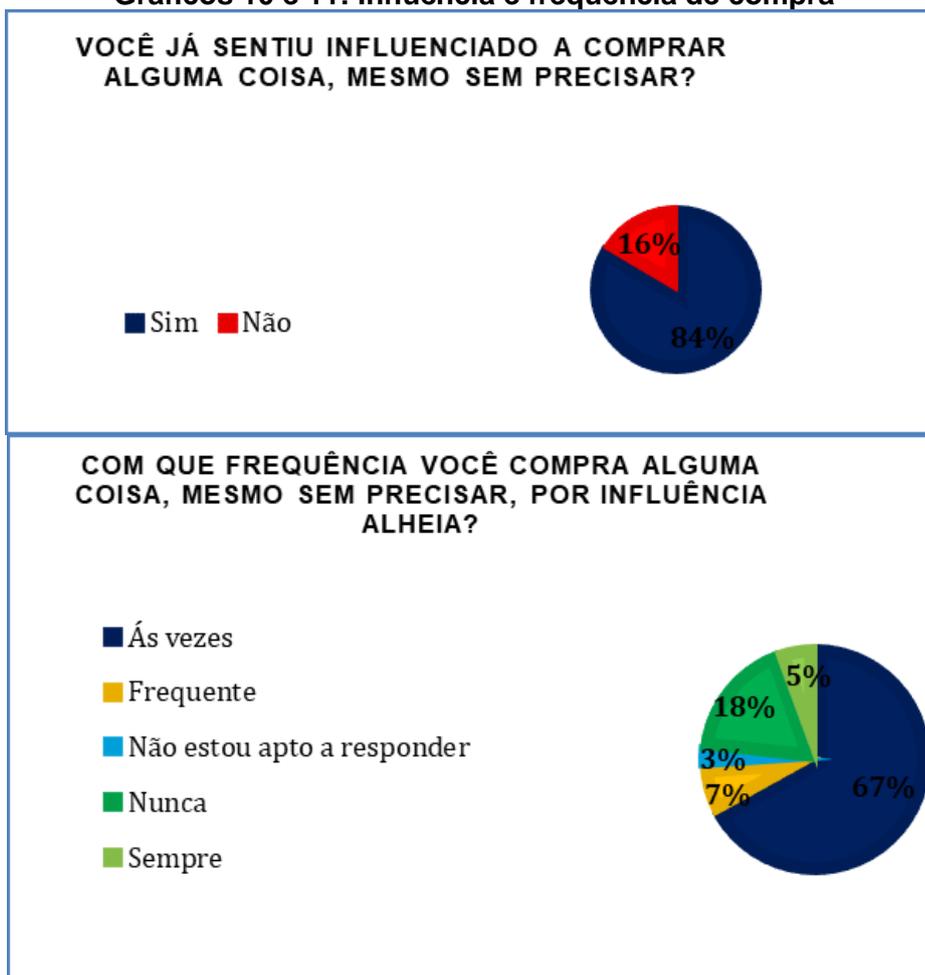
Além de toda análise financeira feita na pesquisa, também foi realizada uma análise para saber o quanto as redes sociais influenciam na necessidade de compra, isto é, procurou-se entender o impacto que a plataformas digitais têm na formação do desejo e no comportamento de consumo. Foi identificado que, mais de 46,58% dos entrevistados passam em média 4h a 7h por dia fazendo uso de redes digitais. E ainda, 21,92% passam em média 8h por dia nas redes sociais.



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A seguir vai ser analisado, diretamente sobre a influência que os consumidores sofrem. Primeiramente identifica se eles sofrem algum tipo persuasão por parte de pessoas próximas e com que frequência isso acontece e posteriormente será abordado se eles acompanham o trabalho de algum influenciador de digital e se de alguma maneira ele é manipulado por esses *digitais influencers*.

Gráficos 10 e 11: Influência e frequência de compra



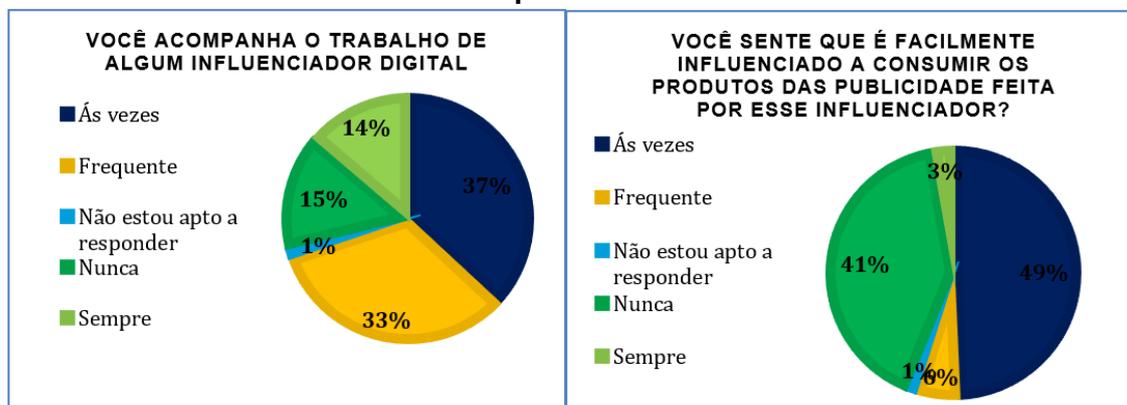
Fonte: dados da pesquisa (2023)

Analisando os gráficos, podemos observar que 84% das pessoas já foram influenciadas a realizar compras, mesmo sem necessidade. Esse fenômeno ocorre de forma recorrente, como evidenciado no gráfico 11, no qual 67% das pessoas afirmam sentir-se pressionadas a consumir, mesmo sem necessidade real. Por outro lado, apenas 18% não se deixam influenciar. Considerando o que foi discutido anteriormente, fica claro que evitar essas influências é benéfico para a saúde financeira.

Adicionalmente, foi examinado se os candidatos tinham o hábito de acompanhar regularmente o trabalho de algum influenciador digital. Na análise geral dos dados, verificou-se que a maioria esmagadora, representando 51% dos entrevistados que responderam "às vezes" e "sempre", segue o trabalho de algum influenciador, enquanto apenas 15% afirmaram "nunca" acompanhá-los. Agregando a isso, constatou-se que 52% da população entrevistada é influenciada a consumir por esses influenciadores. É interessante notar que, mesmo com um menor índice de

peças que os seguem, a taxa de indivíduos facilmente influenciáveis é maior em 1%.

Gráficos 12 e 13: Acompanha trabalho de influenciador



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Dessa forma, nesta seção, foram examinados o nível de endividamento dos consumidores e sua capacidade de compra. Também foi destacado que alguns dos entrevistados não tiveram acesso à educação financeira, embora tenham conhecimentos básicos para se organizarem financeiramente. Além disso, foi verificado se esses consumidores são facilmente influenciados, seja por pessoas próximas a eles ou por influenciadores digitais que têm como objetivo incentivar o consumo dos produtos promovidos em suas publicidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, foi exposta a situação dos alunos de uma instituição de ensino superior localizada em Caucaia/CE, e de forma geral constatou-se que os estudantes que participaram do questionário não apresentam um alto índice de endividamento. Na verdade, uma considerável parcela da população pesquisada consegue honrar seus compromissos financeiros de forma satisfatória.

Adicionalmente, constatou-se que uma parcela significativa da população, inclusive entre os estudantes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, não recebeu o devido ensinamento sobre como organizar suas finanças. Isso ocorre devido à falta de uma atuação efetiva das autoridades no Brasil no sentido de capacitar adequadamente a população nesse aspecto (SAVOI, SAITO, SANTANA, 2007).

Diante desse cenário, fica evidente a importância da educação financeira para a sobrevivência e qualidade de vida das pessoas. Nesse sentido, é imprescindível a criação de políticas públicas que ofereçam auxílio e orientação financeira à população, a fim de evitar a criação de dívidas e promover uma gestão financeira mais saudável.

Foi constatado que alguns consumidores são amplamente influenciados a adquirir produtos e serviços. Essa influência está relacionada tanto à sociedade de consumo em que estamos inseridos quanto ao impacto exercido por pessoas próximas e influenciadores digitais.

Durante a pesquisa, foram alcançados os objetivos de compreender o fenômeno do superendividamento e avaliar o nível de endividamento dos participantes. Além disso, foi analisado o entendimento dos consumidores em relação à influência que sofrem, identificando que muitos são conscientes quando estão sendo influenciados e se isso ocorre com frequência. Também foi constatado que muitos consumidores possuem noções básicas de organização financeira, porém percebeu-se a necessidade de introduzir a educação financeira nas escolas de ensino médio, a fim de proporcionar aos jovens um conhecimento e compreensão sobre como se organizar financeiramente ao chegarem à fase adulta.

Dessa forma então, sugere-se uma extensão deste estudo para uma investigação mais aprofundada com os candidatos que se encontram em situação de endividamento, visando compreender de forma mais detalhada como eles chegaram a esse ponto. Além disso, recomenda-se a realização de uma pesquisa em escolas de ensino médio para avaliar a percepção e o conhecimento dos alunos em relação à educação financeira, a fim de evitar que enfrentem problemas de endividamento pessoal no futuro. Essas iniciativas proporcionariam um maior embasamento para a implementação de estratégias e políticas efetivas no campo da educação financeira, visando prevenir o endividamento excessivo e promover uma cultura de planejamento financeiro saudável desde cedo.

REFERÊNCIAS

BONFIM, R. A.; COSTA, J. V.; SOUZA, R. M. **Marketing de influência no Brasil: conceitos, percepções e práticas.** Revista Brasileira de Marketing, v. 20, n. 2, p. 262-280, 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990.** Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 set. 1990. Seção 1, p. 15275

BRITO, A. A; THIMÓTEO, T, B; BRUM, F. **Redes sociais, suas implicações sobre a imagem corporal de estudantes adolescentes e o contexto da pandemia do coronavírus (covid-19).** Rio de Janeiro: Temas em Educação Física Escolar, v. 5, n. 2. 2020, p. 105 – 125.

CEARÁ. **Decreto nº 33.519, de 19 de março de 2020.** Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio pelo novo coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Ceará. Diário Oficial do Estado do Ceará, Fortaleza, 19 mar. 2020.

COSTA, S. DA S.. Pandemia e desemprego no Brasil. **In: Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 969–978, jul. 2020.

FANECO, A. et al. A influência das redes sociais no consumo de bens de luxo: revisão da literatura e análise exploratória. **In: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2020. ISSN 2178-7638.

G1. **Brasil tem recorde de desempregados em 2021, aponta IBGE.** G1, Economia, Rio de Janeiro, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/31/brasil-tem-recorde-de-desempregados-em-2021-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KIMURA, H., BASSO, L. F. C., & MARTIN, D. M. L. (2013). Redes sociais e o marketing de inovações. **In: Revista Brasileira de Marketing**, 12(2), 33-46.

LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa científica: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados /** Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, M. A. **O Superendividamento do Consumidor de Crédito.** Série Aperfeiçoamento de Magistrados. Curso de Constitucional. Normatividade Jurídica. Revista Eletrônica da OAB Joinville | Ano 6, vol. 2. 2020 24 Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/serieaperfeicoamentodemagistrados/paginas/series/11/normatividadejuridica_150.pdf. Acesso em: 14 Mar. 2023.

MACHADO, W. P.; **Superendividamento: a responsabilidade pré-contratual do credor.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2018.

MAIA, G. Marketing digital e redes sociais: a importância para as empresas durante a pandemia. **In: Revista Científica Eletrônica de Administração**, v. 29, n. 1, p. 1-12, 2021

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa científica:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUE, C. L; LIMA C. C; VIAL, S. **Superendividamento dos consumidores no pós-pandemia e a necessária atualização do Código de Defesa do Consumidor.** São Paulo. EPM, v. 1, 2020, p. 107 – 144.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. DE A.. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **In: Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121–1141, nov. 2007.

SILVA, M. L.; SILVA, R. A. **Economia Brasileira pré, durante e pós-pandemia do covid-19:** impactos e reflexões. Minas Gerais: FAPERGS, 2020.

Capítulo 4

A RACIONALIDADE ECONÔMICA EM CUSTOS: A GESTÃO ESTRATÉGICA DE COMPRAS E A REDUÇÃO DE CUSTOS NAS ORGANIZAÇÕES

Thales Kroth de Souza

Mestrando em Ciências Contábeis (UNISINOS)

E-mail: ksthales@gmail.com

Natália Ferreira Andrade

Doutoranda em Administração (UNISINOS)

E-mail: nataliaferreira3@hotmail.com

RESUMO

O escopo deste artigo é entender como, através de estratégias de compras, empresas podem obter vantagem estratégica no mundo dos negócios. Para isso, as organizações devem realinhar sua cultura organizacional de modo a criar um ambiente favorável à geração de valor para ela, dessa forma, verificamos que algumas estratégias nas compras podem ser aplicadas para que os custos sejam reduzidos e isso consequentemente potencialize a maximização de lucros, levando a uma maior capacidade de investimentos dos recursos institucionais e para o desenvolvimento econômico da organização. Por conta do gerenciamento de compras e de suprimentos estarem na linha de frente dos processos de negócios, as iniciativas de tomadas de decisões devem a partir daí, compreender o ciclo de vida dos produtos, e assim, com o desenvolvimento de uma rede de fornecedores baseada em negociação e em acordos, ao invés da preocupação com os ganhos em cada operação individual de compra, poder ter melhor aproveitamento da gestão estratégica de compras oportunizando uma redução de custos com visão às suas formulações de contratos e participações. Dessa forma, este estudo se propõe a demonstrar estratégias as quais o departamento de compras pode fazer proveito, de modo a promover uma racionalidade econômica visando a redução de custos e, consequentemente, o aumento da performance organizacional.

Palavras-chave: Estratégias de compras. Gestão estratégica de compras. Custos de produção. Relacionamento com fornecedores.

ABSTRACT

The scope of this article is to understand how, through purchasing strategies, companies can gain strategic advantage in the business world. For this, organizations must realign their organizational culture in order to create an environment favorable to the generation of value for it, in this way, we verify that some purchasing strategies can be applied so that costs are reduced and this consequently enhances the maximization of profits, leading to a greater investment capacity of institutional resources and for the economic development of the organization. Because purchasing and supply management are at the forefront of business processes, decision-making initiatives must from there understand the product life cycle, and thus, with the development of a network of suppliers based on in negotiation and agreements, instead of worrying about the gains in each individual purchase operation, to be able to take better advantage of the strategic management of purchases, providing opportunities for cost reduction with a view to its formulations of contracts and participations. Thus, this study proposes to demonstrate strategies which the purchasing department can take advantage of, in order to promote an economic rationality aimed at reducing costs and, consequently, increasing organizational performance.

Keywords: Purchasing strategies. Strategic purchasing management. Production costs. Relationship with suppliers.

INTRODUÇÃO

As organizações no Brasil, em grande parte das vezes, convivem com o desenvolvimento de insumos e componentes em produtos de alto custo, especialmente na razão de encargos que compõem seu preço, gerando variações significativas em seu custo final. Neste sentido, considerar o trabalho realizado com custos e uma realidade econômica caracterizada por mudanças relevantes, o assunto que se discute a redução de custos tornou-se um elemento de investigação estratégia de forma singular no sentido de ampliar as margens de lucro, o que pode levar a novos investimentos e diminuição no preço final do produto ofertado ao cliente. Alguns caminhos que abordam essa temática vinculam o processo de precificação como ferramenta-chave para a empresa angariar vantagem competitiva e o relacionamento com fornecedores é a comunicação necessária para que atenda a seus interesses.

No ambiente das organizações, as equipes que coordenam as compras tornam-se fundamentais e o trabalho ali realizado passa a ser estratégico e direcionado para a redução de custos, sem prejuízo da qualidade e agilidade no processo produtivo. Botô e Felizardo (2014) consideram que a coordenação de compras produz resultados satisfatórios por meio de um trabalho eficiente, ocorrendo

o contrário quando se verifica um processo ineficiente, surgindo problemas e podendo levar a prejuízos maiores para a organização.

Para Borges et al. (2010), o gerenciamento eficaz da equipe de compras leva a contribuições importantes para a diminuição dos custos, abrindo margem para a ampliação dos lucros. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar estratégias passíveis de utilização pela gerência de compras, como metodologias eficazes para redução dos custos de produção, contribuindo para o crescimento das organizações. Especificamente o estudo procura: definir gestão de compras, discutir a importância do controle de estoques e apresentar estratégias de gestão de compras para a redução de custos.

Buscar estratégias para reduzir os custos é de fundamental importância e relevância para o departamento de compras, contribuindo assim, de forma significativa, para um bom gerenciamento e mesmo para alavancar o crescimento da empresa, que tem como um dos principais objetivos a obtenção de lucros, os quais em sua maioria são voltados para investimentos, o que somam para que a empresa se desenvolva. A importância contida nesse aspecto é a flexibilidade que a empresa consegue com a margem de vendas, podendo vender melhor ou focar em outros pontos estratégicos em seu processo de fabricação e de venda; e a relevância, atuante como vantagem competitiva, faz com que a empresa tenha uma visão diferenciada para o seu ciclo de processamento e de preço.

Este estudo visa contribuir com a percepção do importante papel das compras na redução de custos para as organizações, dessa forma, busca-se detectar aspectos envolvidos no processo de tomada de decisão que poderiam impactar em uma gestão mais estratégica de compras trazendo vantagens ao desempenho da organização, podendo essa usar como medida o seu gerenciamento mais enxuto onde ocorre uma minimização maior, ou então como elemento momentâneo, sazonal ou de perspectiva de temporada, pois o preço logo voltará ao seu patamar anterior.

Percepções em estratégias de precificação são muito estudadas na redução de custos e aplicadas em grandes empresas. Muitas campanhas tendem a fortalecer o setor de compras pelo conhecimento agregado, pela adoção de alguma ferramenta ou elevação do aprendizado corporativo com treinamento e desenvolvimento, pois a jornada de custos inicia-se na compra com fornecedores, mas impacta o preço final com o consumidor, então, entender todo o processo, é fundamental para aplicar saídas saudáveis para a qualidade do custo.

Os atores envolvidos nos processos de compra têm contribuição relevante em seu desempenho, pois possuem habilidades além da promoção do melhor desempenho na função de compras a qual também melhora a interação com os fornecedores os quais, por sua vez, têm impacto direto nos custos e na performance empresarial. Através da configuração de custos, a empresa torna-se competitiva para o mercado e quando observa sua gestão de compras adotando estratégias para mitigar riscos, a gestão precisa de mais indicadores para discorrer quais ações necessita mapear.

Ter um mapeamento claro que precisa ser adotado leva tempo, estudo, pesquisa e investimento em capital humano. Às vezes o ganho não financeiro é maior que o custo que será amenizado. A proposta da gestão de compras ter impacto direto em custos é a ligação que empresas possuem com fornecedores. Então, o questionamento que norteia a investigação é: “Como a gestão estratégica de compras pode contribuir para a redução de custos nas organizações?” Através do questionamento, realiza-se uma busca de revisão de literatura de conveniência para uma resolução estratégica com um plano de ação ou com propriedades suficientes.

A revisão de conveniência segundo Galvão e Ricarte (2020) é aquela a qual: Margens: superior e esquerda 3cm, inferior e direita 2cm. Recuo da primeira linha 1,25cm, contendo as principais ideias que norteiam o texto do artigo, objetivos, fase da pesquisa, procedimentos metodológicos, quando for o caso, etc.

A revisão de conveniência segundo Galvão e Ricarte (2020) é aquela a qual:

“O pesquisador reúne e discorre sobre um conjunto de trabalhos científicos que julga importante para o tratamento de uma temática, mas não apresenta critérios explícitos sobre como a revisão foi construída para que possa ser reproduzida por outros pesquisadores”.

Na fase introdutória, a pesquisa monta um banco de dados para apresentar as fases de elaboração sob a revisão de literatura de conveniência. Dentre diversos temas de abordagem, inicia-se como a gestão estratégica é encontrada em pesquisas de negócios, explicações sobre cultura organizacional, ambiente de criatividade e estimulação para cooperação mútua, a estratégia empresarial para adoção da precificação de produtos e serviços, a forma do ambiente de negócios para a geração de valor ao capital e a confiança dos investidores e acionistas.

Em um cenário mais moderno e global, a pesquisa aborda como o comportamento empresarial dá-se sob a ótica do ESG e as novas tendências para o

setor de compras, abordagens do gerenciamento de compras e de suprimentos, logística, cadeia de suprimentos, o processo de compras e os gargalos referentes aos custos, os riscos dos negócios perante a maximização da redução de custos, as tomadas de decisão sobre os riscos empresariais, como as compras comportam-se no ciclo de vida de produtos e serviços e, por fim, como os efeitos da gestão estratégica de compras comportam-se sob as estratégias administrativas para os custos e a análise dos indicadores fundamentais para apontar o comportamento dos custos à luz do estado da arte de compras.

O artigo será dividido em tópicos e contará com explicação e exemplificação de como as práticas empresariais formam-se na gestão estratégica de compras através dos players de mercado e a visão da vantagem competitiva que as empresas buscam adotar frente aos seus custos como direção norteadora e orientação contínua.

Gestão de compras e estratégias para a redução dos custos

A gestão em todos os departamentos de uma organização faz-se necessária como forma de organização e direção de atividades. A Gerência de Compras e provimentos é um fator importante e essencial para diminuir os custos em uma organização.

Martins e Alt (2017) ressaltam que até a Primeira Guerra Mundial, o vocábulo compras era visto como uma função burocrática. Devido à crise do petróleo em 1970, a oferta das matérias-primas sofreu considerável queda o que ocasionou como consequência a alta dos custos, diante dessa realidade, o setor responsável pelas compras começou a ganhar destaque nas organizações. Os autores descrevem que o setor de compras tornou-se essencial para as organizações sendo relacionado ao processo logístico. A definição compra passou a ser denominada cadeia de suprimentos, devido ao fato de dar um sentido amplo ao processo de aquisição dos produtos.

No estudo de Carr e Smeltzer (1997), gestão de compras é caracterizada com status de função, aquisição de conhecimentos e habilidades, disposição da compra em assumir riscos e a compra de recursos. Assim, sua validação é definida pelo contexto operacional e encaminha o gerenciamento com uma amplitude dinâmica para com a forma relacional. Quanto mais a gestão de compras torna-se estratégica, mais ela aperfeiçoa o status de sua função, a empresa maximiza conhecimentos e

habilidades em flexibilizar custos, assumir os custos inerentes aos projetos e na compra de recursos e investimentos, ou seja, em sua racionalidade econômica.

Porter (1989) afirma que empresas que utilizam a estratégia competitiva sobre suas atividades posicionam-se de forma favorável em seus setores de atuação, posicionamento muito importante frente a concorrência. Escolhas de estratégias competitivas tendem a criar formas de atuação disruptivas para estruturas organizacionais agirem de modo mais tênue. O comportamento escolhido pode ressignificar dominar um setor através da escolha de um enfoque, como em custos, frente a outros concorrentes que optem por outra matriz estratégica, a isso a empresa opta por obter a vantagem competitiva, que é a capacidade estratégica sobre os concorrentes capaz de criar valor para os clientes, seja na diferenciação ou menor custo.

Ao discorrer sobre vantagem, Porter (1985) já havia se posicionado que advém do valor que a empresa cria para seus clientes em contrapartida ao custo que ela precisa para criar. A formulação dessa estratégia competitiva baseada nas condições, também corresponde as necessidades do segmento empresarial, aí a posição de valor é referendada com a oportunidade de criação de vantagem ao custo aproveitado de acordos e negociações no mercado. Então, não compreende-se na análise empresarial como um todo, mas também fracionada dentre suas atividades na ideia que "o montante que os compradores estão dispostos a pagar por aquilo que uma empresa pode lhes fornecer" (Porter, 1989, pág. 34).

E acredita-se que dentre as cinco forças de Porter (Porter, 1991), a quarta força a qual trata sobre o poder de negociação dos fornecedores é relevante para este estudo pela forma como flexibiliza a margem de vendas e o controle dos custos organizacionais; mas não se pode descartar o poder de negociação dos clientes que é a terceira força. Tão relevante quanto a quarta força, o poder de negociar com clientes condições, prazos, formas de pagamento, formações de campanhas e incentivos para a ocorrência das vendas, relaciona-se com mais uma vantagem competitiva por parte da empresa no mercado.

Seguindo para o tratamento de custos, quando uma empresa de sobremaneira está em tratativas com direcionamento para com seus custos, de certa forma está com a visão para obter vantagem competitiva no mercado; se negocia com clientes e fornecedores, relaciona a terceira e quarta forças de Porter para o fortalecimento de seus produtos e serviços a fim de criar condições de potencializar seu planejamento

estratégico, fazendo com que seu enfoque em custos seja sua principal vantagem. Essa construção de negócios impacta significativamente seu ramo de atividades e o posicionamento no mercado molda-se em contraste quando fica em uma posição mais privilegiada que seu concorrente, criando-se valor para fornecedores e clientes, confiança para empresa maximizar a expectativa de vendas futuras e poder projetar margens mais lucrativas.

Segundo Oda (2018), os valores investidos na compra de produtos e serviços equivalem cerca de 50% a 80% dos custos, fator que pode sofrer transformações devido ao ramo de atividade da organização. Dentro deste contexto, quando as finanças ficam mais comprimidas e os preços se elevam, é preciso criar estratégias para que os custos sejam reduzidos.

O departamento de compras de uma empresa, além do controle ou abastecimento dos estoques deve ter preocupação com a inserção de melhorias para esse setor, somando satisfação e eficácia aos resultados finais. Para Baily (2000), os objetivos empresariais de compra podem ser definidos como: comprar a qualidade do material de forma certa, no tempo certo, na quantia exata, da fonte certa e com o preço adequado. Essa é a fundamentação da gestão estratégica de compras.

Bertaglia (2009) descreve que a Administração do Departamento de Compras não deve restringir-se ao fato de comprar e controlar a chegada de produtos, é preciso que seja feito um planejamento estratégico, o qual envolve custo, qualidade e rapidez de tempo.

Simões e Michel (2004) descrevem que “a gestão de compras é uma atividade fundamental para o bom gerenciamento das empresas e que influencia diretamente nos seus estoques e no relacionamento com os clientes” e que para se ter características fundamentais dos objetivos empresariais “é fundamental manter um banco de dados de fornecedores atualizado, ter poder de negociação e estabelecer um relacionamento baseado na confiança mútua com o fornecedor”.

Pozo (2017) explica que dentro do processo de Gestão de Compras, criar estratégias para a redução dos custos é o que torna a administração desse setor uma ferramenta que gera competitividade em um contexto global, promovendo a sobrevivência da organização. Buscar estratégias que reduzam os custos garantem um futuro promissor para a organização.

Estoque: Gestão e controle

Com o aumento do consumo, o mercado precisa estar preparado para atender as necessidades dos clientes os quais estão cada vez mais exigentes com relação à qualidade dos produtos comprados. Para satisfazer os mesmos, um dos itens que devem ser analisados e estudados pelas organizações é a movimentação dos estoques.

Na caracterização da movimentação de estoques, Favaretto (2012) diz que:

“Um sistema de controle de estoque registra todas as movimentações de entrada e saída de materiais, assim como acompanha o saldo deste para que seja feita a decisão de pedir ou não uma reposição quando o nível está baixo. Caso exista algum tipo de erro neste controle, os pedidos podem ser feitos sem necessidade ou então não serem feitos pedidos quando estes são necessários”.

Segundo Ramos (2020), com um controle interno de estoque é possível ter dimensionamento melhor da compatibilidade com as necessidades de reposição e proteção contra erros e fraudes, e isso facilita a intenção de controle das movimentação de produtos, representando um olhar mais conciso no capital circulante, seja estas empresas comerciais e industriais.

De acordo com Viana (2010), os estoques são recursos que possuem valor econômico, os quais representam um investimento destinado a incrementar as atividades de produção e servir aos clientes. A compra de produtos são investimentos que as organizações fazem a curto ou longo prazo, visando atender os clientes na quantidade e na qualidade desejada.

É importante analisar a movimentação dos estoques, uma vez que essa análise propicia para a empresa uma melhor qualidade no desempenho do armazenamento dos produtos estocados, visando diminuir despesas e oferecer uma maior rotatividade dos produtos em estoque.

A utilização de práticas enxutas para acompanhar a concorrência e obter melhores resultados, também fazem com que as empresas melhorem seu desempenho de giro de estoque, as diferenças que separam as organizações são os fatores de contingências que influenciam o giro de estoque, ou seja, sistemas de produção, tipos de pedidos e de produtos (Demeter & Matyusz, 2011).

Entende-se que, com uma boa administração dos materiais é possível obter um maior controle dos produtos que estão estocados, facilitando na identificação

daqueles que têm maior giro, ou aqueles que se encontram parados com uma baixa rotatividade de vendas acarretando custos. Nesse contexto, considera-se que não é interessante para as empresas que os produtos fiquem parados, pois estão ocupando o lugar de outros que têm um maior giro, além de exigir um controle maior de prazos de validade.

Segundo Amaral e Dourado (2011), estoque significa os materiais disponíveis no interior da empresa, constituídos por aqueles que não são utilizados em determinado momento, havendo, no entanto, a necessidade de sua existência para necessidades futuras, no sentido de atendimento às demandas do mercado. Dessa forma, o estoque representa a totalidade de materiais à disposição na organização, voltados para o processo de produção ou vendas, conforme o ramo de atividade a que se dedique. A compreensão do estoque pode ser ainda determinada pela quantidade de produtos ou matéria-prima mantidos à disposição de forma constante e renovados para gerar lucros para a empresa. Referidos lucros são originados da comercialização dos produtos e como resultado do processo produtivo.

No contexto de uma empresa, a análise dos estoques fica por conta dos administradores - que são responsáveis pela verificação dos níveis dos produtos - sua rotatividade dentro da empresa - e para informar ao departamento de compras quais os produtos estão tendo uma maior saída e aqueles que se encontram maior ociosidade.

Martins e Alt (2017) afirmam que os estoques representam uma parte significativa dos ativos de uma organização e, por isso, devem ser analisados como um aspecto potencial de geração de negócios e lucros. Se há um acúmulo de produtos no estoque, a organização está tendo prejuízo, para adquirir estes materiais a empresa faz um investimento e espera um retorno em curto prazo.

Amaral e Dourado (2011) afirmam que a gestão de estoque significa a atividade que permite gerenciar recursos ociosos portadores de valor econômico, direcionados para o atendimento das necessidades de material, primordialmente na geração de produtos acabados numa organização. Diante disso, pode-se destacar que os investimentos realizados pelas empresas não se voltam apenas para projetos que gerem lucros diretos, como máquinas e equipamentos destinados ao aumento da produção e das vendas, mas também para a melhoria das condições de administração e guarda dos estoques.

A gestão de estoque é formada por diversas ações, inventário físico, periódico e rotativo que através de informações bem detalhadas podem definir um bom funcionamento do estoque. Os níveis de produtos acabados destinados à comercialização podem ser determinados pelos índices de vendas ou critérios que podem ser determinados de acordo com a necessidade da empresa.

Kolias, Dimelis e Filios (2011) trazem que com a mudanças nas estimativas de vendas e consonâncias de mercado muito rápidas por conta de riscos nos contextos políticos e de taxas de juros aparente, a gestão de estoque possui componentes associados a efeitos ao longo do ano, e para a questão empresarial torna-se sempre uma incógnita a variabilidade dos giros de estoque, pois não podem ser presumidas com certeza, fazendo com que o varejo tenha uma dimensão das vendas ser, na realidade, diferente da planejada.

Na gestão de estoque, o administrador pode realizar a programação de uma série de ações a fim que permitem verificar se os estoques estão sendo bem utilizados no planejamento de estoque e, tratando-os de serem bem avaliados em relação aos setores que deles se utilizam, podem dinamizar melhor sobressaída do giro de estoque (Martins & Alt, 2017). Para que a gestão de estoque desenvolva-se com maior facilidade dentro da empresa, os produtos devem ficar estocados e agrupados de acordo com a marca de cada um, facilitando a localização destes dentro do depósito. Essa organização facilita o trabalho da equipe e o roteiro de suprimentos.

Ballou (2006) avalia que as decisões que se tratam da forma de planejamento de um estoque são tão relevantes quanto às decisões de se manter material em estoque. Segundo o autor, considerando a impossibilidade de conhecimento antecipado da demanda futura e que os materiais necessários à produção e venda nem sempre estão disponíveis, a manutenção de estoque garante a disponibilidade de mercadorias. Dessa forma, a decisão de manter materiais e produtos em estoque tem relação direta com a dificuldade de previsão de uma demanda futura como também pela possibilidade de vencer a concorrência pelo simples fato da disponibilidade imediata de mercadoria e facilidade na troca de materiais, minimizando a ociosidade.

Neste contexto, observa-se que a inexistência de um criterioso planejamento de estoque pode fazer surgir inúmeros problemas relacionados ao processo produtivo e de vendas como deficiência na qualidade, incoerências nos inventários, perda de

tempo com a preparação de máquinas e equipamentos, defeitos em equipamentos etc.

Com relação às transações ou operações de controle de estoques, têm a disposição da empresa os sistemas de apoio às operações de controle de estoque. Estoque é o acúmulo ou armazenamento de mercadorias que são destinadas ao processo de produção que estão em transformação ou já são produtos acabados. No caso dos produtos acabados, eles constituem mercadorias prontas para serem comercializadas.

Para Slack, Chambers e Johnston (2009), os gerentes de produção têm usualmente uma atitude ambivalente em relação a estoques. Por um lado eles são custos, e algumas vezes empatam considerável quantidade de capital. Segundo os autores, a importância do planejamento e controle de estoques é que a empresa pode a qualquer hora saber a quantidade de mercadoria que a empresa tem, bem como o lucro obtido na venda da mercadoria. É possível determinar o lucro a qualquer momento, porque se conhece o custo da mercadoria, ou seja, a diferença entre os preços de custo e o de venda. Este é um dos fatores primordiais para a tomada de decisão. Portanto, pequenos descuidos nas aplicações, controles ou programações de estoques podem levar à diminuição do lucro.

Ter um bom controle do giro de estoque pode ser considerado um diferencial para a organização, pois a mesma que utiliza inovação quando integra tecnologia e gestão de operações, espera-se como efeito um planejamento melhor em seu estoque, o que caracteriza melhor performance organizacional, conforme Lee, Zhou & Hsu (2015) explicam que muitas empresas utilizam inovação para influenciar o desempenho no gerenciamento de estoque, com medidas de desempenho financeiro e operacional, ganhando impacto intrínseco em processos específicos de manufatura e escalonamento de produção.

Amaral e Dourado (2011) ressaltam que o controle de estoque também apresenta caráter financeiro, tendo em vista que sua manutenção apresenta alto custo e seu gerenciamento deve contribuir para que o capital investido ofereça o retorno esperado, mesmo não sendo possível que uma empresa desenvolva suas atividades sem a existência do estoque. Assim, um controle de estoque eficiente requer um planejamento de qualidade, pois os níveis de estoque estão sujeitos à rapidez da demanda. Nas situações em que a procura pelo produto apresenta frequência maior que o tempo de ressuprimento, poderá ocorrer a ruptura ou o esvaziamento do

estoque, gerando prejuízos para a produção, manutenção, vendas, clientes, mercado etc. Um melhor controle oportuniza coerência com o destaque empresarial e o objetivo do departamento para com a forma relacional da organização no mercado.

Estratégias para redução de custos

O processo de compras é o que envolve todas as partes necessárias realizadas para que os materiais sejam adquiridos, sejam os recursos materiais ou recursos patrimoniais (Caxito et al., 2011).

O caminho a ser seguido pode mudar conforme a necessidade e vivência da empresa, seu porte, seu mercado de atuação, estrutura física e outros e não é preciso seguir todas as estratégias a risca, às vezes nem se adéquam ao perfil da empresa. Para traçar estas estratégias é preciso entender o objetivo a ser alcançado, sempre se norteando pelas metas a serem alcançadas, como forma de contribuição para o bom desempenho da organização (Oda, 2018). Abaixo seguem descritas algumas estratégias importantes a serem utilizadas pela Gestão de Compras como forma de redução de custos.

Hakansson (2006) descreve que uma das estratégias de grande potencial para a redução dos custos é potencializar as relações entre as empresas, seus fornecedores e clientes. Uma das estratégias mais importantes são as relações com um maior conteúdo de cooperação, fator importante para que se criem estratégias de competitividade.

Souza, Bernardes e Bacic (2008) citam as denominações de Merli (1994) que caracterizou a relação entre clientes e fornecedores de comakership, a qual se apresenta em três etapas: fornecedor normal (relativo a classe III), o fornecedor integrado, denominado de comakership operacional (relativo a classe II) e o fornecedor comaker, comakership global com parceiras nos negócios (relativo a classe I). Os autores descrevem que as bases de todos os níveis de relacionamento estão relacionadas às negociações que tem como foco o preço em especificações de qualidade mínima.

Escolher os parceiros e melhores fornecedores é fundamental, pois se caso estes forem selecionados de forma estratégica tendem a manter a qualidade dos produtos e serviços, além das entregas dos produtos dentro do prazo, o que é muito importante (Hoinaski, 2017).

De acordo com Oda (2018), o planejamento consiste em estudar a situação e diante desta perspectiva traçar o caminho a ser seguido para que os objetivos e as metas sejam alcançados. O autor descreve que o primeiro passo do planejamento é determinar onde se almeja chegar, ou seja, o que se espera conseguir com a gestão de compras. Dentro desse planejamento é preciso que se faça um levantamento dos recursos disponíveis e da situação vivenciada pela empresa. Após a análise da verdadeira situação da empresa, faz-se necessário traçar um plano de ação, conforme os recursos humanos, materiais e ferramentas de gestão disponíveis. Naturalmente o enfoque financeiro vai se encaixando para determinar a margem futura.

Como forma de auxiliar o planejamento e controle, além de garantir a melhoria contínua para os processos de compras, muitas ferramentas que têm como meta a qualidade podem ser utilizadas, dentre essas ferramentas o autor cita: Fluxogramas; Diagrama de Pareto; Brainstorming; Diagrama de Ishikawa; 5W2H; Gráficos de Tendências; Planilhas para coleta de dados, entre outras (Dias Júnior, 2017).

Hoinaski (2017) afirma que os produtos que são armazenados por muito tempo no estoque, configuram custos, no entanto, é importante que eles não sobrem, no entanto a falta de produtos também deve ser evitada, é preciso assim ter um equilíbrio. O autor explica que a falta de produtos pode acarretar a perda de negócios e oportunidades. Dentro desse contexto, é importante que a empresa possua um software que gerencie e controle o estoque.

É preciso, para evitar excessos ou faltas, que seja realizado um controle da movimentação dos itens do estoque. Oda (2018) descreve que é preciso que haja um registro cronológico das movimentações realizadas em estoque para que, assim, tenha-se um levantamento dos produtos que tem mais giro, além disso, as informações sobre prazo do produto, sazonalidade, tempo e custo de reposição são importantes.

Existem 6 passos que podem ser realizados como forma de otimizar a gestão do estoque e dessa forma reduzir os custos das organizações. Estes passos são (Hoinaski, 2017):

- Cadastro e levantamento de todos os itens armazenados;
- Criação e desenvolvimento de processos;
- Elaboração de um planejamento de fluxo de entrada e saída de produtos;
- Anotações de todas as movimentações de produtos;

- Definição das datas de compras;
- Realização de auditorias constantes para análise da gestão de estoque.

Oda (2018) cita que frente aos dados reais das compras das empresas, especificamente os itens mais relevantes, é preciso que se usem metodologias técnicas para que se compre no momento certo, em quantidade correta, de forma mais automática possível e com considerável margem de segurança. As metodologias só podem ser utilizadas se os dados forem calculados item a item. Os indicadores têm como objetivo servir de motivação para que se inicie o processo de compras, de forma que não exista excesso e nem falta.

Os indicadores podem determinar estoque mínimo, estoque máximo ou estoque de segurança. A avaliação do estoque mínimo e máximo garante que o estoque de segurança seja realizado. O importante de se manter esses estoques é que se tenha um padrão para que se saiba quando é preciso iniciar o processo de produção e reposição (Oda, 2018).

Silva (2019) cita como metodologia o lote de compras. Entende-se por esse lote o uso de uma forma matemática de calcular e provisionar a quantidade ideal de compras, equilibrando todos os custos envolvidos como: despesa de estocagem, gastos das compras, custos do transporte, custo do capital imobilizado e outros. O autor desta que um fator importante e que deve ser considerado é a probabilidade de deterioração, além de problemas logísticos, espaços físicos com condições corretas de higiene.

Uma metodologia a ser utilizada é o Just in time, a qual tem como objetivo voltado para produzir ou comprar apenas o volume necessário em um momento necessário (Kimura & Terada, 1981).

A partir de 1990, os mercados americano e europeu vivenciaram o crescimento da criação de softwares voltados para a gestão empresarial. No Brasil esse crescimento deu-se em 1996. Esses softwares usados para o apoio da gestão empresarial eram denominados de sistemas Enterprise Resource Planning (ERP) (Jesus & Oliveira, 2007).

Correa e Spinola (2015) descrevem que até o surgimento do sistema ERP, as áreas das empresas utilizavam sistemas isolados para a realização de suas tarefas como folhas de pagamentos, financeiro, contabilidade e outros. As integrações eram complexas e com múltiplos problemas na obtenção e armazenamento dos dados.

Santos (2013) sobre o sistema ERP de tradução para o português: Planejamento de Recursos Empresariais ressalta que esse é um sistema que as funções e ligações de vários processos de setores distintos das empresas estão presentes entre as funções e entidades operacionais das organizações.

Um sistema ERP tem a potencialidade de aguentar a falta de informações para a tomada de decisão do setor gerencial de um empreendimento como um todo (Corrêa, Giansesi e Caon, 2007).

Correa e Spinola (2015) relatam que o processo de gerenciamento de estoques e compras de manufatura eram realizados de forma estatística, acerca da análise do histórico de consumo ou reativo, através do ponto de reposição dos insumos.

O uso dessas e outras estratégias que visam à redução de custos são de extrema importância para o desenvolvimento da organização. Dessa forma, é preciso que as empresas busquem amplo conhecimento e adequação ao método correto ao setor de seu departamento de compras, segundo a necessidade de cada organização a qual traduz seus interesses.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada no presente artigo é enraizada nos pressupostos qualitativos. A pesquisa é qualitativa e considera que este trabalho “se dedica ao estudo de fenômenos em que a quantificação não é apropriada; ou em que não seja conveniente reduzir o objeto estudado a variáveis e padrões de medida, seja por natureza particular ou sua especificidade” (Birochi, 2015, p. 54).

Em relação à classificação proposta quanto aos objetivos, o presente trabalho pode ser entendido como uma pesquisa exploratória.

A pesquisa trata-se de um estudo de caso, em Stake (2018, pág. 600) afirma que o estudo de caso é uma estratégia que se caracteriza por interesses em casos individuais e não pelos métodos de investigação, que podem ser variados tanto qualitativos, quanto quantitativos. Mas, é preciso se considerar que nem tudo é um caso, um caso é uma unidade específica e precisa ser delimitada. O autor concebe três tipos de estudo de caso: intrínseco, instrumental e coletivo. No estudo de caso intrínseco procura-se melhor compreensão de um caso somente pelo interesse despertado por aquele caso particular, já no instrumental acredita-se que ele poderá facilitar a compreensão de algo mais amplo, e no coletivo o pesquisador estuda em

conjunto alguns casos para investigar um dado fenômeno, podendo ser visto como um estudo instrumental estendido a vários casos.

Assim, o estudo de caso aqui empreendido é o instrumental, pois possibilita compreender algo mais amplo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema abordado neste estudo visa esclarecer a importância da gestão estratégica de compras para a redução de custos nas organizações. Desse modo, trás a compreensão do papel ocupado pelo setor de compras na diminuição dos custos através do desenvolvimento e consolidação de estratégias competitivas para a empresa contratante. Para que uma empresa possa obter lucratividade, a redução de custos é um dos pontos principais. Sendo assim, as atividades realizadas pelo setor de compras colaboram para que a organização atue de maneira racional.

De acordo com Souza, Bernardes e Bacic (2008), o setor de compras nas organizações desenvolveu-se ao longo do tempo e é possível compreender na atualidade sua importância de posição estratégica na estrutura de uma empresa, pois ele representa ganhos e lucratividade. Assim, a empresa ganha em relação à competitividade. O setor de compras é responsável, ainda, pela produção e manutenção de estratégias ativas para o restante da empresa.

Nesse contexto, há pontos relevantes para serem compreendidos como:

“A expectativa de redução de custos da contratante não pode significar a compressão dos ganhos da contratada abaixo do limite aceitável. Este, como não é o mesmo para todas as empresas envolvidas na rede de relações comandada pela contratante, não é plenamente calculável a priori. Por exemplo, embora a posição de subcontratada sujeite uma das empresas a pressões de preço por parte da contratante, essa pressão pode ser compensada pelo fato de que ao integrar a rede de subcontratação com certa estabilidade, a contratante obtém ganhos em termos de fluxo de caixa, que reduzem os custos de capital de giro. Do lado da contratante, o cálculo de custos tem de incluir além dos custos diretos das atividades, os custos de coordenação da rede de fornecedores. Isto é, considerar os efeitos da troca de custos de coordenação internos, da hierarquia, nos termos da abordagem dos custos de transação [...] pelos custos da coordenação externa, desverticalização, da rede de relações. Identifica-se aí a relevância dos contratos” (Fernandes & Rasoto, 2017, p. 16).

Percebe-se, assim, que há uma complexidade nos sistemas de relações industriais que configura na coordenação e pode ocorrer não apenas por meio de contratos. O fato é que a redução de custos da contratante não significa a compreensão dos ganhos da contratada abaixo do que seja aceitável. Certamente, existem pressões da contratante pela redução nos preços dos produtos que adquirem, sempre em busca dos produtos com o preço que lhe possa trazer maior lucratividade, no entanto, não se deve basear a redução de custos na busca pelo menor preço junto a contratante, outras estratégias precisam ser criadas.

Algumas estratégias são essenciais para que a empresa possa reduzir os seus custos, como manter um bom relacionamento com os fornecedores é uma destas estratégias, assim, não se deve somente buscar menores preços junto a estes, pressioná-las por desconto ou negociar valores futuros mais baixos, mas é necessário que um bom relacionamento seja mantido, para que os próximos acordos norteiam novas metas de negociações, para o desenvolvimento de novos negócios. Como estratégia para a redução de custos, é preciso o acompanhamento das negociações, ter um estoque necessário, sempre com controle e é primordial também evitar compras urgentes.

Para Senapeschi Neto (2008), a área de compras de uma empresa é essencial para o seu desenvolvimento e ela precisa ter atividades bem estruturadas, integradas com outras áreas funcionais, de forma que suas estratégias de operações sejam alinhadas à estratégia corporativo. Também, é preciso se preocupar com o gerenciamento dos canais de fornecimento sob uma lógica de cadeia de suprimento para a gestão do fluxo físico e de informações, sendo que seja possível também suavizar e sincronizar as decisões de suprimento com as necessidades de demandas que necessitam ser atingidas, de modo que os estoques estejam preparados para atender aos clientes.

A função de compras em uma empresa é fundamental, pois os itens comprados chegam a representar 60% do seu produto final, o que leva a compreensão de que a função de compras tem grande impacto no lucro das empresas. Nesse contexto, Senapeschi Neto (2008) avalia que a gestão estratégica de compras deve estar preocupada em melhorar a posição competitiva da organização, comprar itens e serviços solicitados ao menor custo total de aquisição e também garantir todos os demais objetivos apresentados ao menor custo operacional possível. Ainda é preciso encontrar e desenvolver fornecedores que sejam os melhores do setor, garantir fluxo

ininterrupto de materiais, suprimentos e serviços requeridos para a operação da organização e também padronizar sempre que possível os itens comprados e o processo utilizado para prospecção. Como estratégia para redução de custos organizacionais, minimizar o investimento e as perdas com estoques é essencial, assim como conquistar clientes internos com a produtividade e harmonia, manter e melhorar sempre a sua qualidade, etc.

Fernandes & Rasoto (2017) citam que a gestão de compras deve estar associada à gestão de estoques para que possa beneficiar as organizações, então é preciso utilizar técnicas de seleção de fornecedores e negociação de compras para que seja possível estabelecer lucros possíveis para uma organização. A condução adequada do gerenciamento de compras que pode significar lucros para a empresa, assim como se não for feito adequadamente pode gerar prejuízos e desperdícios de recursos, o que remete à necessidade de que seja bem executada e planejada também o controle de compras. Assim, entende-se:

“Percebe-se, então, que o processo de gerenciamento de compras não tem um fim em si mesmo, mas tem como finalidade trabalhar em conjunto com diversas áreas da organização em seus diversos níveis. O gerenciamento de compras abrange o trabalho de todos os departamentos da organização, pois é ele que fornece os insumos necessários para que cada unidade da organização consiga atingir seu objetivo ou produto final dentro da cadeia de processos. É possível considerar compras como função administrativa, composta por vários processos e etapas as quais necessitam de controle e realização de tomadas de decisão em diferentes aspectos relacionados a cronograma, custos, quantidade, características, qualidade e outros itens. A atividade de compras é um item vital nos setores de materiais e suprimentos e qualquer organização ou departamento. As atividades relacionadas tal função, envolvem uma série de etapas, das quais podem ser sintetizadas em: identificação de demandas, seleção de fornecedores, determinação de prazos e cronogramas, levantamento de preços e outros itens” (Fernandes & Rasoto, 2017, p. 21).

O Processo de compras é acionado, quando se verifica a necessidade de adquirir um item ou um serviço, sua responsabilidade é garantida através de aquisições, deve ser atendida quando solicitada, trazendo o melhor custo-benefício para a organização. A forma de realizar compras na atualidade modificou-se bastante, contudo a preocupação com o preço tende a percorrer os anos, denotando a necessidade de que se balancei o preço, a qualidade e o serviço, bem como o relacionamento e a capacidade de entrega. Portanto, percebe-se que, faz-se necessária a discussão em relação ao gerenciamento de compras, seguir a busca

pelo preço é considerada bom, porém estes têm de estar relacionados a sua qualidade, dentre outros pontos e argumentos pertinentes à gestão estratégica empresarial.

Para Marques e Maçada (2016), a gestão estratégica de compras deve ser considerada não apenas nas condições atuais, mas também considerada em cenários futuros alternativos, principalmente quando se considera as alterações nas tendências as quais podem influenciar as opções de fornecimento, se já existem novas opções emergentes. E, certamente, na atualidade, não devem deixar de seguir políticas para o âmbito da Gestão da Tecnologia da Informação, pois estas aumentam a relevância no processo, dinamiza e trazem diversas possibilidades para se considerar os produtos e seus custos, visando melhores resultados possíveis para a organização. Uma ponte para a inovação nos processos produtivos, o que facilita a busca pela facilitação de uma programação de estoques e estratégia de negócios com enfoque em custos.

Dessa forma, a gestão estratégica de compras é essencial para a lucratividade empresarial, pois os produtos que adquire tem um peso considerável em seu valor bruto. Assim, a empresa deve estar atenta a forma como atua, ao seu controle de estoque, sendo essencial que também busque por inovação, enquanto a racionalidade em custos cria valor para negociação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou analisar estratégias passíveis de utilização pela gerência de compras como metodologias eficazes para redução dos custos de produção, contribuindo para o crescimento das organizações. Dessa forma, foi possível constatar que a gestão de compras estratégicas é essencial para que seja possível reduzir os custos de uma organização e, assim, alcançar lucratividade.

Dessa forma, observou-se que o controle de estoques é essencial para que seja possível uma organização visualizar seus negócios, entender como apresenta-se em relação ao armazenamento de produtos e, assim, conseguir fazer tomadas de decisões adequadas no que tangem consequências em compras, considerando que atenda aos clientes e suas necessidades, objetivando melhor performance na trajetória processual do departamento.

No contexto empresarial, a análise dos estoques que foi oportunizada discutir apresenta uma corrente de responsabilidade aos administradores os quais também são responsáveis pela verificação da medição dos níveis dos produtos na sua rotatividade dentro da empresa e para informar ao departamento de compras quais os produtos estão tendo um melhor giro e aqueles que se encontram ociosos. Por isso, esses funcionários precisam ser capacitados, treinados e estimulados para colaborar com a organização e seus resultados.

O capital humano apresentado tem ênfase na busca pelo aperfeiçoamento no encontro do melhor tempo de giro de estoque com a amostragem das estratégias primordiais da gestão de compras na garantia da redução de custos e apresentação de outros fundamentos que aperfeiçoem a gestão estratégica de compras, como manter um bom relacionamento com os fornecedores, não se deve somente buscar menores preços junto a estes, pressioná-los por desconto, é necessário também que um bom relacionamento seja mantido, assim como sempre ter metas nas negociações que irá desenvolver. Como estratégia para redução de custos, é preciso acompanhar as negociações, ter um bom estoque, controlado, o que ficou esclarecido que é indispensável que se evite compras urgentes e aperfeiçoe a racionalidade econômica em custos.

Dessa forma, é notória a importância da gestão estratégica de compras para a redução de custos, de modo que vai ao encontro das necessidades organizacionais e visualiza suas atividades operacionais através da coerência com a realidade apresentada pela organização, ademais pelo aperfeiçoamento e estímulo ao controle de gestão de estoque às suas rotinas.

REFERÊNCIAS

BALLOU, R. H. **Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos**: Logística Empresarial. Bookman editora, 2009.

BACIC, M. J. et al. A gestão estratégica das compras como política para reduzir custos. **Gestão & Regionalidade**, v. 25, n. 74, 2009. Disponível em: https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/168/99 Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

BORGES, T. C.; CAMPOS, M. S.; BORGES, E. C. **Implantação de um sistema para o controle de estoques em uma gráfica/editora de uma universidade**. 2010. Disponível em:

https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/8811/1/ARTIGO_Implanta%3%a7%3%a3oSistemaControle.pdf Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

BÔTO, J. A.; FELIZARDO, J. M. Gestão de compras com foco no controle de estoque dos itens alimentícios da empresa Vella Mar Eventos. **Revista de Administração da UNI7**, v. 2, n. 2, p. 261-325, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/revistadaadministracao/article/view/891/655> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

CARR, A. S.; SMELTZER, L. R. An empirically based operational definition of strategic purchasing. **European Journal of Purchasing & Supply Management**, v. 3, n. 4, p. 199-207, 1997. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0969-7012\(97\)00014-2](https://doi.org/10.1016/S0969-7012(97)00014-2) Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

CORRÊA, H. L.; GIANESI, I. GN; CAON, M. **Planejamento, programação e controle da produção**. São Paulo: Atlas, v. 1, 2001. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/51906346/RESPOSTAS_DO_LIVRO_PCP-libre.pdf?1487826949=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRESPOSTAS_DO_LIVRO_PCP.pdf&Expires=1706753966&Signature=VHW0DP4wcW5CjwRfou~FxU81OCX85B96sfvFPKpfbEbmXGaG-dn5yKpk39LYoqk5ePss-Yvs6kmH1Mb8EuR5HbO2gwg5Z92UoOCD70y2MCOOrfnCVKc9H0VET1GHSC4VUU BLLG0FtQchs84J7h0sManW9fJwRZvjFQA91Vi2iYhum4QBA~2icdaOROCj2~E21~dOf3xG5iochCFK1lwfkYbcCv27wWn9uzjEIFjhF5WAQxbUlrJMxotAu24N3t3LX8cQm2idZTDkQDoSUwRnj20pGq3BFflfNs62gxDevOFTUUFFIt~T9gwqMWxG0mAwswZJIWvRqdAMxbe~GqBq_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

CORREA, J.; SPINOLA, M. M. Adoção, seleção e implantação de um ERP livre. **Production**, v. 25, p. 956-970, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6513.0309T6> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

DEMETER, K.; MATYUSZ, Z. The impact of lean practices on inventory turnover. **International journal of production economics**, v. 133, n. 1, p. 154-163, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijpe.2009.10.031> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. Sage, 2011.

DIAS JUNIOR, G. D. B. **Análise da gestão de compras em uma empresa do ramo da construção civil em Pato Branco (PR)**. 2017. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22230/1/PB_ESEP_II_2017_06.pdf Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

DO AMARAL, J. T.; DOURADO, L. O. **GESTÃO DE ESTOQUE**. 2011. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/cd20e65d1e144c0a2e82306fb96c59c5.pdf> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

FAVARETTO, F. **Administração de estoques**: diferentes formas de medição da acuracidade. *Produto & Produção*, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-8026.19322> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

Fernandes, A. L., & Rasoto, V. I. **O gerenciamento estratégico de compras e estoques na busca por eficiência e eficácia na administração pública**. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andre_Fernandes34/publication/324653311_The_strategic_management_of_acquisitions_and_inventories_in_the_search_for_efficiency_and_effectiveness_in_the_public_administration/links/5d6249c8299bf1f70b0aac87/The-strategic-management-of-acquisitions-and-inventories-in-the-search-for-efficiency-and-effectiveness-in-the-public-administration.pdf Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

HOINASKI, F. **Reduzir custos com as compras da sua empresa: 7 dicas imperdíveis**. 2017. Disponível em: <https://ibid.com.br/blog/7-dicas-para-reduzir-custos-com-as-compras-da-sua-empresa/> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

KOLIAS, G. D.; DIMELIS, S. P.; FILIOS, V. P. An empirical analysis of inventory turnover behaviour in Greek retail sector: 2000–2005. **International Journal of Production Economics**, v. 133, n. 1, p. 143-153, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijpe.2010.04.026> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

LEE, H.-H.; ZHOU, J.; HSU, P.-H. The role of innovation in inventory turnover performance. **Decision Support Systems**, v. 76, p. 35-44, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.dss.2015.02.010> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

MARQUES, R. Q. **A implantação de um setor de gestão estratégica de compras em uma empresa de comunicação através dos métodos de Strategic Sourcing (Compras Estratégicas) e Total Value Of Ownership–TVO (Valor Total De Propriedade)**. 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158615/001022385.pdf> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

MARTINS, Petrônio Garcia; ALT, Paulo Renato Campos. **Administração de materiais e recursos patrimoniais**. Saraiva Educação SA, 2017.

Merli, G. **Comakership**: A nova estratégia para os suprimentos. 1ª Reimpressão, p. 1-36. Tradução de Gregório Bauer. Rio de Janeiro: Editora Quality Mark, 1994.

ODA, O. **7 Passos para Reduzir Custos com a Gestão de Compras e Suprimentos**. 2018. Disponível em: <https://www.otk.com.br/blog/reduzir-custos-com-gestao-compras-suprimentos/> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

PORTER, M. E. Technology and competitive advantage. **Journal of business strategy**, v. 5, n. 3, p. 60-78, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/eb039075> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

PORTER, M. E. How competitive forces shape strategy. **Macmillan Education UK**, 1989. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-349-20317-8_10 Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

PORTER, M. E. Towards a dynamic theory of strategy. **Strategic management journal**, v. 12, n. S2, p. 95-117, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smj.4250121008>

RAMOS, T. R. O. **Controle interno em empresas de pequeno porte**: um enfoque no estoque de uma distribuidora de autopeças. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19271> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

SIMÕES, E.; MICHEL, M. **Importância da gestão de compras para as organizações**. Revista científica eletrônica de ciências contábeis, v. 2, n. 3, p. 1-7, 2004. Disponível em: <https://newlogistica.webnode.com.br/files/200000053-b5aceb629f/Gest%C3%A3o%20de%20compras.PDF> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; JOHNSTON, R. Administração da produção. São Paulo: Atlas, 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56079554/1-Slack_Nigel_-_Administracao_da_Producao_1_-libre.pdf?1521222402=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSlack_2C_20Nigel_20_20Administra_C3_A7_C.pdf&Expires=1672105414&Signature=J5XIo8FYwbqfcGJ38b1uVrrGO6~tw6H3o3rzLsRREOXSOVRDMaB~RzvSXNJx18wkHJ5v6l6yHHI2sykN8MQBGBi6oS0xWrnT7fjpWkhG4eGEBIbByMnJutM4XkyQFvSKjvySMzHVdiM8c94OScFhC-NvoXjXtqxjue0goNrDFhzni2D9LCHiPGC~ooBPWpr9QYZU5ZaUAfHrWBwmU5FJPvlcxHjgRhd-E8yDn962LWamDICHwF5C07Q8Y9-D3TQW38ZO906eX00Yaj2VzEBTIaLB~3E~qck2CpW4jM3x-fhGhn8GpfYmFVk3uH4znx-sxaCHJp-JWESEIOAUfnPNZA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

STAKE, Robert E. Qualitative research and case study. *Silpakorn Educational Research Journal*, v. 3, n. 1-2, p. 7-13, 2011.

Stake. R. E. Case studies. 2011. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage Handbook of qualitative research**. 2018. Disponível em: <http://www.daneshnamehicsa.ir/userfiles/files/1/9-%20The%20SAGE%20Handbook%20of%20Qualitative%20Research.pdf> Acessado em: 31 de janeiro de 2024.

VIANA, João José. Administração de materiais: um enfoque prático. Atlas, 2000.

Capítulo 5

APRENDENDO MATEMÁTICA DE FORMA LÚDICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Marciária da Silva Sousa

Especialização em Ensino de Biologia pela Fundação Brasileira de Tecnologia e Educação (FUNBRATEC); Graduada em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)- Campus São Raimundo das Mangabeiras; Acadêmica do curso de Matemática Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)- Polo São Raimundo das Mangabeiras-MA.

marciaria4@gmail.com

RESUMO

Sabe-se que a Matemática é uma área que, quando não desenvolvida de forma adequada, pode se tornar um problema no decorrer do ensino aprendido do aluno fazendo com que muitos cresçam sem gostar da disciplina, e conseqüentemente, apresentando dificuldades e baixo rendimento escolar. Porém, quando utiliza-se ferramentas lúdicas, o estudante passa a construir conhecimentos matemáticos, além do que, aprende brincando. A atividade lúdica é uma forma de ensino que permite que o professor torne o conteúdo mais dinâmico. Com isso, a aula torna-se mais atrativa e descontraída, fazendo com que os estudantes tenham mais interesse pela aula e maior compreensão e fixação do conteúdo. A aplicabilidade do lúdico consiste, na apresentação, de forma clara, objetiva e rica em detalhes, do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, que pode ser feita por meio de jogos, recreações, competições, dentre outros recursos. Além disso, as atividades lúdicas são recursos pedagógicos essenciais e relevantes para que as aulas se tornem mais dinâmicas e prazerosas, contribuindo para a facilitação do processo de aprendizagem dos estudantes. Atualmente, as tecnologias são uma ferramenta de grande importância e que auxilia na dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, se exploradas de forma criativa e responsável. Cabe ao professor usá-las a seu favor.

Palavras-chave: Matemática. Lúdico. Aprendizagem.

ABSTRACT

It is known that Mathematics is an area that, when not developed adequately, can become a problem during the student's teaching and learning, causing many to grow up not liking the subject, and consequently, presenting difficulties and low academic performance. However, when playful tools are used, the student begins to build mathematical knowledge, in addition to learning through play. Playful activity is a form

of teaching that allows the teacher to make the content more dynamic. This makes the class more attractive and relaxed, making students more interested in the class and having a greater understanding and retention of the content. The applicability of play consists of presenting, in a clear, objective and detailed way, the content to be worked on in the classroom, which can be done through games, recreations, competitions, among other resources. Furthermore, playful activities are essential and relevant pedagogical resources for classes to become more dynamic and enjoyable, contributing to facilitating the students' learning process. Currently, technologies are a very important tool that helps in the dynamics of the teaching and learning process, if explored in a creative and responsible way. It is up to the teacher to use them to their advantage.

Keywords: Mathematics. Ludic. Learning.

1 INTRODUÇÃO

O mundo está cada vez mais globalizado, assim o processo de ensino e aprendizagem também acompanha os desafios contemporâneos.

Segundo os PCN's, "em nosso país o ensino de Matemática ainda é marcado pelos altos índices de retenção, pela formalização precoce de conceitos, pela excessiva preocupação com o treino de habilidades e mecanização de processos sem compreensão" (BRASIL, 1997, p. 19).

Essa problemática é a mola propulsora para o desenvolvimento de trabalhos voltados para esta temática. Para tanto, a construção de uma concepção inovadora do ensino de Matemática, com a utilização de ferramentas lúdicas, são estratégias importantes na construção e ressignificação dos conteúdos.

Randi (2011, p.1) afirma que o professor deve criar situações de aprendizagem que sejam instigantes, criativas e mobilizadoras:

Ser um professor do século 21 não pode se resumir a ensinar fatos aos estudantes, mas sim permitir que esses desenvolvam, compreendam e internalizem os conteúdos, habilidades e competências necessárias ao prosseguimento de suas vidas profissionais. (...) Cada vez mais, os docentes têm que dispor e saber usar metodologias que atraiam a atenção dos estudantes e que, ao mesmo tempo, facilitem e tornem efetivo o processo de ensino-aprendizagem. (RANDI, 2011, p.1)

O ensino de matemática precisa ser repensado em termos metodológicos de modo a contribuir com os alunos com a construção de conhecimento que tenha sentido em suas vidas pessoais e em um futuro profissional. Diante de uma diversidade de instrumentos pedagógicos.

Os jogos são considerados um instrumento pedagógico interessante, divertido e motivador para o ensino de matemática. E se constituem como estratégias importantes na construção e ressignificação dos conteúdos. Diante do exposto, procura-se responder a seguinte questão de pesquisa: de que maneira o ensino da matemática de forma lúdica pode despertar o interesse e motivar alunos na aprendizagem em matemática no Ensino Fundamental?

É importante ressaltar que a aprendizagem de forma lúdica, por meio de jogos e materiais concretos, por exemplo, torna-se mais interessante e os estudantes ficam mais motivados e engajados nas aulas, além disso, o lúdico é uma estratégia para introduzir ou revisar conteúdo de uma maneira divertida e sempre associando com a realidade dos estudantes.

2 FUNDAMETAÇÃO TEÓRICA

De modo habitual, as crianças têm contato com o lúdico no cotidiano, quando elas comparam, associam e imaginam, por exemplo. E partindo dessa afirmação, os jogos e outras atividades lúdicas são recursos pedagógicos essenciais para o docente utilizar nas aulas, tornando-as mais dinâmicas e prazerosas e dessa forma, facilitando o processo de aprendizagem dos estudantes. De acordo com Kishimoto (2011), os jogos estão associados à inteligência de cada criança mesmo que ela ainda não os conheça, porque a mesma produz suas próprias fantasias através de brincadeiras inerentes ao seu cotidiano familiar.

Com relação ao ensino de matemática, é necessário ressaltar a importância e necessidade do aprendizado deste componente curricular tão importante e fundamental para a nossa vida, sem contar que a matemática está presente nas diferentes áreas do conhecimento e no nosso cotidiano, pois tudo em nossa volta gira em torno dos números, figuras geométricas e é necessário que os estudantes percebam isso.

É comum ouvirmos por aí que a matemática é complicada e é definida, muitas vezes, como um “bicho de sete cabeças” e, infelizmente, é tida como vilã e responsável pelo fracasso escolar dos estudantes. Para que este mito não se perpetue é necessário o docente usar da criatividade e utilizar mecanismos para que os discentes tenham mais interesse nas aulas. E o uso das atividades lúdicas é uma das soluções para tal problema.

As atividades lúdicas são grandes aliadas, principalmente no que se refere à facilitação do ensino de matemática. Para tanto, é necessário que os estudantes tenham uma aprendizagem que atenda suas necessidades, focando na realidade do mesmo. É fundamental que essas atividades induzam os estudantes a reflexão e raciocínio do problema abordado, auxiliando-os a construir seus conhecimentos por meio do pensamento lógico-matemático.

A Matemática desempenha um papel decisivo no âmbito social e educativo, uma vez que permite a resolução de problemas cotidianos e funciona como instrumento para a construção de conhecimentos em outras áreas, além de interferir na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento e na agilização do raciocínio dedutivo. (BRASIL, 1997).

O uso das atividades lúdicas é uma estratégia para facilitar o processo de ensino aprendizagem, pois os estudantes aprendem e conseguem assimilar o conteúdo sem perceber e com mais facilidade, além disso, desenvolvem habilidades como: investigação, resolução de problemas, pensamento dedutivo, curiosidade, raciocínio lógico, entre outras. Para o docente, essas atividades, quando trabalhadas como recurso pedagógico, trazem muitos benefícios como aponta Nogueira (2005, p.6): favorece a identificação de dificuldades; promove competição entre os alunos, que se empenham ao máximo para vencer; faz com que os alunos se tornem mais confiantes, críticos e capazes de trabalhar em equipe.

Os docentes, por sua vez, ao utilizarem este mecanismo têm grandes chances de despertar nos estudantes o interesse em aprender, estimulando a vontade de estudar e a gostar desta matéria tão encantadora e fascinante que é a matemática, desmitificando que a matemática é complicada, chata e impossível de compreensão.

2.1 O Ensino da Matemática

A educação matemática é um ramo importante e fundamental da educação, que busca ensinar aos estudantes os conceitos, habilidades e competências necessárias para entender e utilizar a matemática no seu dia a dia. Ela não se limita apenas à transmissão de conhecimentos matemáticos, mas também busca desenvolver habilidades de pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação e trabalho em equipe.

Uma das principais características do ensino da matemática é a sua abordagem prática e contextualizada. Em vez de ensinar apenas fórmulas e teorias abstratas, a educação matemática busca mostrar aos alunos como a matemática está presente em diversas situações do cotidiano. Isso ajuda a despertar o interesse dos alunos pela matéria e a perceber a sua importância e relevância.

Além disso, a educação matemática também busca desenvolver a capacidade dos alunos de pensar de forma crítica e criativa, de questionar e resolver problemas. Essas habilidades são essenciais para a vida profissional e para a solução de desafios do mundo real.

A educação matemática utiliza diferentes estratégias e recursos. A tecnologia, por exemplo, tem sido cada vez mais incorporada no ensino da matemática, permitindo a utilização de recursos interativos, simulações e jogos que favorecem a compreensão dos conceitos.

No entanto, a educação matemática também enfrenta desafios. Muitos estudantes têm dificuldades em aprender matemática, seja por falta de interesse, dificuldades de aprendizagem ou pela falta de uma base sólida no ensino fundamental. É necessário, portanto, que os professores estejam preparados para lidar com essas dificuldades e buscar métodos e estratégias de ensino que sejam adequados às necessidades dos alunos.

Em suma, a educação matemática desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes, tanto em termos de compreensão da matemática em si, quanto na formação de habilidades e competências que serão essenciais ao longo da vida. Ela busca despertar o interesse dos alunos, desenvolver habilidades de pensamento crítico e proporcionar uma base sólida para o sucesso em outras áreas do conhecimento.

2.2 O professor que ensina matemática e sua formação

A formação do professor que ensina matemática é um tema de extrema importância e merece uma análise crítica para entendermos os desafios presentes nessa área.

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que a formação do professor em

matemática é fundamental para o seu desempenho eficiente em sala de aula. No entanto, muitas vezes essa formação é deficiente, resultando em professores despreparados e inseguros ao ministrar as aulas.

Um dos principais problemas na formação desse professor está na falta de uma base sólida em matemática durante a graduação. Muitas universidades oferecem um currículo pobre e desatualizado, que não contempla os avanços recentes da disciplina. Além disso, a falta de práticas pedagógicas voltadas especificamente para o ensino da matemática contribui para a formação de profissionais que não sabem como lidar com os desafios específicos da área.

Outra questão crítica é a falta de incentivo à pesquisa e à atualização constante por parte dos professores de matemática. A matemática é uma disciplina que está em constante evolução, com novos métodos e teorias sendo desenvolvidos regularmente. No entanto, muitos professores se acomodam em suas práticas de ensino e não se atualizam, deixando de aproveitar todo o potencial que a disciplina tem a oferecer.

Além disso, é necessário destacar a carência de formação específica para o trabalho com alunos com dificuldades em matemática. Muitas vezes, os professores são deixados à própria sorte quando se deparam com estudantes com dificuldades de aprendizagem na disciplina e não possuem as ferramentas adequadas para auxiliá-los.

No entanto, é importante ressaltar que existem iniciativas voltadas para a melhoria da formação do professor que ensina matemática. Projetos de extensão, cursos de especialização e programas de atualização profissional têm contribuído para a qualificação desses profissionais, proporcionando-lhes novas perspectivas e abordagens para o ensino da matemática.

Em síntese, a formação do professor que ensina matemática ainda enfrenta muitos desafios. A falta de uma base sólida em matemática durante a graduação, a ausência de práticas pedagógicas adequadas, a falta de incentivo à pesquisa e atualização constante, e a carência de formação para lidar com as dificuldades de aprendizagem são problemas que precisam ser enfrentados. Para isso, é necessário reconhecer as iniciativas que têm sido realizadas para melhorar essa formação e continuar buscando soluções que garantam um ensino de qualidade em matemática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de atividades lúdicas é uma forma de ensino que permite que o professor torne o conteúdo mais dinâmico. Com esse mecanismo, a aula torna-se mais atrativa e descontraída, fazendo com que os estudantes tenham mais interesse pela aula e maior compreensão e fixação do conteúdo.

A matemática, que é um componente curricular temido por muitos estudantes, é uma área que, quando não desenvolvida de forma adequada pode se tornar um problema no decorrer do ensino aprendizado do aluno fazendo com que muitos cresçam sem gostar da disciplina, e conseqüentemente, apresentem dificuldades e baixo rendimento escolar.

Essa realidade, pode ser mudada quando utiliza-se ferramentas lúdicas, pois o aluno passa a construir conhecimentos matemáticos, além do que, aprende brincando. Uma vez que a ludicidade consiste na apresentação, de forma clara, objetiva e rica em detalhes, fazendo com que o estudante tenha um maior interesse pela aula e/ou disciplina.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Matemática. Brasília: MEC /SEF, 1998.

DUARTE, Cátia Alexandra. O papel do lúdico na aprendizagem matemática. 2011. Tese de Doutorado.

<https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/405-1.pdf> Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

NOGUEIRA, C.M.I. Tendências em Educação Matemática escolar: das relações aluno-professor e o saber matemático. In: ANDRADE, D.; NOGUEIRA, C. M. I. org. Educação Matemática e as operações fundamentais. Maringá: EDUEM, 2005.

Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar Nascimento de Moraes.

SANTOS, S. M. O lúdico na formação do educador. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Capítulo 6

INFÂNCIAS DO CAMPO E A LUTA PELA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO

Nathália Joeynny Gomes Queiroz

*Graduanda em Licenciatura plena do curso de Geografia pela Universidade Federal
de Alagoas - Campus do Sertão.*

E-mail: nathalia.queiroz@delmiro.ufal.br

RESUMO

Este artigo tem como base o estudo sobre o conhecimento de uma educação na qual ainda é muito pouco vista como educação pela antiga/atual sociedade. Os argumentos teóricos trabalhados sobre a mesma, são baseados na construção de conhecimento de alguns autores nos quais evidenciaram em suas pesquisas a Educação contextualizada do Campo e não menos importante, a experiência de campo da própria autora deste artigo. No mesmo você terá o conhecimento de que a Educação do Campo é rotulada apenas como uma simples educação ou uma educação comum curricular urbana, mesmo a Educação do Campo ainda sendo uma educação discriminada pela sociedade brasileira desde sua inicialização até os dias atuais, a mesma se origina como uma educação na qual contextualiza as vivências e convivência do passado, presente e posteriormente um futuro próximo, no qual será respondido por integralizar as crianças do campo a uma sociedade inclusiva. A inclusão social é de fato muito comentada em diversos argumentos sociais, porém, pouco trabalhada, sendo assim, um problema presente. No artigo é abordado a falta de inclusão que a Educação do Campo sofre cotidianamente e o quanto a criança do campo sofre por não ser da cidade. O objetivo geral deste artigo é expor o conhecimento teórico e conhecimento vivenciado no campo no período de pesquisa sobre a Educação do Campo e a Criança do Campo ainda nesta contemporaneidade com a sociedade atual.

Palavras-chave: Educação; Campo; Criança do Campo; Luta.

ABSTRACT

This article is based on the study of the knowledge of an education that is still very little seen as education by the old/current society. The theoretical arguments worked on are based on the construction of knowledge by some authors who have highlighted contextualized rural education in their research and, not least, the field experience of the author of this article. Even though rural education is still an education discriminated against by Brazilian society from its inception to the present day, it originates as an education that contextualizes the experiences and coexistence of the past, present

and then the near future, in which it will be responsible for integrating rural children into an inclusive society. Social inclusion is in fact much talked about in various social arguments, but little work is done on it, making it a problem. The article addresses the lack of inclusion that rural education suffers on a daily basis and the extent to which rural children suffer because they are not from the city. The general aim of this article is to expose the theoretical knowledge and knowledge experienced in the field during the period of research into Rural Education. and the Rural Child still in this contemporaneity with today's society.

Keywords: Education; Countryside; Country children; Struggle.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar as experiências vividas em campo nos dias 01 e 22 de novembro de 2022, nas cidades de Ribeira do Pombal localizada no Estado da Bahia e Girau do Ponciano localizado no Estado de Alagoas. Neste artigo, além das vivências, serão abordados estudos teóricos acadêmicos relacionados à Educação do Campo.

A fundamentação deste artigo será estruturada em três partes principais. A primeira consistirá em um estudo acadêmico direcionado e expandido sobre o tema. A segunda abordará textos teóricos, explorando obras de alguns autores que também trataram do assunto em questão. A terceira parte se concentrará nas experiências em campo, exploradas de maneiras distintas dentro do contexto da educação.

Neste contexto é importante que saibamos que a educação é compreendida como uma padronização de corpos que molda a humanidade. Nesse sentido, a formação não se restringe apenas às instituições de ensino, estendendo-se a todos os lugares, redes, mídias, situações e condições. A Educação, portanto, transcende o ambiente escolar, mas este está inserido no contexto mais amplo da educação formal.

A Educação em si, não tem relação com a escola, mas a escola está dentro da escola, no que se diz uma educação formal ou uma educação não só para aqueles da cidade.

No caso da educação do campo, observa-se que, embora compartilhe semelhanças com a educação urbanizada, a mesma possui características próprias. As crianças do campo, de maneira análoga às crianças da cidade, participam desse processo educacional. A educação do campo se destaca pela ampla contextualização do cotidiano e vivências da comunidade, sendo um meio pelo qual os mais experientes

compartilham ensinamentos com as crianças. Dessa forma, estas compreendem tanto as raízes históricas quanto as atuais lutas do seu povo.

Na década de 1930, ocorreu um avanço significativo conhecido como Ruralismo Pedagógico, marcado pelo estabelecimento das primeiras escolas. Entre elas, algumas se destacavam pela excelência, enquanto a maioria visava atender apenas às necessidades mínimas. Nesse período, também surgiram discussões sobre a concepção do "homem rural-escola", com ênfase na defesa da educação voltada para a alfabetização de indivíduos que habitavam áreas rurais. Sendo assim, segundo Gonçalves

[...] desde 1997, quando foi realizado o I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (ENERA), o debate em torno da Educação do Campo se intensificou no Brasil, tendo sido criado, em decorrência deste encontro, o PRONERA (Programa de Educação na Reforma Agrária). Este programa é responsável por impulsionar a EC nas esferas acadêmicas. (GONÇALVES, 2013, p.33).

De acordo com dados do Ministério da Educação – MEC –, o Brasil atualmente conta com aproximadamente 73.483 instituições de ensino municipais e estaduais situadas em áreas rurais, 1.856 instituições de ensino quilombolas, 2.823 instituições de ensino indígenas e 68.804 escolas rurais ou unidades em assentamentos para reforma agrária.

Ao longo deste artigo, serão apresentados estudos e experiências referentes a duas visitas realizadas em escolas do campo distintas. Ambas lutam pelo mesmo direito e pela oferta de uma educação contextualizada às vivências e lutas por direitos ao longo do tempo e da história. No entanto, encontram-se em situações e condições diferentes, influenciadas pelo contexto social de cada região e comunidade.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Antes de adentrarmos neste campo de conhecimento, é essencial compreender e distinguir o que constitui a educação do campo e a infância do campo. Apesar de aparentemente distintos, esses dois conceitos se entrelaçam, tornando-se um só por meio de suas vivências e lutas. A Educação do Campo busca ser reconhecida pela sociedade como um sistema educacional contextualizado, enquanto a Infância do Campo enfrenta incompreensões sociais, levando a uma simplificação e possível discriminação das crianças que crescem em ambientes rurais.

A Educação do Campo e a Criança do Campo representam desafios, confrontando a discriminação social classista presente na sociedade cotidiana. Esses desafios não devem ser subestimados, pois são cruciais para a construção de uma sociedade mais justa.

As palavras "importante" e "impotente" adquirem significados específicos em relação à tão valorizada "Cidadania" associada à nacionalidade. A educação é uma extensão que nos transforma em seres humanos, detentores de conhecimento amplo, indo além da mera inteligência.

Refletindo sobre a palavra "Cidadania", percebe-se sua origem na cidade, implicando que tudo que é urbano é sinônimo de coisas positivas, enquanto o ambiente rural é frequentemente associado ao oposto. Existe uma percepção arraigada de que o campo está ligado à pobreza, enquanto a cidade monopoliza a riqueza para seus cidadãos. Nesse contexto, a pesquisa de Paludo e Silveira (2014) destaca a divergência da dicotomia entre cidade e campo, sendo ela

No campo, as transformações mencionadas anteriormente influenciaram o modo de viver e de produzir. No entanto, até hoje, como consequência do desenvolvimento brasileiro, a representação sobre o campo, por parte da maioria da sociedade, reproduz concepções, tais como: atraso, ignorância, ingenuidade, subdesenvolvimento, comunitarismo, que não correspondem à realidade e que acirram a dicotomia campo/cidade. (PALUDO; SILVEIRA, 2014, p.176).

É crucial desenvolvermos uma visão abrangente e dinâmica a partir do conhecimento de autoras e da nossa convivência diária entre campo e cidade. Ao observarmos com atenção, percebemos que a integração entre esses dois contextos torna-se desafiadora, especialmente devido às percepções herdadas sobre as diferenças sociais e à resistência em relação à inclusão do novo ou do antigo. Ampliar nosso entendimento e promover a inclusão demanda uma postura mais expansiva em relação ao conhecimento.

No cenário político anterior, o governo de Jair Bolsonaro impôs desafios à expansão da educação camponesa em diversas comunidades, apesar do reconhecimento atual da Educação da Criança do Campo pelo Ministério da Educação – MEC. As dificuldades enfrentadas nesse contexto educativo foram mitigadas em parte por patrocinadores comprometidos com a causa.

Embora a Educação do Campo tenha sido "reconhecida" como modalidade de ensino pelo MEC em 2010, as lutas pelo seu reconhecimento remontam ao início das

lutas camponesas. No entanto, ela ainda é percebida como algo "marginalizado" e subvalorizado no Brasil, devido à predominância da Educação Privada ou Educação Descontextualizada/Urbana.

Para compreender a conceituação e construção da Educação do Campo no Brasil, é necessário retroceder um pouco no tempo. Desde os primeiros estágios de colonização, a Educação do Campo tem sido objeto de análise e estudo. Na época da colonização, padres interagiam com os povos indígenas, implementando abordagens educativas para integrar os nativos ao novo ambiente, com a verdadeira intenção de capacitá-los a servir à coroa no contexto da agropecuária.

Segundo Ribeiro,

Desenvolvendo práticas educativas, os sujeitos político-coletivos articulados no Movimento Camponês, nas suas lutas pela educação do campo associada à terra de trabalho na qual possam aplicar a agroecologia, confirmam sua capacidade de apresentar alternativas às tradicionais escolas rurais, aos processos de formação de professores e, conseqüentemente, ao projeto hegemônico de sociedade e desenvolvimento rural. Mas a concretização destas alternativas não está garantida, nem é tão simples. Nas lutas para conquistar e garantir suas demandas, os mesmos sujeitos que representam as forças do trabalho envolvem-se em conflitos ao enfrentar as forças que representam o capital, incorporado pelos sujeitos relacionados ao agronegócio. (RIBEIRO, 2013, p. 128).

Dessa forma, ao integralizar a "Educação" para os indígenas, o objetivo primordial era impulsionar o crescimento do capital no país, com foco na escravização e discriminação dos povos nativos. A pressão por crescimento e desenvolvimento capitalista foi tão intensa que o Brasil, em seus momentos de expansão regional, enfrentou diversas lutas, especialmente quando a coroa portuguesa deixou de cumprir eficazmente o seu papel.

O Brasil destaca-se mundialmente na prática da educação no campo, sendo que o direito à Educação do Campo é uma conquista construída ao longo do tempo. Entre as práticas camponesas, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) destaca-se ao exigir que, pelo menos, seus membros sejam alfabetizados. Diante dessa necessidade, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) travou batalhas durante anos para o reconhecimento da educação camponesa no país. Em 1990, a criação da 1ª Conferência Nacional de Educação Básica do Campo foi um marco significativo, culminando na criação e nacionalização do termo "Educação do Campo".

EXPERIÊNCIAS DO CAMPO

No dia 01 de novembro de 2022, visitamos uma instituição de ensino Escola Família Agrícola – EFA, localizada na divisa entre Cícero Dantas – BA e Ribeira do Pombal - BA, lá podemos vivenciar e conhecer um pouco de como eles trabalham com as crianças e como a rotina é dividida entre eles. A EFA atribui uma tabela de alunos de aproximadamente quatorze comunidades, localizadas nos seguintes municípios Ribeira do Pombal - BA; Cícero Dantas - BA; Fátima - BA; Heliópolis - BA; Novo triunfo - BA; Sítio do Quinto - BA; Jeremoabo - BA; Nova Soure - BA; Tucano - BA; Olindina - BA; Canudos - BA; Euclides da Cunha - BA; Santa Brigada - BA; e Alagoinhas - BA tendo como representante um estagiário. Alguns de seus alunos são integrantes de comunidades étnicas, tanto indígenas quanto quilombolas, ainda pela Bahia ser Estado vasto de culturas e comunidades, o estado da Bahia contribui em aproximadamente dezesseis instituições de ensino EFA, a EFA na qual visitamos é a mais próxima do arco regional do Sertão de Alagoas.

A instituição tem por si a prática da Pedagogia da Alternância, ela foi fundada em 1995. O que seria a Pedagogia da Alternância? A pedagogia da alternância é a universalidade da educação, na verdade, é uma peculiaridade que se tornou universal. Isto é, uma determinada cidade do campo na qual em um determinado dia a escola deve “liberar” os alunos por conta de um dia de colheita ou algo do tipo. Entretanto, a Pedagogia da Alternância vai além da troca de conhecimento do aluno do campo com a sua realidade cotidiana.

A Pedagogia da Alternância tem como objetivo e método o desenvolvimento do meio com a formação educacional integral do aluno, com isso são ofertadas diversas ferramentas pedagógicas de ensino e incluídas no plano de formação do educando conhecido como Currículo Integrado. Dessa forma a EFA atribui essa prática, onde o aluno permanece na unidade ensino durante duas semanas e duas semanas em casa, sendo assim, um TU (Tempo Unidade de ensino) e TC (Tempo Casa), sendo assim, a sua divisão fica entre duas semanas o ensino médio e duas semanas o fundamental.

O primeiro processo em parceria da instituição com a universidade foi com a UNEB em 2002, no qual a atual gestora e o vice gestor tiveram a oportunidade de se qualificarem gradualmente e a próxima parceria foi com uma universidade próxima a Simão Dias - BA. Atualmente a instituição é reconhecida pelo MEC, seus alternantes

de escolas agrícolas, serão reconhecidos também por ingresso de cotas pelas universidades.

A EFA divide todas as suas tarefas domésticas e agrícolas entre os alunos dividindo-as em diferentes horários, dessa forma eles terão o ensinamento de independência curricular e já em alguns casos financeira. Alguns alunos já fazem a abordagem em suas comunidades, fazendo assim, uma melhor divulgação da instituição.

O processo seletivo da instituição, ocorre através de um teste de quinze dias, em que os pais deixam as crianças na escola sem acesso a ele ou algum tipo de tecnologia, a criança que suportar o isolamento durante esse período já pode dar início a sua matrícula. A instituição oferta as modalidades de ensino Fundamental II e o Ensino Médio, fazendo com que assim, vá até a quarta série do ensino médio e áreas de cursos agrícolas.

Com a participação da docência e do aluno é construído através de uma reunião o Plano de Estudo – PE – é questionado pelo aluno (motivação de tema). O plano de estudo é levado para casa e retorna com respostas diretamente da comunidade. Isso se dá com a interação da comunidade municipal, após a sua construção e apresentação o Plano de Estudo será expandido para um plano regional. Buscam por culturas anuais para a criação de temas dos respectivos PE. Tudo que está imposto no PE será estudado e melhorado o conhecimento de atividades práticas. É construído por turma durante o período de um trimestre.

Diferente da EFA a próxima instituição de ensino visitada, foi uma instituição Municipal do MST, no qual está “integralizada” com o município.

No dia 22 de Novembro de 2022 visitamos outra escola, dessa vez a situação que presenciamos era totalmente diferente do que presenciamos na anterior, dessa vez localizada em assentamento do MST localizado no município de Girau do Ponciano - AL. A instituição que visitamos foi a Escola Municipal Luciano Alves administrada pela atual diretora e primeira professora Adriana, a escola teve início no ano de 2000 instalada no assentamento Dom Hélder Câmara, um dos maiores assentamentos do Estado de Alagoas, com aproximadamente doze agrovilas.

No início de formação da escola, segundo a Adriana, ela trabalhava com as primeiras turmas multisseriadas com aproximadamente oitenta e seis crianças trabalhando com Fundamental I. Atualmente a Escola Municipal Luciano Alves faz parceria com o município, passando assinar, não ser mais uma escola apenas do

MST, mas uma escola também para o município. A partir do ano de 2012 com a parceria com o município, a escola passou ampliar sua grade comum curricular de ensino para o Fundamental II. Atualmente, segundo o CENSO está contabilizado 1.468 alunos.

A gestora Adriana não trabalha apenas com as escolas do assentamento, mas também trabalha em um projeto chamado Educação Solidária, é a partir desse projeto que ela leciona no presídio próximo ao município abordado a educação EJA.

Com a ampliação da educação entre os anos 2000 a 2012, a gestão passa por alguns desafios não direcionado da prefeitura do município de Girau, mas, da própria Secretaria de Educação, pela educação formal EJA do presídio e principalmente pelas crianças assentadas nas quais frequentam a Escola Municipal Luciano Alves. Dessa forma, não apenas a educação sofre por intermédio do município, mas também, o prédio da escola, no qual está com o projeto de reforma desde 2014, porém, com tanta discriminação, as obras iniciaram-se no início desse ano 2022 e a prefeitura estima a inauguração do mesmo em fevereiro do próximo ano, sendo que a obra ainda se encontra pela metade e apenas com cinco operários. Visto que, Secretaria da Educação, mesmo com projetos do município com a Escola Municipal Luciano Alves, se faz por difícil em aceitar a diversidade de cultura com o MST.

É crucial destacar que a discriminação não se limita apenas à Educação do Campo, mas afeta profundamente a Criança do Campo como um todo. Mais uma vez, ao citar o "Importante pelo Impotente", fica claro que a sociedade continua excluindo de forma excessiva os camponeses. Quando falamos de camponeses, não nos referimos apenas aos adultos, mas também às crianças, que, devido à sua inteligência e intelectualidade associadas à educação no campo, enfrentam ampla discriminação.

A visão prevalecente sobre uma criança camponesa muitas vezes a retrata como desprovida de educação, não inteligente, sem importância e impotente. No entanto, nossa vivência durante as visitas às instituições no campo revelou uma realidade completamente diferente. A educação contextualizada oferecida aos alunos não apenas os envolve mais ativamente no aprendizado, mas também os capacita a se integrar mais plenamente à sociedade. Isso possibilita que as crianças do campo conheçam mais sobre o mundo em que vivem, compreendendo as lutas de seus pais e antepassados em busca da sobrevivência. A educação, quando contextualizada e valorizada, revela o potencial e a importância dessas crianças, desafiando os estereótipos discriminatórios que persistem na sociedade.

Segundo Gonçalves,

Os debates sobre a infância no campo, crianças da zona rural, educação das crianças indígenas, caiçaras, ribeirinhas e quilombolas, Educação Infantil no MST, bem como o debate sobre políticas de atendimento à infância na zona rural começam a ganhar visibilidade no meio acadêmico. Ainda que de forma tímida, estes debates passam a se constituir em meios pelos quais a temática Educação Infantil do Campo assume forma e consistência, a caminho de iniciativas para a construção de uma política específica que atenda a esta demanda no país. (GONÇALVES, 2013).

É notável que, à semelhança das pesquisas de Gonçalves, podemos destacar a Escola Família Agrícola (EFA) visitada como um exemplo de êxito educacional. Muitos de seus ex-alunos tornaram-se professores nas disciplinas que estudaram, enquanto os alunos em formação já conseguem obter renda durante o período em que estão em casa (Tempo Casa - TC), contribuindo para suas comunidades. No caso da Escola Municipal Luciano Alves, situada no assentamento Dom Hélder Câmara, mesmo diante dos obstáculos impostos pelas gestões escolares vizinhas, os alunos têm demonstrado seu valor em diversas competições interescolares na região, inclusive em competições de robótica.

No entanto, durante conversas com os alunos da EFA, muitos relataram enfrentar discriminação por parte de outros jovens da cidade central do município. Eles são chamados de "crianças doidas" ou são rotulados como frequentadores de um "hospício". Isso evidencia um bloqueio social em relação a uma realidade repleta de oportunidades para esses jovens. A discriminação sofrida revela a necessidade de uma mudança nas percepções sociais e na valorização das diferentes formas de educação, reconhecendo o potencial e as conquistas dos estudantes do campo.

A LUTA DA CRIANÇA DO CAMPO

A falta de reconhecimento social da Educação do Campo é evidente em todos os aspectos, mas não podemos esquecer das crianças que nos inspiram a ser professores. Em meio a toda essa situação de discriminação social imposta pelos rótulos sobre a criança do campo, promovidos pela sociedade urbanizada brasileira, é crucial não apenas refletir, mas também buscar compreender como essas crianças conseguem manter sua força diante de comentários preconceituosos.

O estereótipo de que o Brasil é um país laico e inclusivo muitas vezes se mostra desconectado da realidade inclusiva. A sociedade ainda não estabeleceu um "vínculo respeitoso" com os camponeses, nem demonstrou compreensão e apoio às suas lutas cotidianas.

A Criança do Campo não possui o mesmo acesso às prioridades escolares urbanas nem um contato direto com o ambiente urbano. As condições reais são extremamente distintas, e para que essas crianças se sintam incluídas e estabelecidas na sociedade, é necessário garantir o acesso a uma educação digna, reconhecendo seu direito como crianças e cidadãos deste país. Em seu artigo "Contribuições para a história da educação infantil do campo no Brasil" Paludo e Silveira (2014), afirmam que

A Educação Infantil surge concomitante com a necessidade de assistência à infância e às mães pobres e/ou trabalhadoras. O capitalismo que se expandia precisava de mão de obra, sendo a feminina a menos onerosa. Como muitas dessas mulheres já haviam constituído suas próprias famílias e, conseqüentemente, possuíam um ou mais filhos, careciam de um local onde pudessem deixá-los no período em que vendiam sua força de trabalho. (PALUDO; SILVEIRA, 2014, p.174).

O objetivo da Escola do Campo vai além da simples educação, ela busca construir um ambiente seguro onde as crianças possam vivenciar a infância sem serem moldadas por estereótipos criados colonialmente pela sociedade antiga. A partir desse contexto, a escola almeja ser reconhecida pelos pais como um local de confiança e convivência, onde o conhecimento, muitas vezes oculto pela sociedade, é revelado.

Existem diversas diferenças fundamentais entre a Escola do Campo e a Escola Comum. Enquanto a Escola Comum muitas vezes se limita a um currículo padronizado de experiências e ensinamentos políticos, a Escola do Campo rompe com essa uniformidade, transformando-a em um leque de diversidade curricular. Essa abordagem busca contextualizar a realidade e a história específicas do campo, proporcionando uma educação mais significativa e conectada à vivência dos alunos. Mesmo que a Educação do Campo tenha sido reconhecida como parte da educação infantil apenas em 2008, ela representa uma mudança positiva, afastando-se da mesmice e abraçando a riqueza da diversidade, como afirma Gonçalves

A política de Educação Infantil do Campo tem seu 'pontapé inicial' em julho de 2008, quando representantes de movimentos sociais, técnicos dos ministérios da Educação, do Desenvolvimento Agrário e professores, discutiram no Seminário 'Políticas Públicas de Educação Infantil no campo'³ medidas para universalizar o acesso à Educação Infantil (GONÇALVES, 2013, p.42).

Em 2014 foi publicado pelo Ministério da Educação (MEC) um documento no qual infere uma "Proposta para a expansão da política", no qual foi produzido pelo Grupo de Trabalho de Interinstitucional (GTI), retrata que

A elaboração da Política Nacional de Educação Infantil do Campo convoca-nos a pensar sobre a complexa relação entre diferentes políticas públicas e a diversidade de infâncias vividas pelas crianças de 0 a 5 anos que residem em áreas rurais do País. O reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado e como primeira etapa da educação básica brasileira exige diálogo entre pesquisadores/as, gestores/as, professores/as, movimentos sociais e sindicais, setores do governo e da sociedade, a fim de superar as invisibilidades das crianças do campo, seja em relação ao acesso, à qualidade do atendimento para os bebês e as crianças pequenas, ou em relação às suas identidades, bem como de apoiar às mulheres do campo no exercício da maternidade e dos demais direitos humanos. (GTI, 2014, p.6)

A partir desse documento, torna-se evidente que a luta pela inclusão da Educação do Campo ainda está em curso. Mesmo que o progresso seja gradual, a batalha para garantir que a Criança do Campo seja reconhecida e ouvida está se intensificando. O que presenciei em campo revela que a centralização da educação camponesa é frequentemente subestimada, mas ao mesmo tempo é profundamente valorizada por comunidades que estão comprometidas com a preservação de suas tradições.

O Movimento Sem Terra (MST) se destaca como um movimento que luta pela reforma agrária, e além disso, destaca-se pela importância que atribui à educação. Ao estabelecer assentamentos, o movimento prioriza a construção de escolas. Essas escolas não apenas buscam garantir a alfabetização básica, mas também valorizam a educação da Criança do Campo. Isso significa contextualizar as lutas passadas e presentes do movimento com as experiências das crianças, promovendo um ambiente educacional que as encoraje a valorizar a educação que recebem. As autoras Paludo e Silveira (2014) concretizam que

³ Em 2005 a Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PNERA) divulgou dados, nos quais foram lembrados pelo diretor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária visando apenas 5% de crianças de 0 a seis anos frequentam escolas de educação infantil do campo.

Esse movimento inicial ganhou mais força, na década de 1990, com a participação da Via Campesina e de outros, como a Confederação Nacional Dos Trabalhadores Rurais – CONTAG – que, entre suas reivindicações específicas erguia, também, a bandeira da educação escolar. Somente em 2002, as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” abordam a necessidade de uma educação diferenciada para os que vivem e trabalham no campo. A expressão “Educação do Campo” aparece de modo mais significativamente marcado, em um documento datado de 2008, a Resolução Nº 2, de 28 de abril, que estabelece as Diretrizes Complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. As Diretrizes representam uma vitória e abarcam Proposições do ‘Movimento de Educação do Campo’. A luta por escola, entretanto, não é a única luta do Movimento. A mais importante parece ser o reconhecimento e o fortalecimento deste processo, no quais os povos do campo resistem e se emancipam, em busca de Políticas públicas por uma educação no e do campo. (PALUDO; SILVEIRA, 2014).

A análise das autoras destaca a concretização da Educação do Campo como algo seletivo, indicando que ainda não existem políticas públicas concretas e estáveis para que a educação possa se interiorizar de forma permanente no campo não urbanizado ou descontextualizado. Isso ressalta a necessidade de desenvolver e implementar políticas públicas consistentes que atendam às especificidades da Educação do Campo, garantindo sua presença constante e efetiva nessas comunidades. O desafio é estabelecer medidas que tornem a educação uma parte integrante e essencial do contexto rural, proporcionando uma base educacional sólida e contextualizada para as crianças do campo.

CONCLUSÃO

A conclusão aponta para a ambiguidade da discriminação social na educação e em relação às crianças do campo. Apesar disso, observa-se a presença de órgãos governamentais engajados no reconhecimento da educação inclusiva, habilitando os jovens ao conhecimento empírico da realidade em meio à luta por igualdade. A educação alternativa, embora não esteja plenamente integrada à sociedade, tem potencial para inclusão, especialmente considerando o número significativo de assentamentos em todo o país.

Diante disso, é destacada a importância de a sociedade sensibilizar-se em relação às questões do campo, especialmente em relação à criança do campo. Mobilizar-se por essa causa, que está próxima das cidades e busca reconhecimento

há anos, pode contribuir para a inclusão efetiva da Educação do Campo na sociedade. Mesmo sendo um país relativamente jovem, o Brasil passou por várias transformações e lutas, mas a maturidade da sociedade ainda é um desafio, especialmente considerando a dicotomia entre ser um país laico e ainda apresentar desafios na compreensão e aceitação das diversidades.

A compreensão da sociedade para alcançar uma estabilidade é um desafio, mas com o apoio do governo e possíveis projetos, pode ser possível tornar a inclusão entre cidade e campo mais acessível para todas as comunidades, proporcionando o devido reconhecimento.

REFERÊNCIAS

DISSERTAÇÃO:

GONÇALVES, R. D. F. S. **O estado da arte da infância e da educação infantil do campo: debates históricos, construções atuais.** Orientador: Cavalcante, Ludmila Oliveira Holanda. 2013. 60 p. Dissertação (Mestrado) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana – BA, 2013.

GONÇALVES, R. D. F. S. **O estado da arte da infância e da educação infantil do campo: debates históricos, construções atuais.** EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: UMA POLÍTICA NECESSÁRIA. Orientador: Cavalcante, Ludmila Oliveira Holanda. 2013. 60 p. Dissertação (Mestrado) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana – BA, 2013.

DOCUMENTO:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Grupo de Trabalho Interinstitucional – GTI. 6/2013. **EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: Proposta para a expansão da política,** Brasília – DF, ano 2014, p. 6, Março 2014.

ARTIGO:

RIBEIRO, M. **DESAFIOS POSTOS À EDUCAÇÃO DO CAMPO: Limites que se colocam como desafios à educação do campo.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, ano 2013, n. 50º, p. 128, Maio 2013.

ARTIGO:

SILVEIRA, D. M.; PALUDO, C. **DESAFIOS POSTOS À EDUCAÇÃO DO CAMPO.** Educação Infantil no Brasil, UFPEL – Universidade Federal de Pelotas, ano 2014, 6 jun. 2014. Seção, p. 174.

SILVEIRA, D. M.; PALUDO, C.. **DESAFIOS POSTOS À EDUCAÇÃO DO CAMPO.** Movimentos sociais do campo e educação do campo, UFPEL – Universidade Federal de Pelotas, ano 2014, 6 jun. 2014. Seção, p. 176.

Capítulo 7

PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O IMPACTO DO PSICOPEDAGOGO NA INTEGRAÇÃO DE ALUNOS SURDOS ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS⁴

Erica dos Santos Justino Coelho

Licenciada em Pedagogia (ISEPAM); Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FACUMINAS). ericajustino69@gmail.com.

Lucimar da Silva Pereira Junior

Professor da rede pública de Campos dos Goytacazes/RJ; Licenciado em Pedagogia (ISEPAM). Especialista em Educação, Política e Sociedade e, Lúdico e Psicomotricidade na Educação Infantil (FESL). lucimar_junior@hotmail.com

RESUMO

Neste estudo, é discutida a importância do papel do psicopedagogo na promoção da inclusão de alunos surdos na educação infantil, através da integração de jogos, brinquedos e brincadeiras. O texto destaca inicialmente a relevância da legislação brasileira que assegura a Educação Especial e Inclusiva como um direito fundamental. Em seguida, são exploradas as múltiplas funções desempenhadas pelo psicopedagogo na educação inclusiva, que incluem a identificação das necessidades individuais dos alunos surdos, a colaboração com outros profissionais da educação e o acompanhamento personalizado dos alunos e suas famílias. A análise detalhada demonstra como os jogos, brinquedos e brincadeiras se tornam ferramentas pedagógicas eficazes nas mãos do psicopedagogo, permitindo a adaptação e personalização das atividades para atender às necessidades específicas dos alunos surdos. Estes recursos não apenas promovem o desenvolvimento acadêmico, mas também contribuem para o crescimento emocional, social e afetivo das crianças. Conclui-se que a atuação do psicopedagogo na inclusão do aluno surdo na educação infantil vai além da mera transmissão de conhecimentos, abrangendo também o

⁴ Artigo escrito como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Facuminas.

fortalecimento da autoestima, autonomia e habilidades sociais dos alunos. Investir na formação continuada do psicopedagogo e na criação de ambientes educacionais inclusivos é essencial para assegurar uma educação de qualidade e equitativa para todos os alunos, independentemente de suas diferenças e desafios.

Palavras-chave: Psicopedagogo. Inclusão. Alunos surdos. Educação infantil. Jogos e brincadeiras.

ABSTRACT

In this study, the importance of the role of the educational psychologist in promoting the inclusion of deaf students in early childhood education is discussed, through the integration of games, toys and games. The text initially highlights the relevance of Brazilian legislation that ensures Special and Inclusive Education as a fundamental right. Next, the multiple roles played by the educational psychologist in inclusive education are explored, which include identifying the individual needs of deaf students, collaborating with other education professionals and personalized support for students and their families. The detailed analysis demonstrates how games, toys and games become effective pedagogical tools in the hands of the educational psychologist, allowing the adaptation and personalization of activities to meet the specific needs of deaf students. These resources not only promote academic development, but also contribute to children's emotional, social and affective growth. It is concluded that the role of the educational psychologist in the inclusion of deaf students in early childhood education goes beyond the mere transmission of knowledge, also encompassing the strengthening of students' self-esteem, autonomy and social skills. Investing in the continued training of educational psychologists and in the creation of inclusive educational environments is essential to ensure quality and equitable education for all students, regardless of their differences and challenges.

Keywords: Psychopedagogue. Inclusion. Deaf students. Child education. Games and jokes.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a Educação Especial e Inclusiva têm testemunhado progressos e transformações significativas, incluindo o direito legalmente garantido à presença contínua de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Uma vez que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) assegura a Educação Especial, a qual é oferecida na rede regular de ensino para indivíduos com necessidades específicas, distintas das dos demais alunos. Por outro lado, a Educação Inclusiva fundamenta-se no respeito e na valorização de cada educando no processo de ensino-aprendizagem (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

A Educação Especial, conforme estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), visa assegurar o acesso à educação para alunos com

necessidades específicas, dentro da rede regular de ensino. Por outro lado, a Educação Inclusiva enfatiza o respeito e a valorização de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizado que atenda às suas necessidades individuais (BRASIL, 1996).

No atual panorama educacional, a busca por uma verdadeira inclusão tem sido um dos principais objetivos. Nesse contexto, a inclusão de alunos surdos na educação infantil apresenta-se como um desafio significativo, requerendo abordagens pedagógicas sensíveis e eficazes (GOMES; TEIXEIRA, 2023).

Este artigo tem como objetivo explorar o papel fundamental do psicopedagogo na promoção da inclusão desses alunos, com foco na utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras como ferramentas facilitadoras desse processo.

Para atingir tal propósito, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, consistindo na revisão crítica e sistemática da literatura relacionada ao tema. Essa abordagem permite explorar e analisar as contribuições teóricas, práticas e empíricas disponíveis, fornecendo uma base sólida para reflexão e proposição de estratégias pedagógicas inclusivas (PARRA FILHO; SANTOS, 2001; GIL, 2008).

Parra Filho e Santos (2001) definem uma pesquisa bibliográfica como aquela em que o pesquisador se utiliza de fontes como livros, revistas, documentos e periódicos impressos. Gil (2008) acrescenta que outras fontes relevantes incluem obras de referência, teses, dissertações, periódicos científicos e materiais disponíveis em sites relacionados ao tema em estudo.

A metodologia adotada baseia-se na seleção criteriosa de obras que abordam diversos aspectos relacionados à educação de alunos surdos, à atuação do psicopedagogo e ao uso de jogos, brinquedos e brincadeiras como recursos pedagógicos. A análise e síntese dessas fontes visam identificar tendências, lacunas e desafios existentes na literatura no contexto da educação infantil.

Assim, este artigo busca contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a inclusão de alunos surdos na educação infantil, destacando o papel essencial do psicopedagogo e o potencial dos jogos, brinquedos e brincadeiras como instrumentos facilitadores desse processo. Acredita-se que ao reconhecer e valorizar a singularidade de cada criança, e ao adotar abordagens pedagógicas que abracem a diversidade, é possível construir um ambiente educacional mais inclusivo, equitativo e enriquecedor para todos os alunos, contribuindo assim para o desenvolvimento integral e o sucesso acadêmico e social de cada indivíduo.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, serão exploradas as diversas funções desempenhadas pelo psicopedagogo no contexto da educação inclusiva. Será discutido como esse profissional pode atuar para promover a inclusão de alunos surdos na educação infantil, incluindo estratégias específicas de intervenção e colaboração com outros profissionais.

De Sousa Silva e De Carvalho Menezes (2020), mencionam que a atuação do psicopedagogo na educação inclusiva é fundamental para assegurar que todos os estudantes, sem distinção de habilidades ou necessidades, recebam uma educação de excelência.

Para isso,

O psicopedagogo tem um papel em busca de propor investigações capazes de desencadear um novo processo de aprendizagem no indivíduo. No entanto o psicopedagogo deve utilizar recursos como: testes, desenhos, história, atividades pedagógicas jogos, brinquedos etc. esses recursos constituem um importante instrumento, com base nesses dados é elaborado o plano de intervenção (DO NASCIMENTO, 2019).

Conseqüentemente, este profissional desempenha um papel importante ao buscar e propor intervenções que possam catalisar um novo processo de aprendizagem no indivíduo. Nessa jornada, ele faz uso de uma ampla gama de recursos, como testes psicométricos, desenhos, narrativas, atividades pedagógicas, jogos e brinquedos. Esses recursos não apenas permitem uma avaliação abrangente das habilidades, potencialidades e dificuldades do indivíduo, mas também proporcionam um ambiente seguro e estimulante para a expressão e exploração de suas capacidades (CAMPAGNOLO; MARQUEZAN, 2019; DO NASCIMENTO, 2019).

Na integração de estudantes surdos na fase inicial da educação, o psicopedagogo desempenha diversas funções vitais, que visam tanto fomentar o desenvolvimento completo desses alunos quanto estabelecer ambientes educativos mais inclusivos e acessíveis. Como afirmado por Do Nascimento (2019), a educação inclusiva é uma demanda premente na sociedade contemporânea, sendo uma ação política, cultural, social e pedagógica. Nepomoceno (2020) complementa que num ambiente inclusivo, o sistema educacional é moldado com base nas necessidades

específicas de cada aluno, o que promove tanto o progresso acadêmico quanto o social.

Nesse contexto, observa-se que o psicopedagogo desempenha um papel crucial como facilitador na identificação das necessidades individuais dos estudantes surdos, por meio de avaliações psicopedagógicas que consideram não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais, sociais e comunicativos (DE SOUSA SILVA; DE CARVALHO MENEZES, 2020). Essa avaliação minuciosa possibilita ao profissional compreender as habilidades e desafios de cada aluno, o que direciona a criação de estratégias de intervenção personalizadas.

Além disso, conforme destacado por Silva (2022), o psicopedagogo trabalha em colaboração com outros profissionais da educação, como professores e intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais), para desenvolver práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades específicas dos estudantes surdos. Isso inclui a adaptação de materiais didáticos, a aplicação de metodologias de ensino diferenciadas e a promoção de atividades que valorizem a comunicação visual e tátil, com o intuito de oferecer uma experiência de aprendizado mais significativa e acessível.

Assim sendo, o psicopedagogo desempenha um papel significativo no suporte à inclusão social dos alunos surdos, promovendo a conscientização da comunidade escolar sobre as questões relacionadas à surdez e combatendo o preconceito e a discriminação (GOMES; TEIXEIRA, 2023). Através de ações educativas e de sensibilização, ele contribui para a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos se sintam respeitados e reconhecidos em sua diversidade.

Uma outra função do psicopedagogo na inclusão de alunos surdos é fornecer acompanhamento e suporte psicopedagógico individualizado, tanto para os alunos quanto para suas famílias. Esse suporte visa não só superar dificuldades acadêmicas, mas também desenvolver a autoestima, a autonomia e as habilidades sociais dos estudantes surdos, promovendo assim sua participação plena na vida escolar e na sociedade em geral, conforme destacado por Gomes e Teixeira (2023).

O PSICOPEDAGOGO E A UTILIZAÇÃO DE JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste segmento, será explorado o papel do psicopedagogo na utilização de atividades lúdicas para promover a inclusão do aluno surdo na educação infantil.

A inserção de alunos surdos na educação infantil é um desafio que requer métodos pedagógicos inovadores e inclusivos (ARAÚJO, 2021). A integração desses alunos demanda estratégias pedagógicas eficazes e sensíveis às necessidades específicas das crianças surdas (BRITO *et al.*, 2019; ALCÂNTARA, 2021).

De acordo com Oliveira (2019), a inclusão do aluno surdo na educação infantil é um processo complexo que exige uma abordagem multidisciplinar, na qual o psicopedagogo desempenha um papel crucial. Por meio de atividades lúdicas, o psicopedagogo pode promover a inclusão e o desenvolvimento integral dessas crianças, trabalhando em colaboração com professores e outros profissionais da educação.

Nesse contexto, conforme Fausto, Almeida e Pachevitch (2021), a utilização de atividades lúdicas desempenha um papel fundamental na promoção do desenvolvimento global dessas crianças, permitindo que elas participem ativamente das atividades escolares e interajam com seus colegas ouvintes.

É importante ressaltar que as atividades lúdicas têm grande potencial para estimular o aprendizado e promover a interação social entre os alunos, independentemente de suas habilidades auditivas (PEREIRA JUNIOR *et al.*, 2023). Diante disso, os jogos são ferramentas eficazes para o ensino de conceitos educacionais, oferecendo um ambiente motivador e envolvente para a aprendizagem.

Pinto (2018) destaca que, ao adaptar ou criar jogos com elementos visuais e táteis, os educadores podem tornar o conteúdo acessível aos alunos surdos, incentivando seu interesse e engajamento nas atividades escolares.

Como recurso valioso na prática psicopedagógica, as atividades lúdicas proporcionam um ambiente estimulante para a aprendizagem. Ao adaptar jogos tradicionais ou criar atividades específicas, o psicopedagogo pode trabalhar diversas habilidades, promovendo o desenvolvimento global do aluno surdo (PINTO, 2018).

Para Do Nascimento (2019), o psicopedagogo, munido de conhecimento teórico e prático, pode adaptar essas atividades para torná-las acessíveis aos alunos surdos. Por exemplo, é possível introduzir jogos que envolvam sinais visuais e táteis,

como quebra-cabeças com peças texturizadas ou jogos de tabuleiro com instruções visuais claras.

Além disso, os brinquedos sensoriais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento sensorial e cognitivo das crianças surdas, permitindo-lhes explorar diferentes texturas, formas e sons, estimulando a percepção sensorial e contribuindo para o desenvolvimento da coordenação motora e da atenção. Portanto, brinquedos como massinhas de modelar, blocos de montar e instrumentos musicais adaptados oferecem experiências sensoriais enriquecedoras, promovendo o desenvolvimento da percepção e da coordenação motora (BRITO *et al.*, 2019; ALCÂNTARA, 2021).

Giroletti (2017) ressalta que as brincadeiras de simulação também são importantes para a inclusão do aluno surdo na educação infantil, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. As brincadeiras têm um papel significativo no processo de inclusão, permitindo que o aluno surdo interaja com seus colegas, desenvolvendo habilidades sociais e emocionais.

Através da interação com os colegas, ao participar de brincadeiras de faz de conta ou teatro de fantoches, as crianças surdas podem praticar habilidades de expressão e interação social, construindo sua autoconfiança e senso de pertencimento.

Fausto, Almeida e Pachevitch (2021) explicam que, além de promover o desenvolvimento acadêmico, a utilização de atividades lúdicas na inclusão do aluno surdo na educação infantil também contribui para o desenvolvimento emocional e social das crianças. Ao participar de atividades em grupo, os alunos surdos têm a oportunidade de desenvolver habilidades de colaboração, trabalho em equipe e resolução de conflitos.

Nesse sentido, o psicopedagogo pode utilizar atividades lúdicas para trabalhar questões como autoestima, autonomia e resiliência, fortalecendo o bem-estar emocional da criança surda. Nessa perspectiva, o psicopedagogo pode organizar atividades que incentivem a comunicação, a cooperação, o respeito mútuo e a participação de todos os alunos, criando um ambiente inclusivo e acolhedor onde as diferenças são valorizadas (OLIVEIRA, 2019).

A adaptação de regras e instruções das atividades lúdicas é uma estratégia essencial para garantir a acessibilidade e a compreensão dos alunos surdos. Utilizar recursos visuais, como cartões com figuras e símbolos, e linguagem gestual pode

facilitar a comunicação e o aprendizado, permitindo que todas as crianças participem plenamente das atividades (GIROLETTI, 2017).

Portanto, é necessário considerar as necessidades individuais do aluno surdo, adaptando materiais e regras conforme suas habilidades e preferências, garantindo sua participação ativa e efetiva nas atividades escolares (DE SOUSA SILVA; DE CARVALHO MENEZES, 2020).

Assim, é fundamental que o psicopedagogo atue de forma colaborativa com os demais profissionais da escola, incluindo professores, terapeutas e intérpretes de Libras, para garantir uma intervenção integrada e eficaz, modificando as atividades de acordo com as necessidades individuais de cada criança e promovendo a igualdade de oportunidades. A troca de experiências e conhecimentos entre os membros da equipe multidisciplinar enriquece o processo de inclusão e potencializa os resultados alcançados com o aluno surdo.

Além disso, a formação continuada do psicopedagogo é essencial para aprimorar suas práticas inclusivas e garantir uma intervenção de qualidade. O profissional deve buscar atualização constante sobre estratégias e recursos pedagógicos voltados para a inclusão de alunos surdos, além de desenvolver habilidades de comunicação e empatia para atender às necessidades específicas dessas crianças (OLIVEIRA, 2019).

Em resumo, a utilização de atividades lúdicas na inclusão do aluno surdo na educação infantil pelo psicopedagogo é uma prática que visa promover o desenvolvimento integral e a qualidade de vida dessa criança. Por meio de uma intervenção cuidadosamente planejada e adaptada, o psicopedagogo pode contribuir significativamente para o sucesso acadêmico e social do aluno surdo, preparando-o para uma vida plena e inclusiva.

CONCLUSÃO

A importância do psicopedagogo na promoção da inclusão do aluno surdo na educação infantil através de jogos, brinquedos e brincadeiras é evidente. Este artigo destaca como o psicopedagogo desempenha um papel fundamental e multifacetado nesse processo.

Inicialmente, salienta-se a relevância da Educação Especial e Inclusiva, um direito fundamental de todos os alunos assegurado pela legislação brasileira. Em

seguida, são exploradas as diversas funções do psicopedagogo na educação inclusiva, incluindo a identificação das necessidades individuais dos alunos surdos, a colaboração com outros profissionais da educação e o acompanhamento personalizado dos alunos e suas famílias.

Adicionalmente, são analisados em detalhes os jogos, brinquedos e brincadeiras como recursos pedagógicos poderosos nas mãos do psicopedagogo, permitindo a adaptação e personalização das atividades para atender às necessidades específicas dos alunos surdos. Tais recursos não só promovem o desenvolvimento acadêmico, mas também contribuem para o crescimento emocional, social e afetivo das crianças.

Ao concluir esta análise, destaca-se que a atuação do psicopedagogo na inclusão do aluno surdo na educação infantil vai além da mera transmissão de conhecimentos. Envolve também o fortalecimento da autoestima, autonomia e habilidades sociais dos alunos. Portanto, é crucial investir na formação contínua do psicopedagogo e na criação de ambientes educacionais inclusivos para garantir uma educação de qualidade e equitativa para todos os alunos, independentemente de suas diferenças e desafios.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Isadora Hernandez. **Brincar e prática da inclusão na aprendizagem de libras na educação infantil**. 2021. 48 f. Monografia (Pedagogia) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade de Goiás. Goiânia, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3019/1/ISADORA%20MONOGRAFIA%20REPOSIT%C3%93RIO.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ARAÚJO, Tainá Cristi Moraes. **A importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil dos surdos para a aprendizagem da Libras**. 2021. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Ouro Preto, Araguari, MG, 2021. Disponível em:

https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5230/6/MONOGRAFIA_Import%C3%A2nciaJogosBrincadeiras.pdf. Acesso em: 28 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25 jan. 2024.

CAMPAGNOLO, Camila, MARQUEZAN, Fernanda Figueira. A atuação do psicopedagogo na escola: um estudo do tipo estado do conhecimento. **Rev. Psicopedagogia**, 2019. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/614/a-atuacao-do-psicopedagogo-na-escola--um-estudo-do-tipo-estado-do-conhecimento>. Acesso em: 26 jan. 2024.

DE SOUSA SILVA, Evilázia Matias; DE CARVALHO MENEZES, Aurelania Maria. A Inclusão do Surdo e seus Desafios na Educação Infantil. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 14, n. 53, p. 878-889, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2922/4521>. Acesso em: 26 jan. 2024.

DO NASCIMENTO, Marcleyde Almeida. O trabalho do psicopedagogo na educação infantil de crianças com deficiências. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, v. 5, n. 2, p. 83-97, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5746/574660910008/html/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

FAUSTO, Ilma Rodrigues De Souza; ALMEIDA, Edivânia Floro Nicácio; PACHEVITCH, Sibeli. O lúdico como importante ferramenta para o ensino e aprendizado de crianças surdas. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 66, p. 348-354, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Aquisição da língua de sinais para surdo como L1**. Indaial: UNIASSELVI, 2017.

GOMES, Tayane Alencar; TEIXEIRA, Verônica Rejane Lima. Psicopedagogia: Um Olhar na Educação do Aluno Surdo no Processo de Ensino-Aprendizagem. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 17, n. 65, p. 589-600, 2023. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3723/5770>. Acesso em: 25 jan. 2024.

NEPOMOCENO, Taiane Aparecida Ribeiro. O psicopedagogo no contexto escolar e o processo de aprendizagem, qual a relação? **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 47, 8 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/47/o-psicopedagogo-no-contexto-escolar-e-o-processo-de-aprendizagem-qual-a-relacao>. 27 jan. 2024.

OLIVEIRA, Adriane Silva de Abreu *et al.* Educação Especial: os desafios da inclusão de alunos surdos no contexto escolar. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 18, 17 de maio de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/18/educacao-especial-os-desafios-da-inclusao-de-alunos-surdos-no-contexto-escolar>. Acesso em: 26 jan. 2024.

OLIVEIRA, Camila Rezende. A contribuição do psicopedagogo escolar na inclusão dos alunos surdos. *In*: PICAGLIE, Gladys Batista; OLIVEIRA, Antonella Carvalho de

(orgs.). **Conhecimentos e saberes da psicopedagogia clínica e institucional.** Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

PARRA FILHO, Domingues; SANTOS, João Almeida. **Apresentação de Trabalhos Científicos:** Monografia Tcc Teses Dissertações. 10. Ed. São Paulo: Futura, 2001.

PEREIRA JUNIOR, Lucimar da Silva *et al.* Travessia temporal: ludicidade na evolução da sociedade. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 529–549, 2023. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/123>. Acesso em: 29 jan. 2024.

PINTO, Milena Maria. **Aquisição da língua de sinais através de jogos e brincadeiras.** 2018. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Especial) - a Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: https://www.tcceesp.ufscar.br/arquivos/tccs/pdf_pinto-2018-aquisicao_libras_jogos-e-brincadeiras.pdf. Acesso em: 29 jan. 2024.

SILVA, Lucykênia Lima da. Inclusão de alunos surdos no ensino regular: desafios, realidade e expectativas frente ao desenvolvimento de metodologias de ensino e necessidades do sistema educacional. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 34, 13 de setembro de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/34/inclusao-de-alunos-surdos-no-ensino-regular-desafios-realidade-e-expectativas-frente-ao-desenvolvimento-de-metodologias-de-ensino-e-necessidades-do-sistema-educacional>. Acesso em: 27 jan. 2024.

Capítulo 8

PESQUISA NARRATIVA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA

Scheilla Regina Glaser

Doutora e Mestre em Música, Bacharel em Piano (UNESP), Especialista em Fundamentos Psicopedagógicos da Arte e da Comunicação (Mackenzie), Licenciada em Música (complementação pedagógica). Leciona na Escola Municipal de Música de São Paulo desde 1999 e coordenou os cursos de graduação em música da FAMOSP de 2017 a 2023. scheillag@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma compreensão da pesquisa de investigação narrativa como proposta por Jean Clandinin (CLANDININ, 2006, 2007 e 2013) e pela mesma pesquisadora em conjunto com Michael Connelly (CLANDININ e CONNELLY, 2000, 2011) esclarecendo suas bases. Refere-se à parte do capítulo da Tese “Desatando nós - estudo a respeito de desconfortos gerados no processo de aprendizado performático-pianístico” (GLASER, 2020).

Palavras-chave: Pesquisa narrativa. Jean Clandinin. Estudo da experiência.

ABSTRACT

This article presents an understanding of narrative investigation research as proposed by Jean Clandinin (CLANDININ, 2006, 2007 and 2013) and Jean Clandinin and Michael Connelly (CLANDININ and CONNELLY, 2000, 2011) clarifying its bases. It refers to part of the Thesis chapter “Untying us - study about discomforts generated in the performance-pianistic learning process” (GLASER, 2020).

Keywords: Narrative Inquiry. Jean Clandinin. Study of experience.

INTRODUÇÃO

Segundo Jean Clandinin, “a investigação narrativa é uma abordagem direcionada ao estudo da vida humana, concebida como uma forma de prestigiar a experiência vivida como fonte importante de conhecimento e compreensão” (CLANDININ, 2013, p. 17)⁵.

⁵Narrative inquiry is an approach to the study of human lives conceived as a way of honoring lived experience as a source of important knowledge and understanding (CLANDININ, 2013, p. 17).

A prática do estudo de narrativas em pesquisas na área de humanas é uma ciência que se desenvolveu no século XX, não sendo, portanto, uma novidade. Wayne Bowman (*in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 222) sugere que, ao se utilizar da investigação narrativa, um pesquisador deve: comunicar ao leitor que conceito de narrativa está utilizando e como compreende a metodologia; explicar o motivo da sua escolha pela aplicação deste método e quais os objetivos da sua utilização; e esclarecer vantagens e/ou desvantagens previstas.

Este artigo tem o propósito de apresentar um panorama do que é pesquisa narrativa em acordo com a proposta de Jean Clandinin (2006; 2007; 2013), pesquisadora canadense que fundou e dirigiu o “Centre for Research for Teacher Education and Development at the University of Alberta” e dedicou-se ao reconhecimento da pesquisa narrativa como modalidade metodológica.

Pesquisa narrativa (*Narrative Inquiry*) é uma modalidade de pesquisa que se estrutura na narração das histórias vividas e contadas pelos pesquisados. É um estudo da experiência humana. “A investigação narrativa é uma maneira de estudar as experiências das pessoas, nada mais e nada menos”⁶ (CLANDININ, 2013, p. 38).

o estudo da narrativa é o estudo das maneiras como os humanos vivenciam o mundo. Este conceito geral é refinado sob a perspectiva de que a educação e a pesquisa educacional são a construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais; estudantes, professores e investigadores são contadores de histórias e personagens na sua própria e nas histórias de outros⁷.(CLANDININ; CONNELLY, 1990, p.2).

Estudo da experiência

Adotar a proposta da pesquisa narrativa apresentada por Jean Clandinin (2006; 2007; 2013), implica aceitar que narrativas correspondem a um aspecto parcial da realidade vivenciada e que seu registro, com fins acadêmicos, implica em concessões e ajustes, os quais podem ser concebidos como perdas e ganhos que navegam na área de intersecção entre possíveis distorções e os objetivos da pesquisa desenvolvida.

⁶Narrative inquiry is a way of studying people’s experiences, nothing more and nothing less.

⁷Thus, the study of narrative is the study of the ways humans experience the world. This general concept is refined into the view that education and educational research is the construction and reconstruction of personal and social stories; learners, teachers and researcher are storytellers and characters in their own and other’s stories.

Diante deste fato, estabelece-se um ponto constante de referência a partir do qual as relações são observadas: o estudo da experiência. Clandinin (CLANDININ *in* BARRET; STAUFFER, 2009) esclarece que seu pensamento diante da narração da experiência abrange as experiências de si própria, das crianças, dos professores, dos pais e de outros. Seu objetivo é compreender aquilo que envolveu (*embodied*) as pessoas nos diferentes aspectos, tanto do ponto de vista pessoal, quanto do ponto de vista social. Para a autora, é importante prestar atenção nas particularidades dos momentos e dos lugares onde as histórias são contadas e recontadas, bem como prestar atenção aos contornos social, cultural e institucional que “moldam” cada pessoa individualmente.

As pessoas moldam seu cotidiano por histórias de quem elas e os outros são e interpretam seu passado em termos dessas histórias. História, na linguagem atual, é um portal através do qual uma pessoa entra no mundo e pelo qual sua experiência do mundo é interpretada e feita pessoalmente significativa. Pesquisa narrativa, o estudo da experiência como história, pois, é primeiro e acima de tudo, uma maneira de pensar sobre a experiência. A investigação narrativa como metodologia implica uma visão do fenômeno. Usar a metodologia da pesquisa narrativa é adotar uma visão particular da experiência como fenômeno em estudo.⁸ (CONNELLY; CLANDININ; *apud* CLANDININ, 2006, p. 45).

O conceito de experiência adotado para esta modalidade de pesquisa, segundo Clandinin (2006), é o proposto por John Dewey no livro *Experiência e educação* (1976).

Minha visão da experiência é moldada pelas idéias de Dewey (1934, 1938⁹) e, ao longo dos anos, tornou-se uma visão profundamente narrativa da experiência. Enquanto Dewey se concentrou nos princípios de continuidade e interação dentro das situações como um modo de pensar sobre a experiência, Michel Connelly e eu (1988) começamos a pensar a respeito da conceitualização de experiência de Dewey de uma forma profundamente narrativa¹⁰. (CLANDININ, *in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 204)

⁸People shape their daily lives by stories of who they and others are and as they interpret their past in terms of these stories. Story, in the current idiom, is a portal through which a person enters the world and by which their experience of the world is interpreted and made personally meaningful. Narrative inquiry, the study of experience as story, then, is first and foremost a way of thinking about experience. Narrative inquiry as a methodology entails a view of the phenomenon. To use narrative inquiry methodology is to adopt a particular view of experience as phenomenon under study.

⁹Clandinin se refere aos seguintes textos de Dewey: *A arte como experiência e Experiência e Educação*.

¹⁰My view of experience is one shaped by the ideas of Dewey (1934, 1938), and it has, over the years, become a deeply narrative view of experience. While Dewey focused on the principles of continuity and interaction within situations as a way of thinking about experience, Michel Connelly and I (1988) began to think about Dewey's conceptualization of experience as a profoundly narrative one (CLANDININ, *in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 204).

O conceito deweyano foi esclarecido no capítulo anterior, sendo desnecessário retomar suas bases. A metodologia apoia-se no princípio de interação, ao considerar que as pessoas precisam ser compreendidas como indivíduos em relação a um contexto social: “Para Dewey, a experiência é pessoal e social. Tanto o aspecto pessoal quanto o social estão sempre presentes” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 30); e no princípio da continuidade, ao aceitar que cada experiência influencia a percepção das demais: “a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 30). Ao apropriar-se da teoria deweyana, é concebido um espaço tridimensional, em que a história abarca as dimensões: da interação (pessoal e social); da continuidade (passado, presente e futuro) e da situação (lugar no tempo e no espaço). Isso quer dizer que os “estudos apresentam dimensões temporais e remetem problemas temporais; focalizam o pessoal e o social em um equilíbrio apropriado para a pesquisa; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares”¹¹ (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 50).

Os dois critérios de experiência de Dewey - interação e continuidade concretizados em situações - fornecem a base para vislumbrar uma concepção narrativa da experiência por meio de um espaço tridimensional, apresentando dimensões de temporalidade, localização e aspectos sociais¹². (CLANDININ, 2013, p. 12).

A intenção é pensar a experiência de forma global, complexa. Deseja-se que além da valorização pessoal, exista uma exploração social, cultural, familiar, linguística e institucional no contexto em que as experiências ocorreram e foram expressadas.

Entendidas dessa maneira, as investigações narrativas começam e terminam nas vidas historizadas das pessoas envolvidas. Investigadores narrativos estudam a experiência individual no mundo, uma experiência que é contada tanto pelo viver quanto pelo narrar, e isso pode ser estudado ouvindo, observando, vivendo ao lado um do outro, escrevendo e interpretando textos. Através da investigação, procuramos maneiras de enriquecer e transformar essa experiência para os envolvidos e para os outros¹³. (CLANDININ, 2013, p. 18).

¹¹Studies have temporal dimensions and address temporal matters; they focus on the personal and the social in a balance appropriate to the inquiry; and they occur in specific places or sequences of places.

¹²Dewey’s two criteria of experience - interaction and continuity enacted in situations - provide the grounding for attending to a narrative conception of experience through the three-dimensional narrative inquiry space with dimensions of temporality, place, and sociality.

¹³Understood in this way, narrative inquiries begin and end in the storied lives of the people involved. Narrative inquirers study the individual’s experience in the world, an experience that is storied both in

Pesquisador participante

Nesta modalidade de pesquisa, o pesquisador é participante, a pesquisa torna-se *nós*, sua presença faz parte da experiência em estudo. Considerar a modalidade narrativa sob a perspectiva de Clandinin, isto é, como ela expõe em seus textos, principalmente em *Engaging in Narrative Inquiry* (2013), implica reconhecer, necessariamente, a presença da subjetividade e o fato de que o pesquisador buscará ter uma relação pessoal próxima com os demais participantes.

Nós não somos investigadores objetivos. Somos investigadores relacionais, atentos aos espaços intersubjetivos, relacionais e incorporados, nos quais vidas são vividas. Não estamos metaforicamente fora da investigação, mas fazemos parte do fenômeno em estudo¹⁴. (CLANDININ, 2013, p. 24).

Nossa abordagem a essa cartografia conceitual não será ingenuamente objetivista. Nós não presumimos que temos acesso a uma posição fora da história do campo, a partir da qual documentamos imparcialmente todas as suas partes. Afinal, estamos entre aqueles cujo trabalho faz parte do que é mapeado¹⁵. (CLADININ; ROSIEK, 2007, p. 37).

Clandinin e Connelly (2000, p. 50) explicam ser previsto que o pesquisador trabalhe fazendo perguntas e colabore para que o pesquisado se manifeste em quatro direções: para dentro, para fora, para trás e para frente. Isso quer dizer, que se espera que ele atue em direção ao interior e exterior: às condições internas do pesquisado (sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais) e às condições do ambiente; além disso, o movimento dito “para trás e para frente” refere-se ao movimento no tempo, relacionando passado, presente e futuro”.

Neste contexto, espera-se que o pesquisador seja criativo e esteja aberto a diversas possibilidades ao compor suas fontes. Por exemplo, que se utilize de fotografias, transcrições de entrevistas, notas de campo, diários, entrevistas, perguntas, histórias contadas, cartas escritas, autobiografias, interpretações

the living and telling and that can be studied by listening, observing, living alongside another, and writing and interpreting texts. Through the inquiry, we seek ways of enriching and transforming that experience for themselves and others.

¹⁴We are not objective inquirers. We are relational inquirers, attentive to the intersubjective, relational, embedded spaces in which lives are lived out. We do not stand metaphorically outside the inquiry but are part of the phenomenon under study.

¹⁵Our approach to this conceptual cartography will not be naively objectivist. We do not assume we have access to a stance outside of the history of the field, from which to impartially document all its parts. We are, after all, among those whose work is part of what is being mapped.

derivadas, e o que mais achar necessário para, a partir delas, escrever textos que abordem as direções mencionadas acima. Clandinin e Connelly (1990) sublinham que é importante o pesquisador estar consciente dos seus objetivos, das suas finalidades desde o início da pesquisa, para que isto o auxilie na coleta de dados.

Segundo Wayne Bowman (*in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 220), trabalhar com pesquisa narrativa exige algumas habilidades do pesquisador. Dentre essas habilidades, entende-se que ele deva demonstrar interesse por pessoas; sentir conforto com a ambiguidade, complexidade e contradição; e ter desejo de ser tocado como ser humano, o que é considerado como desejo de reinventar a si e ao seu trabalho aceitando que a jornada de cada nova narrativa seja uma oportunidade de recomeçar (*fresh start*). Compreende-se, então, que esse tipo de pesquisa seja, antes de tudo, um processo que coloca o pesquisador como pessoa, dentro da pesquisa acadêmica.

Desenvolvimento da pesquisa

Em Clandinin e Connelly (1990; 2000) e Clandinin (2007), os autores explicam que a pesquisa narrativa não tem por objetivo a generalização. O foco é posto na história, no particular, na compreensão de uma situação específica, na busca do entendimento da experiência narrada. Busca-se aprofundar-se na experiência, concebendo inclusive um processo de certa abstração do que é externo a ela, como se o espaço no qual ela acontece fosse relativamente isolado e único. A intenção é pôr à mostra e trazer para o estudo acadêmico aquilo e aqueles que, habitualmente, não têm voz. “A regra geral é evitar tais generalizações e se concentrar no evento, em um processo denominado por nós como entocamento”¹⁶ (CLANDININ; CONNELLY, 1990, p. 11).

A pesquisa narrativa é primordialmente relacional. Trabalhar neste campo envolve considerar relações das pessoas com seu mundo físico e psíquico e das pessoas entre si, entre pessoas e lugares, entre acontecimentos e sentimentos, entre passado, presente e futuro, entre culturas, instituições e o que mais surgir. É preciso

¹⁶The useful rule of thumb is to avoid making such generalizations and to concentrate on the event, in a process we have termed *burrowing*.

pensar de forma relacional. “Pesquisa narrativa são pessoas em relações estudando pessoas em relações”¹⁷ (CLANDININ, 2013, p. 23).

Quando entramos nas relações da investigação narrativa, começamos o curso das negociações que são parte do comprometimento com a pesquisa. Negociamos relacionamentos, propósitos de pesquisa, transições, bem como a maneira de sermos úteis nessas relações. Essas negociações ocorrem em cada momento, em cada encontro, às vezes de maneiras que não percebemos. Negociações também ocorrem de forma intencional e consciente, à medida que trabalhamos com nossos participantes durante a pesquisa¹⁸. (CLANDININ, 2006, p. 47).

O investigador deve considerar o pressuposto segundo o qual a maneira como nos percebemos e nos retratamos molda nossa maneira de pensar. Existe uma interconexão entre as histórias que contamos e a maneira como nos vemos representados no mundo. Vivemos nossas histórias concomitantemente, nos âmbitos cultural, pessoal e institucional. Aceita-se que a maneira como retratamos nossas histórias está diretamente relacionada com a forma pela qual nos percebemos no mundo. Ao contarmos histórias podemos modificar nossa autopercepção em relação a elas. Em decorrência, podem surgir decisões tomadas a partir dessas novas clarificações. É preciso considerar que, por vezes, o fato de confiar em alguém para falar, modifica vidas. O investigador precisa estar consciente de exercer este papel e ter uma atitude profundamente ética e respeitosa ao longo de todo o processo, porque, ao assumir esta posição, “podemos mudar não apenas nossas próprias vidas e a daqueles que convivem conosco, mas também a vida dos participantes e daqueles que vivem relacionados a eles”¹⁹ (CLANDININ, 2013, p. 23).

Ao englobar pesquisado e pesquisador no espaço da pesquisa, esta proposta torna o pesquisador visível no enredo, pois, muitas vezes, na interação, suas próprias histórias são vivenciadas e contadas. Em decorrência, aceita que exista um confronto pessoal constante, de forma que o pesquisador também viva a sua própria experiência. Considera-se “impossível (ou, se não impossível, deliberadamente autoenganador) um pesquisador permanecer silencioso ou apresentar-se como uma

¹⁷ Narrative inquiry is people in relation studying people in relation.

¹⁸As we enter into narrative inquiry relationships, we begin the ongoing negotiations that are part of engaging in a narrative inquiry. We negotiate relationships, research purposes, transitions, as well as how we are going to be useful in those relationships. These negotiations occur moment by moment, within each encounter, sometimes in ways that we are not awake to. The negotiations also occur in intentional, wide awake ways as we work with our participants throughout the inquiry.

¹⁹Because we might change not only our own lives and those who live in relation with us but also the lives of participants and those others who live in relation with them.

espécie de ser perfeito, idealizado, investigativo e moralizante” (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 62)²⁰.

Para o observador participante, compreende-se que a opção da utilização da pesquisa narrativa exige uma abertura à experiência, um mergulho na atividade, deixando a objetividade distanciada para uma etapa posterior do trabalho. É preciso estar consciente de que as vidas dos participantes e, portanto, suas histórias, não começam quando o pesquisador chega e nem acabam quando ele parte, como explicado por Clandinin e Connelly (2000, cp. 5, p. 63-79). É um processo de aproximação e vivência por parte do pesquisador, que precisa desenvolver uma relação pessoal e íntima com os participantes e ambientes; é, também, um processo de negociação visto que a narrativa é construída conjuntamente com o narrador.

Esta situação também se reflete na história do pesquisador como pessoa, em suas expectativas, suas crenças, seus preconceitos, que podem ser questionados em vários momentos, e vir, mesmo, a modificar sua visão de todo o processo. Seguir esta proposta metodológica, portanto, implica estar consciente de que a experiência coloca o pesquisador tecido dentro das histórias de todos. O pesquisador está no meio da trama. Sendo assim, está contido o risco de mudança, também para o pesquisador. “Ninguém sai de uma pesquisa narrativa inalterado”²¹ (CLANDININ, 2013, p. 201).

A história narrada está sendo contada para uma pessoa ou grupo de pessoas, em um determinado ambiente e lugar, podendo-se supor que ela poderia sofrer modificações e ser contada de uma maneira diferente, em outro contexto. Também se antevê a possibilidade de, ao contar uma história passada, a pessoa vir a percebê-la sob um prisma diferente do anterior e, a partir disso, alterar seu entendimento da situação vivida no passado e, também, modificar seu futuro, a partir dessa nova percepção. “As pessoas vivem histórias e, ao contá-las, reafirmam-nas, modificam-nas e criam novas. Histórias vividas e narradas educam quem as conta e aos outros”²² (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. XXVI).

Entende-se que, ao mesmo tempo em que a pesquisa narrativa estuda uma experiência, ela cria outra, que se dá no momento e na interação do pesquisador com

²⁰[...] impossible (or, if not impossible, then deliberately self-deceptive) as researcher to stay silent or to present a kind of perfect, idealized, inquiring, moralizing self.

²¹No one leaves a narrative inquiry unchanged.

²²People live stories, and in the telling of these stories, reaffirm them, modify them, and create new ones. Stories lived and told educate the self and others.

os pesquisados, isto é, na situação em que a pesquisa ocorre. Sendo assim, a pesquisa narrativa torna-se, concomitantemente, uma metodologia e um fenômeno.

O pesquisador narrativo compartilha sua escrita, registra seus textos de campo, negocia com participantes e os reescreve. Espera-se que exista coparticipação do(s) pesquisado(s) na elaboração de textos, que devem ser lidos por eles e reescritos pelo pesquisador até que componham um sentido comum.

Na investigação narrativa, passamos de textos de campo para textos intermediários e, deles, para textos finais da pesquisa que são tornados públicos. Cada etapa é um movimento de co-composição, um avanço que deve ser cuidadosa e respeitosamente negociado²³. (CLANDININ, 2013, p. 200).

É “uma colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo do tempo, em um lugar ou em uma série de lugares, e em interação social com os *milieus*”²⁴ (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 20). Como o pesquisador é considerado uma pessoa participante do processo e, portanto, sujeito às interferências e influências da situação, sua compreensão dos fatos pode ser questionada a cada momento pelos demais envolvidos na pesquisa. As opiniões devem ser levadas em consideração e provocar revisões nos textos. Também pode ocorrer que a versão da história escrita pelo pesquisador gere clarificações ao(s) participante(s) narrador(es) que promova(m) reorganizações na narração. O essencial é que, ao final, a história que fique para o trabalho científico seja a versão construída pelo par ou pelo grupo.

A escrita é um trabalho de parceria; existe o compromisso do pesquisador de apresentar sua versão da história ao narrador, e chegar a uma finalização que represente o que o narrador, realmente, quis dizer. Este é um perfil de pesquisa em que, realmente, existe um relacionamento com os participantes, até a escrita final. Metaforicamente, seria como andar em uma bicicleta de dois lugares, onde ambos, pesquisador e pesquisado, colaboram para chegar a uma única direção. É comum,

tanto trabalhar com os participantes ao longo da escrita, em cujo caso os registros do trabalho em si constituem dados, quanto trazer

²³In narrative inquiry we move from field texts to interim research texts and to final research texts that are made public. Each move is a move of co-composing, a move that must be carefully and respectfully negotiated.

²⁴ It is collaboration between researcher and participants, over time, in a place or series of places, and in social interaction with milieus.

documentos escritos de volta aos participantes para discussões finais²⁵. (CLANDININ; CONNELLY, 1990, p. 12).

O movimento que se apresenta nos textos de campo, até o texto final, tornado público, precisa ser, o tempo todo, acompanhado pelos participantes. Cada etapa corresponde a uma composição partilhada, que precisa ser cuidadosamente negociada. É previsto que se ofereça espaço ao pesquisado para modificar palavras, acrescentando ou excluindo anotações.

A negociação dos textos de pesquisa cria um espaço no qual a autoridade narrativa dos participantes é honrada. As questões de anonimato e confidencialidade ganham importância à medida que a complexidade das vidas é tornada visível nos textos de pesquisa. É importante compreender os espaços de investigação narrativa como espaços de pertencimento para pesquisadores e participantes - espaços sempre marcados por ética e atitudes de abertura, vulnerabilidade mútua, reciprocidade e atenção.²⁶ (CLANDININ, 2013, p. 200).

Prevê-se, também, a possibilidade de, quando necessário, os escritos serem lidos por terceiros, como é o caso de um orientador de pesquisa, a fim de que eles auxiliem o pesquisador a enxergar, nos textos, sentidos que ainda não tenham sido abordados.

Existe uma preocupação profunda e incontestável com a ética e o respeito humano. O pesquisador deve se comprometer com os critérios exigidos em conselhos de ética reguladores, mas não se restringir à aprovação recebida. A ética em direção aos participantes deve continuar ao longo de toda a pesquisa, isto é, durante o tempo de entrevistas e coleta de histórias e ao longo da escrita do trabalho.

Todas essas experiências da pesquisa são profundamente imbuídas de ética. Permanecemos tão despertos ao que nós somos dentro do espaço da pesquisa e à maneira como nossa presença molda os espaços entre nós e os participantes quanto podemos ser.²⁷ (CLANDININ, 2013, p. 199).

²⁵To either work with participants throughout the writing, in which case records of the work itself constitute data, or to bring written documents back to participants for final discussions.

²⁶Negotiating research texts creates a space where participants' narrative authority is honored. Issues of anonymity and confidentiality take on added importance as the complexity of lives are made visible in research texts. It is important to understand narrative inquiry spaces as spaces of belonging for both researchers and participants – spaces that are marked always by ethics and attitudes of openness, mutual vulnerability, reciprocity, and care.

²⁷All of these experiences of the inquiry are deeply imbued with ethics. We remain as wakeful as we can be to who we are in the inquiry space and to how our presence shapes spaces between us and participants.

Privilegia-se a confiança. E a maneira de tecer a escrita do trabalho final, o tempo todo em acordo com os participantes, demonstra que esta metodologia incorpora um senso humanista sincero e coerente.

nós precisamos entender ética como pertencente às situações de negociação, respeito, mutualidade e abertura a múltiplas vozes. [...] Nós devemos fazer mais do que preencher formulários necessários para os conselhos institucionais de ética em pesquisa (CLANDININ, 2006, p. 52)²⁸.

A pesquisa narrativa, como explicado em Clandinin e Connelly (2000) não é apenas um processo de relatar histórias narradas acrescidas de um complemento reflexivo. A análise, considerada a partir do ponto de vista do pesquisador, exige a busca e conexão dos assuntos e cenários por meio de uma leitura e releitura, que poderia ser infinita. A partir do objetivo traçado no início da pesquisa, os pesquisadores narrativos organizam seus textos de campo, tematizando-os e procurando respostas às questões estabelecidas. É previsto que os resultados assinalados pelo pesquisador sejam lidos tanto pelos participantes quanto por outros leitores, para que possam colaborar com questionamentos. Em grande parte das vezes, o segundo leitor é o orientador da pesquisa.

Considerações finais

A partir do exposto, entende-se que a pesquisa narrativa proporciona a possibilidade de uma abordagem profundamente ética e humana tanto no convívio entre participantes e pesquisador quanto na finalização do texto. A compreensão das bases desta modalidade de pesquisa colabora para vislumbrar múltiplas possibilidades de sua aplicação. Concebida por Clandinin direcionada à área da educação, a pesquisa narrativa mostra-se interessante para todo perfil de estudo que deseje pesquisar a experiência humana sob o ponto de vista da pessoa, sendo aplicável a diversas áreas de pesquisa.

²⁸We need to imagine ethics as being about negotiation, respect, mutuality and openness to multiple voices. [...] We must do more than fill out required forms for institutional research ethics boards.

Referências

- BARRETT, MARGARET S.; STAUFFER, SANDRA L. (ed.) **Narrative inquiry in music education: troubling certainty**. *Online*: Springer Netherlands, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9862-8>. Acesso em: 2 out. 2016.
- CLANDININ, D. Jean. **Engaging in narrative inquiry**. New York: Routledge, 2013.
- CLANDININ, D. Jean. **Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. USA: Sage Publications Inc., 2007.
- CLANDININ, D. Jean. Narrative Inquiry: A Methodology for studying lived experience. **Research Studies in Music Education**, v. 27, n. 1, p. 44-54, dez. 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/rsma/27/1>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa narrativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Stories of experience and narrative inquiry. **Educational Researcher**, Washington, v. 19, n. 5 Jun./Jul., p. 2-14, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1176100>. Acesso em: 6 set. 2011.
- CLANDININ, D. Jean; ROSIEK, Jerry. Mapping a landscape of narrative Inquiry: borderland spaces and tensions. *In*: CLANDININ, D. Jean. **Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. USA: Sage Publications Inc., 2007. p. 35 - 76.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GLASER, Scheilla Regina. **Desatando nós: estudo a respeito de desconfortos gerados no processo de aprendizado performático-pianístico**. Orientadora: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193036>.

Capítulo 9

ESCLARECIMENTOS TÉCNICOS ACERCA DE IRRIGAÇÃO DE PASTAGENS

Isabele Augusta Gonçalves Souza

Acadêmica de Bacharelado em Medicina Veterinária pela Faculdade Multivix - Pólo Vila Velha (ES). E-mail: isabele.augusta2018@hotmail.com.

Deborah Ketlyn Pacheco Ferreira

Acadêmica de Bacharelado em Medicina Veterinária pela Faculdade Multivix - Pólo Vila Velha (ES). E-mail: deborapacheco768@gmail.com.

Sérgio Rodrigues de Souza

Consultor Científico. E-mail: srgrodriguesdesouza@gmail.com.

RESUMO

Este artigo apresenta esclarecimentos técnicos sobre irrigação de pastagens. Sua relevância científica está em trazer para a discussão acadêmica um assunto muito falado e pouco estudado em termos científicos, deixando muitas lacunas a serem preenchidas pela pesquisa científica, a partir de dados empíricos. Sua relevância social está em colocar à disposição de produtores e técnicos dados e argumentos que aperfeiçoem a busca por maiores e mais profundos esclarecimentos neste sentido. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória, pautada em relatos coletados em campo sobre a implantação, uso e manejo de irrigação em pastagens e, a partir disto, tem-se uma argumentação sólida, apresentando os benefícios e os riscos de seu uso. Benefícios advindos de investimentos no campo da agricultura devem interpretados sob a ótica de uma ciência específica, a *Administração Rural*, fazendo uso de análises econômicas precisas, comparando dados e resultados. As conclusões a que se chega é que, a irrigação de pastagens pode até mostrar-se viável, desde que acompanhada por uma assistência técnica qualificada e profissional, analisando e comparando custos ao longo de anos a fio, requerendo estudos constantes e uma gama de conhecimento técnico em distintas áreas do saber, como solo, clima, climatologia, meteorologia, bioclimatologia animal, fisiologia vegetal.

Palavras-chave: Irrigação de pastagens. Climatologia. Administração Rural. Manejo agrônômico.

ABSTRACT

This article presents technical clarifications on pasture irrigation. Its scientific relevance lies in bringing to the academic discussion a subject that is much talked about and little studied in scientific terms, leaving many gaps to be filled by scientific research, based on empirical data. Its social relevance lies in making available to producers and technicians data and arguments that improve the search for greater and deeper clarifications in this regard. This is a bibliographical, exploratory research, based on reports collected in the field about the implementation, use and management of irrigation in pastures and, from this, a solid argument is made, presenting the benefits and risks of its use. Benefits arising from investments in the field of agriculture must be interpreted from the perspective of a specific science, Rural Administration, making use of precise economic analyses, comparing data and results. The conclusions reached are that pasture irrigation may even prove to be viable, as long as it is accompanied by qualified and professional technical assistance, analyzing and comparing costs over many years, requiring constant studies and a range of knowledge technician in different areas of knowledge, such as soil, climate, climatology, meteorology, animal bioclimatology, plant physiology.

Keywords: Pasture irrigation. Climatology. Rural Administration. Agronomic management.

INTRODUÇÃO

A técnica da irrigação é uma atividade agrônômica muito complexa e que exige conhecimentos em diversas áreas, a destacar, biologia geral e, de modo específico, a fisiologia das culturas a que se deseja aplicar o procedimento, porque inúmeros fatores endógenos e exógenos são determinantes para o sucesso ou para o fracasso quanto ao uso de irrigação em plantações comerciais. Via de regra, os produtores utilizam mais a técnica fundamentados no conhecimento do senso comum que em estudos e orientações agrônômicas confiáveis, resultando em gastos financeiros que não podem ser reparados, prejuízos diretos e insatisfação, tanto com a prática agrícola quanto com o técnico responsável pela assistência e orientação.

Na mesma proporção em que se necessita de conhecimentos sobre as culturas vegetais exploradas, há que se ter notáveis saberes sobre solo e suas condições específicas e características gerais, porque a partir de tais informações, o técnico poderá planejar a melhor forma de aplicação da lâmina de água, a quantidade a ser

fornecida e determinar o *turno de rega*²⁹. Isto porque irrigação é um investimento de alto custo para a propriedade agrícola; portanto, as expectativas de retorno financeiro devem estar na mesma proporção para mais.

Outro fator de extrema relevância é o de que cada cultura vegetal possui uma necessidade hídrica específica, variando de acordo com seu ciclo vegetativo, no caso das culturas anuais e, ainda variando de acordo com a época do ano, no caso específico das gramíneas forrageiras, em que estas têm seus ciclos vegetativos, diretamente, afetados pelo fotoperíodo e a temperatura ambiente.

Neste sentido, a opção pela adoção do sistema de irrigação em pastagens já começa com uma dúvida cruel, porque dado o potencial de investimento e a possibilidade de retorno econômico, o período de utilização ao longo do ano e as condições de resposta das pastagens à irrigação, há que calcular a relação custos-benefícios referentes ao investimento e tomar a decisão mais acertada quanto ao manejo mais adequado à situação. Sempre tem-se que ter em vista que, a propriedade agrícola é uma empresa e, como tal deve ser administrada. Cada empreendimento criado em seu interior possui um valor agregado e que, por sua vez, deve elevar o valor das ações ali empreendidas, ou seja, aliado ao caráter econômico da coisa, há o caráter científico, custo de oportunidade e retorno líquido sobre a operação.

Um erro crasso que muitos produtores e técnicos cometem ao planejar sistemas de irrigação destinados à aplicação sobre pastagens é, em não considerar o objeto-alvo de interesse, a saber, os bovinos que irão utilizar da forragem produzida. Se for destinado a vacas leiteiras, há que padronizar os animais de maior produção e que estejam no pico da lactação, período que vai do 60º dia pós-parto, até o 120º dia pós-parto e estes é que devem ter acesso às áreas irrigadas. Se for gado de corte, o ideal é que destine tais áreas aos bezerros em desmame, pelo simples fato de que a conversão alimentar é melhor, devido ao metabolismo mais acelerado, ou seja, com muito menos matéria seca, tem-se ganhos maiores em termos de retorno líquido sobre o capital investido. A conta é simples e lógica: um bovino consome cerca de 2,5% de seu peso vivo em matéria seca (MS); logo, um bezerro de 240 quilos de peso vivo vai

²⁹ O turno de rega determina a frequência da irrigação e o volume de água a ser repostado ou armazenado no solo. A definição do turno de rega é imprescindível para que o desenvolvimento das plantas não seja comprometido por excesso ou déficit de água. Entretanto, tudo depende da análise do tipo de solo, do clima, da planta e do sistema de irrigação utilizado. O turno de rega corresponde aos dias de reserva de água no solo, o bastante para suprir as exigências das plantas, sem prejudicar o seu desenvolvimento. Para isso, a umidade do solo deve ser igual ou maior que a umidade mínima determinada pelo fator de disponibilidade de água no solo (OLIVEIRA, 2024, s.p.).

consumir 6 kg de MS. Já um boi de 480 kg de peso vivo irá consumir 12 kg de MS e, pode-se deduzir que, cada um deles venha a ganhar 0,5kg de peso vivo/dia, o que faz com que o segundo animal, de característica genética semelhante, tenha uma eficiência de conversão alimentar 50% menor que a apresentada pelo primeiro animal. Em termos genéticos, ambos apresentam alto desempenho em termos de ganho de peso; mas, acontece que, aqui não se está falando de genética, de forma isolada; antes, dentro de um padrão analítico em que se utilizam princípios de eficácia alimentar aliados a princípios econômicos como fator de resposta objetiva acerca de uma questão técnica.

O que se pretende, com este ensaio, não é que os produtores desistam de investir em sistemas de irrigação para suas áreas de pastagens; apenas que compreendam que os resultados podem representar um verdadeiro fracasso, caso não se aplique conhecimentos científicos de muitas ordens, no sentido de antever os benefícios que podem advir e, compará-los, tecnicamente, com outras formas de manejo que tenham resultados muito bons e com custo menor; porque um sistema de irrigação de pastagens, jamais se paga, por si só.

OS BENEFÍCIOS DA IRRIGAÇÃO PARA AS PASTAGENS

A técnica da irrigação, aplicada a pastagens é um desafio que não pode ser tratado com ingenuidade, como se tem visto acontecer ao longo dos anos, com produtores repetindo os mesmos erros, sem se dar conta de que se trata de um investimento e, como tal, a sua utilização visa retorno econômico exponencialmente ao capital aplicado e, se assim não for, não se justifica o empenho.

Ao se afirmar isto, já se coloca em questão que os benefícios da irrigação para as pastagens são proporcionais aos riscos, porque se exige do técnico responsável pelo projeto, implantação e assistência técnica, uma gama de conhecimentos e estudos prévios acerca de solos, fertilidade e sobre as espécies forrageiras utilizadas, em especial, acerca de sua fisiologia, de tal forma que possa calcular a quantidade de água a ser aplicada, o turno de rega, a época do ano em que compensa, biológica e economicamente, a aplicação da irrigação e, mesmo se vai ter respaldo agrônomo a realização de tal investimento.

Há distintos benefícios com a utilização da irrigação para as pastagens, a destacar, a possibilidade de se atingir maiores níveis de produção de massa verde e

matéria seca, respectivamente, por unidade de área, ao longo do ano, através de um prolongamento do período chuvoso e encurtamento do período seco, além de contribuir para amenizar os períodos de veranico³⁰, fenômeno bastante comum, no verão, em especial, na região centro-sudeste brasileira.

Se o projeto de implementação e manejo da irrigação for bem conduzido, tem-se redução de custos quando comparado com a necessidade de ofertar comida armazenada para o gado, por causa do período da seca; mas, esta oferta será por 2 (dois) meses no ano, no máximo, não havendo condições climatológicas ideais, na região centro-sudeste, para que se possa conseguir benefícios maiores que este.

Em propriedades que se utiliza alta tecnologia na produção de bovinos (leite e/ou corte), aliado à adubação de pastagens, a aplicação da irrigação sobre a mesma pode se tornar um diferencial, contribuindo para a melhor dissolução dos adubos e fertilizantes e também mantendo um maior perfilhamento basal das gramíneas forrageiras.

Esta questão é tão relevante que, Corsi (1988) relata que, o capim colômbio (*Panicum maximum*), apresenta até 54 perfilhos por touceira, na primeira semana pós corte e, em contraste, apresenta cerca de 8 perfilhos por touceira, na oitava semana pós corte. Isto indica que, o momento ideal para se oferecer água, através de sistemas artificiais, às gramíneas forrageiras tropicais, é logo após a retirada dos animais da manga, em que se repara as reservas hídricas da planta, impulsionando-a a sustentar os perfilhos basais e facilitar o seu desenvolvimento vegetativo.

Um fator preponderante, no que se refere ao uso de irrigação em pastagens é a possibilidade de aplicação de fertilizantes via irrigação, fazendo uso da técnica de fertirrigação, em que se tem um aumento considerável na eficiência de aplicação, especialmente de adubos nitrogenados, o que reduz perdas na aplicação, devido à alta volatilidade do nitrogênio (N₂). Esta técnica de engenharia agrícola consiste na dissolução de fertilizantes, pesticidas, herbicidas e outros insumos agrícolas através da água utilizada na irrigação. Essa técnica proporciona diversos benefícios para o criador, como redução na de mão de obra, evita a compactação do solo ao diminuir o trânsito de máquinas e otimiza o tempo de trabalho no campo. Esta prática vai ajudar

³⁰ *Veranico* é um fenômeno meteorológico comum nas regiões meridionais do Brasil. Consiste em período de estiagem, acompanhado por calor intenso (25°-35° C), forte insolação e baixa umidade relativa em plena estação chuvosa. Nos estados brasileiros de São Paulo e Minas Gerais, o veranico ocorre normalmente em janeiro, em plena estação chuvosa, durando até vinte dias (Nota dos autores).

na produção da forragem de uma forma mais constante, minimizando possíveis oscilações da produção na pecuária.

Como vem sendo tratado e reiterado, ao longo deste trabalho, benefícios advindos de investimentos no campo da agricultura são interpretados sob a ótica de uma ciência específica, a *Administração Rural*, fazendo uso de análises econômicas precisas, comparando dados e resultados. Infelizmente, no Brasil, tais dados são escassos e pouco confiáveis, porque faltam estudos empíricos longevos, em que se comparassem dois sistemas distintos por anos a fio, considerando as intempéries climatológicas e as opções que se apresentam aos empresários e as atitudes que tomam a fim de enfrentar o problema.

Uma coisa é, em período de seca intensa, caso houvesse sistema de irrigação implantado na propriedade, muitas perdas poderiam ter sido evitadas, porque não haveria falta de alimento para o rebanho. Sem embargo, eis a questão que pesa como uma *Espada de Dâmoles*: o volume de água dos rios, riachos e açudes apresentariam volume e vazão suficiente para sustentar o uso em excesso, provocado pela demanda superior ao normal, quando comparado aos anos com pluviometria normalizada? Discussões complexas e controversas; mas, que precisam ser postas em pauta, sempre que se pensa nos benefícios de sistemas de irrigação. A escassez de chuvas afeta todo um sistema de produção em escala regional e não apenas local; daí a necessidade de um estudo mais profundo, amplo e dinâmico, quando da ideia de projetar uma irrigação para a propriedade rural.

Não se pode deixar levar pela ideia ingênua de que a água de irrigação substitui a água da chuva; a qualidade das águas pluviais são incomparáveis, porque ao atravessar a atmosfera dilui uma quantidade incomensurável de nitrogênio (N_2) e potássio (K_2), aplicando-os às culturas forrageiras, isto junto a outros elementos e substratos que estejam em suspenso no ar. Mas, não se pode crer que somente a chuva será capaz de realizar o milagre esperado, porque não é da forma como se credita via senso comum que as coisas acontecem na natureza. Existe todo um sistema fisiológico da planta que deve ser considerado no momento de determinar o uso ou não da irrigação, na condição de que se deseje ter sucesso com ela.

Em propriedades que se disponha de maquinário para a confecção de feno ou para colheita *in natura* de forrageiras de área total, a irrigação é fenomenal, porque se consegue realizar até seis colheitas ou mais apenas no período das chuvas (outubro a abril) conseguindo ainda ter disponibilidade de massa seca para o período da

entressafra, tendo o cuidado de escolher uma área em que se disponha de boa drenagem, alta luminosidade, topografia mecanizável e fácil acesso. Isto se torna viável porque após cada colheita, pode-se ingressar com a oferta de água, facilitando e impulsionando a rebrota das forrageiras e a garantia do maior número de perfilhos basais, uma vez que não incorrerão no risco de mortandade por *stress* hídrico.

Nos casos ordinários, em que a utilização das pastagens se destina ao pastoreio intensivo do rebanho, tem-se a oportunidade de proporcionar ganhos na produtividade das forrageiras, desde que se adote manejo adequado a cada caso, em particular, de acordo com a proposta de trabalho adotada na propriedade e os fins a que se destina a produção.

Se bem aplicada, a irrigação pode trazer grandes benefícios às propriedades rurais, no que se refere ao atendimento da produção de forragem, correção dos intervalos sem chuvas, uma vez que estas não seguem a mesma regularidade com que as plantas necessitam para o seu pleno desenvolvimento fisiológico. Lógico que, não se pode confundir os benefícios vegetativos atingidos com seu uso com rentabilidade econômica e, é neste ponto que os produtores têm cometido seus maiores erros administrativos quanto à implantação e ao uso da irrigação em suas propriedades. A água é um recurso caro e o produtor deve avaliar qual tipo de sistema de irrigação é o mais adequado para ser implantado na sua propriedade, após um estudo detalhado, sequencial. O primeiro passo é verificar se a irrigação na época da seca é capaz de aumentar, de maneira significativa, a produção de forragem. Por exemplo, em locais onde a seca coincide com períodos de frio, a irrigação pode não se mostrar vantajosa. É importante conhecer a necessidade de água da forragem existente na propriedade. Conhecer a frequência das chuvas e o clima da região também ajudam no projeto de irrigação.

O que se deve ter muito claro é que, para a irrigação apresentar resultados positivos na propriedade, o técnico responsável necessita de amplos conhecimentos sobre solo, fisiologia vegetal e climatologia, a fim de saber as demandas de cada um dos elementos envolvidos no processo. Pensar vantagens quanto ao uso da irrigação em pastagens é a partir de análises financeiras e não apenas pela cor do capim, o que cria a impressão falsa de que ela esteja suprimindo a ausência de chuvas em períodos críticos do ano, no que se refere ao fotoperíodo e à fisiologia vegetal.

Tubelis (1988) orienta para o fato de que, para se obter êxito nas práticas agrícolas de irrigação e, neste texto, a intenção se concentra em pastagens, há que

observar, atentamente, a meteorologia e esta deve “estar sempre acompanhada da observação do comportamento do organismo. Esta condição é indispensável para que se possa estabelecer relações de causa e efeito. Assim, há necessidade de se anotar as datas e períodos em que ocorrem as fases fenológicas da cultura” (Id., p. 5).

No caso de pastagens, cada cultivar-variedade de forrageira possui um tipo de comportamento vegetativo em que datas de retirada dos animais devem ser registradas para que se respeite o ciclo de produção de massa das mesmas que, para a maioria das gramíneas varia entre 28 e 45 dias entre pastejos. Porém, há espécies que são muito rígidas quanto a estes intervalos, como é o caso da Estrela Africana (gênero *Cynodon*), em que seu teor protéico cai a níveis baixíssimos em dias, pós-ciclo vegetativo ideal. Assim que, o fator determinante do sucesso na exploração de tal cultura não estaria, propriamente, na oferta de água, estando aliado a isto, conhecimento teórico e empírico acerca da fisiologia da planta que, para seu resultado pleno, dependeria de um manejo muito eficiente.

Na mesma condição está o manejo adequado do sistema de irrigação e, “o manejo da irrigação constitui uma técnica muito importante do ponto de vista econômico e ambiental numa atividade agrícola. Através de um manejo adequado da irrigação, pode-se economizar água, energia, aumentar a produtividade da cultura e melhorar a qualidade do produto” (ALVES JÚNIOR e EVANGELISTA, 2023, p. 5).

O que os autores ressaltam é que, observadas as condições técnicas para aplicação de água via sistema de irrigação, existem possibilidades de resultados positivos e, o que não pode ocorrer é o inverso, implanta-se a irrigação na propriedade e depois é que vai preocupar-se em fazê-la responder economicamente, produzindo resultados que superem os custos de depreciação e de manutenção. O uso da técnica de fornecimento de água, via irrigação, traz como benefícios o aumento da produtividade; a redução de perdas na produção; minimização dos riscos climáticos e meteorológicos (seca e estiagem); auxílio na aplicação de insumos; aumento na capacidade de suporte das pastagens; maior retorno por trabalhar com lotações maiores. No entanto, tudo isto necessita de avaliações meticolosas e análises situacionais realizadas por técnicos competentes e experientes.

OS RISCOS DA IRRIGAÇÃO DE PASTAGENS

A irrigação é uma técnica e, como tal, o seu maior risco é o técnico. Este indivíduo, quando contratado pela empresa para instalar um sistema de irrigação nas pastagens da propriedade, deve ser, antes de tudo, profissional e explicar todos os detalhes que envolvem a utilização do sistema, desde suas vantagens diretas e indiretas até os riscos mais insignificantes, pelo simples fato de que se trata de um investimento elevado e de retorno a longo prazo e que não será utilizado por muitas horas ao longo do ano.

Alves Júnior e Evangelista (2023, p. 1) argumentam que

O produtor deve fazer os cálculos para ver se é ou não viável fazer irrigação de pastagens. De maneira geral, a recomendação é a seguinte: (...) em uma região que tem um período longo de seca (mais de 4 meses), e o problema for só água (alto déficit hídrico no período de estiagem), não for dias curtos (fotoperíodo) e baixa temperatura, a irrigação é extremamente viável. Mas, em regiões, em que o período de seca é curto, 3 a 4 meses, juntamente com dias curtos e temperaturas baixas, e que a irrigação aumentará apenas de 30% a 40% a produção anual de forragem, a irrigação não terá viabilidade econômica.

Os autores alertam para situações que vão desde a climatologia até a produtividade das variedades de forragem e, em especial as gramíneas tropicais forrageiras, que compõem a imensa maioria das pastagens brasileiras, estas que possuem um intervalo de otimização de sua capacidade de produção muito estreito no que se refere ao clima, a exemplo, as gramíneas do gênero *brachiaria*, apresentam seu potencial máximo quando as temperaturas oscilam entre 25°C-35°C, em que abaixo da primeira, tem-se a partir de 17°C-24,9°C moderado e, de 15°C-16,9°C desenvolvimento lento e, abaixo de 15°C desenvolvimento vegetativo muito lento ou nulo e, no outro extremo, acima de 35,1°C, a planta paralisa seus processos vegetativos relacionados ao crescimento e produção de massa verde, ocorrendo em situações de dias com temperaturas muito elevadas, até virando as folhas ao avesso, como forma de reduzir o processo de evapotranspiração.

Observa-se que, o uso da irrigação em pastagens obedece a critérios científicos, devendo os operadores conhecerem detalhes minuciosos acerca de situações que vão além dos saberes produzidos pelo senso comum. Além de que o uso de laminas d'água freqüentes sobre os solos vão provocar maior solubilização de

nutrientes essenciais que se encontram nas camadas superiores do solo, fazendo com que haja maior carreamento dos mesmos a camadas mais profundas, às vezes, em profundidades que as raízes das culturas não alcançam, o que faz com que o produtor tenha mais cuidado no tocante à fertilidade dos solos sob irrigação, com análises periódicas para determinar o nível de acidez e os níveis de macronutrientes primários e secundários. A análise do teor de Nitrogênio serve para determinar o teor de proteína bruta da pastagem, em que de posse deste resultado, multiplica-se o valor encontrado por 6,25³¹ e tem-se o percentual protéico da forragem.

Há que atentar-se para o fato de que, o teor de proteína bruta, tomado de maneira isolada, não pode ser utilizado como um referencial para determinar um manejo alimentar do rebanho; isto se trata de avaliar se o manejo aplicado à pastagem tem se mostrado eficiente e em que medida. Para maiores detalhes quanto ao sistema de alimentação e resultados, a alternativa é realizar testes bromatológicos, em laboratórios certificados, onde se mensurará teores de fibra (FDA, FDN), proteína digestível, micro e macronutrientes, energia (NDT).

O risco mais promissor com o uso de irrigação em pastagens é o de crer na ilusão de que pasto verde é suficiente para satisfazer a necessidade de volumoso dos animais. Um bovino, considerando uma unidade animal (450kg de peso vivo) consome, por dia, aproximadamente, 60 kg de volumoso; logo, há que ter massa disponível na área para satisfazer ao volume de animais ali dispostos. Para isto, o técnico responsável deve calcular a necessidade de comida para cada animal e a disponibilidade de forragem no pasto e equacionar o número adequado de animais de acordo com os dados alcançados; ou seja, é um trabalho constante e que necessita de conhecimentos técnicos refinados, sob o risco de ter-se prejuízos mesmo aplicando alta tecnologia aos sistemas de produção agropecuária.

A tudo isto que foi explanado acima, dá-se o nome de *manejo*. E,

Uma das principais causas do insucesso de muitos projetos de irrigação tem sido a falta de um manejo adequado. Geralmente, por desconhecimento ou por falta de assistência técnica ou por ambos os fatores, o produtor ou irrigante nunca dá muita importância a essa prática. O correto manejo da irrigação, para obtenção de produtividade viável economicamente, seria aquele em que se aplica água no solo, no momento oportuno e em quantidades suficientes para suprir as

³¹ Para cada 100 g de proteína, tem-se 16 g de Nitrogênio (N); logo, para definir o teor de proteína bruta de um alimento, basta que se multiplique o valor de N encontrado na amostra pela constante 6,25 (100/16).

necessidades hídricas da cultura, sem falta ou desperdício de energia (ALVES JÚNIOR e EVANGELISTA, 2023, p. 5).

Para se realizar um manejo adequado do sistema de irrigação há que possuir conhecimentos técnicos, coisa rara no meio rural, porque a maioria se arrota de suas experiências e se gabam daquilo que vêem e que tomam como verdade. Assim, muitos produtores implantam sistemas de irrigação em suas áreas de pastagens seguindo a moda e propagandas maravilhosas que assistem em canais diversos.

A intenção com qualquer sistema é o aumento na produção aliado à redução direta de custos de produção, o que nem sempre é possível; mas, pode ocorrer que, mesmo havendo elevação direta nos custos de produção, o aumento direto no volume produzido pode, ao final, permitir a aquisição de lucros, o que se entende como investimento e retorno líquido sobre o mesmo. Mas, para se chegar a tal avaliação, necessita-se de elaboração de uma planilha cuidadosa, onde se tenha descrito cada detalhe do que foi aplicado e o que foi atingido, prevendo, inclusive possíveis alterações nas taxas cobradas e os custos de oportunidade inseridos na atividade. Por exemplo, e se, ao invés de irrigar a pastagem ao longo de todo o ano, este investimento não fosse aplicado na produção de silagem ou na produção de cana de açúcar, como forma de complementar a alimentação no período do inverno.

Esta é uma decisão técnica e econômica, não apenas de opinião ou discricionária. No entanto, para garantir o máximo de seguridade em tomadas de decisão, a pesquisa agrônoma no campo da irrigação deveria mostrar-se mais eficiente e mais incisiva na realização de experimentos de campo. Da forma como tem sido tratado o assunto, em que não se tem muitos resultados longevos e de confiabilidade, termina-se presos a opiniões diversas e a resposta é sempre a de que *não deseja arriscar ou pagar para ver*.

Faz-se necessário a execução de ensaios de campo ao longo de, ao menos, 3 anos, com registros de produtividade das pastagens, em diferentes situações climáticas e sob manejo conduzido dentro de todos os preceitos agrônomicos recomendados, porque assim serviria como parâmetro determinante em qualquer situação de consultoria técnica e mesmo quando se fosse fazer uma avaliação prévia para implantação em alguma propriedade.

Os riscos inerentes a algum empreendimento devem ser conhecidos antes de sua implementação, não como consequência de desconhecimento sobre o objeto. Se isto acontece, tem-se uma situação de *suicídio econômico*, o que conduz a efeitos

nocivos sobre toda a cadeia de produção. Desta forma, ao se pensar em instalar irrigação nas pastagens, há que considerar que não se podem ter árvores em meio às áreas, porque isto atrapalha a distribuição uniforme da lâmina de água sobre as forrageiras e, nisto, resta saber o que importa mais ao produtor, se a gramínea forrageira, se o conforto zootérmico de seu rebanho. Qual dos dois trará maiores benefícios diretos à produção animal e lucros à propriedade.

Nenhuma técnica produz milagres; produz resultados e, após estes serem computados e analisados, tem-se uma certeza se foram positivos ou negativos, o que, no meio rural, é sempre uma incógnita, porque muitos produtores insistem em não admitir que seus empreendimentos são verdadeiros fracassos ou que os resultados atingidos não atendem aos anseios de economicidade. Capim verde é nada mais que capim verde; não indica volume e qualidade nas medidas necessárias exigidas pelos animais em cada etapa fisiológica que se encontram. Se a chuva, apenas ela, fosse capaz de solucionar todos os problemas de produção das propriedades agrícolas ao longo do ano, todo o esforço em pesquisas técnicas, indo desde a nutrição, clínica, fisiopatologia, solo, clima seria desnecessário. A água é um componente vital de todo o processo orgânico-metabólico das plantas; mas, não é o *métron* soberano da lucratividade em um sistema de produção agropecuário.

Neste sentido, Ritcher (2012) argumenta que,

Irrigação é tecnologia de ponta: ela necessita não apenas de um conjunto de alta qualidade para ser aplicada, mas principalmente de conhecimento técnico por parte de quem a aplica. Às vezes o mais importante não é investir no equipamento, mas nas pessoas. Nenhuma tecnologia funciona se quem a aplica não possui a necessária qualificação. Esta qualificação deve ser buscada junto a quem forneceu o equipamento, ou em órgãos de extensão rural, escritórios ou instituições de ensino e pesquisa. Lamentavelmente, no Brasil, mais de 90% dos produtores rurais que fazem uso de irrigação ainda utilizam o método do bico de botina para determinar o momento de irrigar. Para quem não o conhece, consiste em dar uma botinada no solo, e se levantar poeira, está na hora de irrigar. Esta prática induz normalmente à aplicação de lâminas de irrigação quando não eram necessárias, com o conseqüente aumento no consumo de água e de energia e maior desgaste do conjunto pelo maior uso. Este erro de avaliação prende-se ao fato do 'método' só avaliar o teor de umidade na superfície, a qual se resseca muito mais rapidamente do que o perfil do solo em profundidade. Para pastagens perenes, que usualmente possuem sistemas radiculares mais profundos e ramificados do que as culturas anuais, é muito importante considerar a umidade do perfil em profundidade para evitar perdas desnecessárias" (RITCHER, 2012, p. 501).

A fala do autor reitera tudo o que já vem sendo defendido ao longo deste trabalho, de que se necessita de conhecimentos técnicos e instrumentos adequados para se mensurar os determinantes quanto à aplicação da irrigação sobre as pastagens ou não e quando o fazer, como fazer. Infelizmente, em nível de propriedade, as coisas são feitas baseadas no *achômetro* e na experiência (sic) que cada um possui sobre a coisa em si, o que conduz a efeitos negativos e a desilusões quanto às tecnologias.

Ao se afirmar que irrigação é uma *tecnologia de ponta*, já está claro que o maior investimento a ser realizado é o da profissionalização dos operadores do sistema, porque está envolvido na questão não somente a cultura, os animais, o solo, como também o fator tempo, elemento vital a ser considerado na hora de determinar os turnos de rega e o retorno da aplicação da lâmina d'água após a ocorrência de chuvas na região. Outro detalhe é que, *previsão de chuva não é ocorrência de chuva* e, muitos produtores se fiam nas previsões meteorológicas e deixam passar as janelas de oportunidade e de exigências fenológicas e fisiológicas das cultivares exploradas, resultando em sensíveis reduções na produtividade agrícola.

Alves Júnior e Evangelista (2023, p. 10) argumentam que, “por se tratar de uma técnica que começou a ser desenvolvida sem o alicerce da pesquisa ela vem sendo aperfeiçoada pelos [*próprios*] produtores através de tentativas (erros e acertos)”, o que parece ser uma afirmação um tanto esdrúxula, porque, *via de regra*, eles não sabem o que é certo e nem o que é errado fazer; logo não podem aperfeiçoar aquilo sobre o qual não detém nenhum tipo de domínio epistêmico, científico que possa embasar sua prática. Uma tecnologia de ponta necessita de investimentos em pesquisa, também de ponta, com resultados que sejam precisos e capazes de determinar tomadas de decisão com absoluta garantia sobre o investimento quanto ao tempo de retorno sobre o capital investido e até mesmo a formação de pessoal para aplicar a técnica, fazer registros e analisá-los. Cuidados com o solo se fazem, extremamente, necessários, porque com o aumento na lixiviação, a fertilidade tende a ser um fator determinante para o sucesso ou o fracasso quanto ao uso da irrigação em pastagens.

Conhecer a textura dos solos, também, são de extrema necessidade, porque solos com maior teor de argila tendem a reter mais água e a sofrer menos com a lixiviação de nutrientes, enquanto solos arenosos são mais propensos ao carreamento de elementos para camadas inferiores. A topografia vai interferir na hora de planejar, havendo exigências de barreiras de contenção contra erosão. No fim, conhecimento

ou a falta dele é o fator determinante quanto à viabilidade econômica da utilização de irrigação em pastagens.

Ritcher (2012) volta a afirmar que,

A prática da irrigação deve sempre priorizar dois objetivos: que ela seja eficaz e eficiente. As irrigações eficazes produzem a resposta desejada no momento da colheita. As irrigações eficientes fazem o melhor uso possível da água disponível. As irrigações eficazes e eficientes são o resultado de saber quando irrigar, quanto irrigar, e como irrigar. Quando irrigar é uma decisão agrônômica, baseada nas características do solo e da cultura. Quanto irrigar é a aplicação da lâmina necessária à reposição do déficit da umidade do solo na profundidade efetiva do sistema radicular. Para isto, é necessário calcular a quantidade de água necessária para fazer a umidade do solo retornar até a capacidade de campo. Como irrigar é saber aplicar uniformemente a água (uma uniformidade elevada de distribuição), com controle da aplicação total (uma eficiência elevada da irrigação) (RICHTER, 2001, p. 502).

Mais uma vez se reitera que a prática da irrigação aplicada a pastagens pode ser um fator de melhoria nas condições de produção; mas, uma série de detalhes deve ser observada, a fim de que se possa obter resultados positivos e a lucratividade esperada. Muitos recursos acessórios necessitam ser adicionados às áreas irrigadas, como sombreamento marginal, para que o rebanho possa se refugiar nas horas mais quentes do dia, escolha da variedade com maior potencial de produção de massa verde/matéria seca, escolha dos animais com melhor capacidade de conversão alimentar para ter acesso primário às áreas e ter gado suficiente para fazer o segundo pastejo, evitando situações de subpastejo, ao mesmo tempo em otimiza o uso potencial e econômico das áreas que estejam sob sistema de irrigação. Nota-se que todo o trabalho exige intensa dedicação e aperfeiçoamento no manejo, tanto da irrigação quanto do rebanho.

CONCLUSÃO

Discutiu-se, neste artigo, a questão da irrigação em pastagens e ao longo dele, procurou-se tratar da questão da maneira mais técnica possível, esclarecendo que, por se tratar de uma tecnologia de ponta, a sua implantação nas propriedades deve seguir critérios estritamente científicos, em que se procura conhecer cada detalhe envolvido no projeto, a fim de determinar a sua viabilidade econômica ou não.

Como vantagens, tem-se a melhoria na produção de alimentos e, mesmo em quantidade para períodos críticos do ano, aumento nas taxas de lotação animal, possibilidades de enfrentar os veranicos sem que a produção e o planejamento sejam prejudicados. Para cada uma destas situações positivas, exige-se a necessária gama de conhecimentos por parte dos técnicos responsáveis, produtores e operadores dos sistemas.

Procurou-se esclarecer que, irrigação não significa substituição ao regime de chuvas e, muito menos, pode ser utilizada ao longo do ano sem interrupções, porque a fisiologia das culturas forrageiras tropicais e o fotoperíodo em determinadas estações do ano comprometem o pleno desenvolvimento das mesmas e o que se tem é pasto verde; no entanto, sem volume de massa que justifique, economicamente, todo o gasto direto e indireto com o equipamento e a ação.

Se não for utilizado um manejo adequado das pastagens, em termos de adubação, fertilização, correção de fertilidade em perfil, em pouco tempo, mesmo sob condições de irrigação, corre-se o risco de ver a produtividade e, conseqüentemente, a capacidade de suporte animal delas decaírem, por causa de acentuadas perdas por lixiviação. Assim que, muito há que se desenvolver em termos de pesquisa e produção de conhecimentos técnicos, a fim de que se possa fazer recomendações úteis acerca da irrigação sobre pastagens. Os dados que estão disponíveis ainda se mostram incipientes para garantir resultados prévios e uma orientação segura aos produtores que desejam implantá-la em suas propriedades.

REFÊRENCIAS

ALVES JÚNIOR, José; EVANGELISTA, Adão Wagner Pego. *Irrigação de pastagens*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2023.

CORSI, M. Espécies forrageiras para pastagem. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FURLAN, R.S.; FARIA V.P. (Eds.) *Simpósio sobre o Manejo da Pastagem*, 3, Piracicaba, 1976. *Anais...* Piracicaba: FEALQ, 1976, pp. 5-44.

CORSI, M. Estabelecimento de pastagens. In: *Curso de alimentação de bovinos*. Piracicaba: FEALQ, 1992.

OLIVEIRA, André. Turno de rega na irrigação: quais os tipos e como calcular? In: *revistaagropecuaria.com.br*. Acesso em 25/02/2024.

RICHTER, Luis Antonio. Irrigação de pastagens. In: Embrapa. *Integração lavoura floresta pecuária*. Brasília: CNPT, 2012.

TUBELIS, Antônio. *A chuva e a produção agrícola*. São Paulo: Nobel, 1988.

Capítulo 10

ANÁLISE SOBRE A MANIFESTAÇÃO EDUCACIONAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS E A VIVÊNCIA DA CRIANÇA INDÍGENA DE ACORDO COM O CONCEITO DE CIDADANIA EM RELAÇÃO AO ENSINO DAS ESCOLAS URBANAS DA CIDADE DE PARICONHA-AL

Nathália Joeynny Gomes Queiroz

*Graduanda em Licenciatura Plena no curso de Geografia pela Universidade Federal
de Alagoas - Campus dos Sertão.*

E-mail: nathalia.queiroz@delmiro.ufal.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é explorar a situação atual da Educação urbana e indígena no município de Pariconha-AL, com base em conhecimentos e pesquisas. Os argumentos apresentados estão vinculados a teorias e entrevistas realizadas no município, abrangendo três modalidades de ensino: Educação Indígena em duas escolas de aldeias diferentes, Ensino Fundamental na rede municipal e Ensino Médio na rede estadual. Além disso, o artigo oferece informações sobre experiências inéditas do que ocorre em uma escola indígena, detalhando seu processo educacional voltado para a aldeia. As entrevistas foram conduzidas com funcionários das demais instituições de ensino, ampliando o conhecimento local e contribuindo para a compreensão das condições de convivência atuais. Mesmo em um município pequeno, a inclusão social ainda enfrenta desafios, e a discriminação cultural persiste. O artigo aborda esse conceito, comparando a educação urbana e indígena no contexto social atual, utilizando abordagens teóricas de obras relevantes. O objetivo geral é expor tanto o conhecimento teórico quanto as informações fornecidas pelos entrevistados, estabelecendo uma linha do tempo que abrange o desenvolvimento passado e presente no cenário educacional local.

Palavras-chave: Educação; Povos originários; Educação diferenciada; Educação pública.

ABSTRACT

The aim of this article is to explore the current situation of urban and indigenous education in the municipality of Pariconha-AL, based on knowledge and research. The arguments presented are linked to theories and interviews carried out in the

municipality, covering three types of education: Indigenous Education in two schools in different villages, Primary Education in the municipal network and Secondary Education in the state network. In addition, the article provides information on unprecedented experiences of what happens in an indigenous school, detailing its village-oriented educational process. Interviews were conducted with staff from the other educational institutions, broadening local knowledge and contributing to an understanding of the current conditions of coexistence. Even in a small municipality, social inclusion still faces challenges, and cultural discrimination persists. The article addresses this concept, comparing urban and indigenous education in the current social context, using theoretical approaches from relevant works. The overall aim is to expose both the theoretical knowledge and the information provided by the interviewees, establishing a timeline that covers past and present developments in the local educational scene.

Keywords: Education; Native peoples; Differentiated education; Public education.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal expor o conhecimento teórico e a pesquisa de campo realizada pela autora. A pesquisa foi conduzida em um pequeno município cuja história remonta ao século XIX, com a chegada de quatro famílias – Teodósio, Viana, Vieira e Felix –, que iniciaram o povoamento em Caraibeiras dos Teodósios, às margens do Rio Moxotó. Posteriormente, uma comunidade indígena conhecida como Pankararu também se estabeleceu na região, migrando do município de Tacaratu-PE para Pariconha-AL.

O desenvolvimento do município incluiu a formação de aldeias, como Jeripankó, originada da migração dos Pankararu. A história e o crescimento de Pariconha levaram a autora a refletir sobre o desenvolvimento educacional, abrangendo escolas públicas e indígenas. Duas escolas públicas da sede, Escola Municipal de Educação Básica Padre Epifânio Moura e Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, foram incluídas, assim como duas escolas indígenas, Escola Indígena José Carapina e Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva.

O objetivo do trabalho é elaborar e expor o cotidiano das comunidades urbana e indígena de Pariconha, comparando e analisando as normativas educacionais de cada comunidade. O foco está no conhecimento do desenvolvimento e contribuição social de cada uma, considerando os desafios enfrentados pela sociedade. O município, com uma população de 10.546 habitantes, possui uma significativa parcela indígena, representando 56,12% da população.

A pesquisa foi conduzida por meio de visitas às instituições de ensino, tanto urbana quanto indígena, explorando adequadamente o conhecimento por meio de entrevistas com os diretores das escolas. O trabalho incorpora conhecimento teórico e experiências de outros autores relacionados à educação comum curricular e à educação indígena.

CULTURA E EDUCAÇÃO

O termo "cultura" é complexo e pode ser abordado de diversas maneiras, sendo estudado tanto antropologicamente quanto em outros campos do conhecimento. Antropologicamente, a cultura é entendida como o conjunto de conhecimentos, crenças, valores, práticas, costumes, arte, moral, leis e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro de uma sociedade. Nesse contexto, a cultura é dinâmica e está em constante transformação.

O simbolismo, por sua vez, refere-se ao uso de símbolos para representar ideias, conceitos ou significados. Os símbolos são elementos que têm significado culturalmente atribuído e são utilizados para expressar e comunicar valores, crenças e identidades. Esse conceito está relacionado à antropologia simbólica, que explora o papel dos símbolos na construção da realidade social.

O urbanismo, por outro lado, está associado ao estudo e planejamento das cidades e ao modo como as pessoas interagem no ambiente urbano. Ele aborda questões como o design urbano, a organização do espaço, a mobilidade urbana e as dinâmicas sociais nas cidades. A formação de grupos sociais e a diversificação cultural muitas vezes estão ligadas ao contexto urbano, onde diferentes pessoas e comunidades coexistem e interagem.

Dessa forma, a cultura, o simbolismo e o urbanismo são conceitos interligados, e a compreensão de como esses elementos se entrelaçam pode proporcionar uma visão mais abrangente da complexidade da sociedade e das relações humanas.

Em seu pensamento Laraia, enfatiza o seu ponto de vista antropológico da seguinte forma:

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Segundo Felix Keesing, "não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em

qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado.” (LARAIA, 1986)

A análise do contexto histórico da educação brasileira é crucial para compreender as origens e evoluções do sistema educacional no país. Durante a colonização, como mencionado, o acesso à educação era restrito, sendo destinado principalmente aos filhos das elites coloniais. Os escravizados, indígenas e outros grupos sociais marginalizados eram excluídos desse direito.

A colonização tinha como foco a exploração econômica e a catequização dos indígenas, não priorizando a formação educacional da população em geral. Essa dinâmica se manteve por um longo período, contribuindo para as desigualdades educacionais.

A virada para uma educação mais pública e acessível a todos ocorreu com a promulgação da Constituição de 1946, que estabeleceu princípios fundamentais para o ensino no país. Esse foi um marco importante na busca pela democratização do acesso à educação no Brasil.

No entanto, mesmo com avanços ao longo do tempo, desafios persistentes como desigualdade regional, social e étnica ainda afetam o sistema educacional brasileiro. Compreender essa trajetória histórica é essencial para discutir e implementar políticas educacionais mais inclusivas e igualitárias.

Segundo a análise de Gonçalves,

Desde a década de 1930, diversos documentos gerados em reuniões ou eventos nacionais e internacionais, com participação de representantes governamentais ou de profissionais atuantes no campo do patrimônio cultural, recomendarão ações educativas que pressupunham a existência de um acervo de bens culturais a ser protegido. As ações educativas, nesse contexto, comporiam políticas de preservação: disseminariam o acervo, reafirmariam a sua importância, legitimariam instâncias governamentais incumbida de sua proteção e colaborariam para integrar parcelas da sociedade civil à defesa do patrimônio cultural. (GONÇALVES, 2014)

Anísio Teixeira desempenhou um papel fundamental na luta pela universalização da educação no Brasil, sendo um dos precursores do sistema público de ensino. Sua atuação contribuiu para a implementação de políticas educacionais mais inclusivas e acessíveis.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, destaca a educação como um direito de todos e um dever do Estado e da família, ressaltando a importância da

participação dos pais na educação de seus filhos. Essa visão integrada da educação como responsabilidade coletiva é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Quanto ao Novo Ensino Médio, a sua abordagem de integrar cursos profissionalizantes visa preparar os jovens para o mercado de trabalho, oferecendo opções alinhadas às suas aptidões e interesses. No entanto, é importante monitorar como essas mudanças impactam efetivamente a qualidade da educação e a equidade de oportunidades.

No contexto das instituições indígenas, a abordagem diferenciada e contextualizada da educação é essencial para preservar as culturas e tradições desses povos. A Constituição de 1988 reconhece o direito dos povos indígenas a uma educação específica e de qualidade. O Plano Nacional de Educação (PNE) também busca orientar a Educação Indígena de acordo com as necessidades e características dessas comunidades.

A referência à catequização durante o processo de colonização destaca um aspecto histórico importante, evidenciando como as práticas educacionais estiveram interligadas aos interesses coloniais e missionários. Essa compreensão histórica é crucial para contextualizar as atuais políticas educacionais e refletir sobre os desafios e conquistas ao longo do tempo. Nesse contexto, segundo Oliveira,

Até o fim do período colonial, a Educação Indígena permaneceu a cargo de missionários católicos de diversas ordens, por delegação tácita ou explícita da Coroa Portuguesa. Com o advento do Império, em 1822, ficou tudo como antes: no Projeto Constitucional de 1823, em seu título XIII, art. 254, foi proposta a criação de "...estabelecimentos para a Catechese e civilização dos índios...". Como a Constituição de 1824 foi omissa sobre este ponto, o Ato Adicional de 1834, art. 11, parágrafo 5, procurou corrigir a "lacuna", e atribuiu competência às Assembléias Legislativas Provinciais para promover cumulativamente com as Assembléias e Governos Gerais "...a catechese e a civilização do indígena e o estabelecimento de colônias". Este dispositivo pode ser considerado o ancestral jurídico do Decreto nº 26/91, em vigor, que promove a descentralização (estadualização e/ou municipalização) das escolas indígenas. (SILVA, 1994)

A municipalização de escolas indígenas, embora seja uma prática que ocorre em alguns casos, levanta questões importantes sobre a preservação da identidade cultural e dos direitos dos povos indígenas. A implementação de projetos que visam

integrar esses povos à sociedade dominante muitas vezes enfrenta resistência devido à importância de preservar as tradições, línguas e modos de vida indígenas.

A existência de mais de 2.800 escolas indígenas registradas no Brasil reflete uma diversidade de contextos e realidades enfrentadas por essas comunidades. No entanto, a municipalização pode representar um desafio para a autonomia dessas escolas e para a garantia de uma educação que respeite e valorize as particularidades culturais.

A tentativa de "urbanizar" a criança indígena levanta questionamentos sobre a imposição de padrões culturais hegemônicos. O respeito à diversidade cultural e o reconhecimento dos modos de vida indígenas são fundamentais para garantir uma educação que promova o entendimento intercultural e não subjugue as identidades locais.

A resistência ou incompreensão em relação aos povos indígenas muitas vezes está enraizada em preconceitos históricos, estereótipos e desconhecimento sobre suas culturas e histórias. A promoção da cidadania para a criança indígena deve ser baseada no respeito à sua identidade cultural e na valorização de suas tradições.

A reflexão sobre por que os povos indígenas podem irritar a elite brasileira pode envolver uma análise das relações históricas, disputas por território, recursos naturais e poder. Superar essas tensões exige um compromisso com a justiça social, a equidade e o respeito aos direitos humanos.

Em suma, a educação indígena deve ser sensível às necessidades específicas dessas comunidades, respeitando e fortalecendo suas identidades, línguas e tradições, sem impor modelos culturais externos. Isso contribui para uma sociedade mais inclusiva e plural.

De acordo com a visão de Oliveira, a mesma expressa em seu texto o seguinte pensamento

A grande maioria dos programas de Educação Indígena em curso ou em fase de implantação em nosso país parecem dar as costas aos artigos constitucionais mencionados acima. Para que este panorama sofresse uma mudança substancial seria preciso, antes de mais nada, como muito bem assinalou a antropóloga Araci Lopes da Silva em trabalho recente (1993), a promoção de campanhas educativas que tenham por objetivo combater a ignorância e o preconceito em relação aos povos indígenas. Campanhas que tenham como alvo não apenas a sociedade civil, mas principalmente o setor público (federal, estadual e municipal), infelizmente ainda sem uma compreensão adequada da questão. (SILVA, 1994)

A questão da integralização da criança indígena na escola urbana é, de fato, um desafio que envolve diversas dimensões, como preconceitos, bullying e a falta de contextualização histórica adequada. A diversidade cultural brasileira é vasta, e a escola desempenha um papel crucial na promoção do respeito e compreensão entre as diferentes etnias.

A falta de ensinamentos culturais metodológicos contextualizados na história do Brasil pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. A abordagem histórica muitas vezes não reflete adequadamente a diversidade étnica do país, e isso pode levar a uma compreensão limitada e distorcida das culturas indígenas.

A visão globalizada sobre etnias, quando desvalorizada, prejudica não apenas a integração da criança indígena na escola urbana, mas também a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. A educação desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção do entendimento intercultural.

Professores têm a responsabilidade crucial de oferecer uma educação que vá além do básico, explorando a riqueza da diversidade cultural brasileira. Incentivar a discussão sobre as contribuições dos povos indígenas para a formação do Brasil, suas tradições, línguas e modos de vida é essencial para combater preconceitos e promover o respeito.

Além disso, é fundamental criar ambientes escolares inclusivos, onde a diferença seja valorizada e celebrada. Estratégias anti-bullying, programas educativos sobre diversidade e a promoção de atividades que destaquem as contribuições culturais de diferentes grupos podem ser ferramentas eficazes para construir uma convivência mais harmônica entre as crianças.

O diálogo aberto e constante com a comunidade escolar, incluindo pais, alunos e professores, é fundamental para enfrentar esses desafios e construir uma educação mais justa e equitativa para todos.

ENTREVISTAS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA E PÚBLICA DA CIDADE DE PARICONHA-AL

Foram feitas entrevistas relacionadas ao tema desse artigo para fins de conhecimento sendo elas, nas instituições públicas da sede de Pariconha-AL a Escola

Municipal de Educação Básica Padre Epifânio Moura e a Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha e nas instituições indígenas a Escola Indígena José Carapina e a Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva.

A primeira instituição entrevistada, foi a Escola Municipal de Educação Básica Padre Epifânio Moura, localizada no bairro Auto da Boa Vista na cidade de Pariconha-AL, a entrevistada disponível foi a diretora da instituição a Lucineide Araújo. Lucineide relata que é diretora dessa instituição há 6 meses, tendo em vista que a sua experiência tem sido desafiadora, porém até o momento, está trabalhando em harmonia para o sucesso escolar dos educandos. A instituição tem como base de aproximadamente 622 alunos matriculados dentre eles alunos de etnias inclusos e de acordo com a experiência da mesma, o desenvolvimento educacional da instituição vai bem, segundo ela, o auxílio professores empenhados acelera o processo de ensino aprendizagem. Além da oferta do ensino na sala regular, a escola ministra o AEE – Atendimento Educacional Especializado. O processo de aprendizagem desses alunos se dar de forma um pouco lenta, porém cada avanço é uma satisfação muito gratificante para os educandos.

Durante a entrevista perguntei se há projetos educacionais para o ensino fundamental I e II e a entrevistada respondeu que sim e que são projetos integrados, visando atender as necessidades de cada educando, tendo em conta os níveis de aprendizagem de leitura e escrita. Dessa forma, com a evolução em projetos pedagógicos, a instituição se mantém em um bom relacionamento com a comunidade, como escola eles se empenham pra contribuir pra o benefício de todos, tendo em vista que há projetos e ações que envolvem os pais na educação escolar da vida do aluno.

Em um dado momento perguntei a diretora Luciana a respeito da opinião sobre haver instituições indígenas na região de Pariconha-AL e a mesma responde que acredita que existe um desejo de resgatar e manter a cultura local.

A segunda entrevista foi realizada na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha localizada no centro da cidade, na qual oferta o ensino médio, o entrevistado dessa vez foi o Paulo José do Nascimento ele é professor cerca de 20 anos, onde inicialmente trabalhou com um ensino fundamental, posteriormente começou a trabalhar com o nível médio de forma gradativa, iniciando uma série a cada ano durante um tempo foi gestor no gestor no ensino médio e atualmente atua como articulador de ensino. A escola se mantém com aproximadamente 450 alunos e dentre eles alunos de outras etnias, porém o mesmo acha relevante e necessário ter escolas

indígenas no município, pois, diante da necessidade de os povos manterem vivos seus costumes e suas tradições.

O articulador Paulo acredita que o desenvolvimento educacional melhorou de forma significativa, segundo o mesmo, não contavam com quase nenhuma infraestrutura, pois eram pouquíssimos recursos tecnológicos e em muitos momentos soltavam professores em determinadas áreas do conhecimento quanto que hoje estão com todo quadro completo com professores graduados em suas devidas áreas. A partir disso, o entrevistado nos respondeu que a escola oferta alguns projetos através da secretaria da educação como o projeto mentor no qual professores atuam de forma mais significativa e relevantes buscando estratégias com metodologias atualizadas para alcançar um maior desempenho dos Alunos. Também o projeto escola 10 que tem por objetivo a permanência do aluno na escola no qual é depositado um valor em dinheiro para que o aluno mantenha a frequência, entre outros. Apesar de que a instituição estabeleça projetos para com os alunos, o entrevistado responde que até o momento não oferta projetos que envolvam os pais de forma direta.

A escola promove vários momentos de escuta e de encontros com a comunidade como por exemplo a reunião de pais e mestres que acontecem a cada bimestre, eles também ofertam plantões pedagógicos, além dos canais virtuais de comunicação com grupos no whatsapp, entre outras.

Ao decorrer da entrevista o articulador foi questionado se a escola detinha de educação especial e o mesmo respondeu que sim, a escola conta com a professora responsável pela educação especial, além da auxiliar de turma que trabalha com alunos que possuem laudo que estão inseridos em sala e o mesmo tem um acompanhamento individualizado com o cronograma previamente formulado pela professora de educação especial.

A terceira entrevista fora realizada na instituição de ensino Escola Indígena José Carapina, localizada no povoado Ouricuri estabelecido na aldeia Jeripankó do município de Pariconha-AL. O entrevistado por sua vez foi o Cícero Pereira dos Santos professor de cultura Indígena Jiripanko e sociologia, o mesmo tem formação em Antropologia Social pela UFAL/ ics. Cícero relata que está na educação escolar indígena há 20 anos, a sua experiência consiste em trabalhar uma educação que garanta o acesso a escola do ponto de vista legal e contextual. O desafio é manter a escola indígena potente dentro do sistema que trata a educação como um todo enquanto eles defendem o ensino mais de dentro da realidade.

A escola tem pouco mais de 300 alunos, desde a educação infantil ao médio. A educação escolar indígena, não é uma realidade se estabelecer em aldeias. Segundo o professor, “Alagoas não garante o exercício da educação como um todo. As escolas tem sofrido com currículos descontextualizado pelo sistema, isso acarreta em prejuízo quando precisamos garantir os direitos do nosso aluno conforme o que diz a legislação. Assim temos pequenos avanços visto que o pensamento institucional ainda não é respeitado”. A instituição segue as orientações da Seduc, mas os mesmo priorizam o conhecimento contextualizado entre a grade curricular e as vivências sociais, culturais e tradicional do seu povo. Fazendo o currículo inverso, assim todas disciplinas estão sujeitas a ajustes e assimiláveis para a realidade do meu povo.

A instituição se dispõe de projetos articulados pelo Seduc na área da tecnologia, segundo ele a tecnologia é uma ferramenta importante, na instituição um laboratório de informática no qual tem ajudado na questão da inclusão digital, porém a escola não tem profissionais na área para fazer uso com mais rendimentos. No entanto os alunos tem melhorado no alcance de novas informações relacionadas as disciplinas. O professor Cícero repõe a resposta com uma significativa desvantagem, “não considero que houve um aprendizado, a defasagem dos conteúdos programados pela Seduc e gere, foram apenas para cumprir um cronograma do ano letivo e, com planejamentos fracos sobrecarregou coordenadores, gestores e professores que não obtiveram bons resultados e isso não foi exclusivo da nossa escola. Acredito que faltou o sistema trabalhar mais o papel das famílias no processo ao invés de colocar tudo apenas a cargo da escola.”

No quesito se há uma relação entre a instituição e a comunidade de Pariconha, Cícero respondeu que é “Inexistente. Ainda que haja legislação que obrigue os municípios a ampliar sua grade para estreitar o ensino cultural e interétnico, Pariconha não exerce tal função. Todas as escolas indígenas do estado são estaduais, recebem recursos do estado e do MEC, sem incentivo algum do município”. Em questionamento sobre a educação especial na instituição, o entrevistado relatou que só receberam profissionais da área esse ano, porém a falta de infraestrutura parou o exercício da função.

A respeito sobre a opinião do entrevistado em haver educação indígena no município de Pariconha, o entrevistado responde, “não temos que nos preocupar com isso, meu povo é uma sociedade juridicamente independente do município. Não

considero que sejamos uma escola dentro do município, visto que não existe influência alguma entre as partes além do tratamento amistoso”.

No quesito Reforma do Ensino Médio, o entrevistado respondeu, “um caos. Nossas escolas não estão prontas nem em estrutura física nem de pessoal para o que o novo ensino médio pré diz, mas acredito que o prejuízo maior está em não incluir com mais ênfase a educação escolar indígena como a constituição diz. Se pensou na liberdade de ser do aluno mas não se garantiu o seu direito ao tempo de aprender nem tampouco as condições necessárias para isso.”

E no quesito sobre o preconceito no qual possam sofrer, o professor Cícero, responde que, segundo ele a escola indígena por si só já é alvo para preconceitos.

Por fim a quarta e última entrevista se deu na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, a entrevistada é a Tais Lima, a mesma é coordenadora da instituição desde 2019, a sua experiência como coordenadora escolar indígena vem sempre sendo instigada, pois a todo tempo quem trabalha com a educação indígena sempre se depara com temáticas desafiadoras e além dos desafios da escola indígena existe também o desafio coletivo com relação aos povos indígenas brasileiros. O coordenador pedagógico indígena passa por questões que vão além do papel do coordenador, pois o mesmo tem uma atuação diferenciada do que é tradicional, cultural e do que é do povo, enfim, tudo o que envolve o povo Katokinn.

A Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva está localizada na Aldeia katokinn estabelecida no bairro Alto da Boa Vista na cidade de Pariconha-AL. A instituição em si, atualmente passa por algumas instabilidades na estrutura do prédio, mesmo o Estado fechando os olhos para a atual condição, os professores continuam na luta para não desistir da educação diferenciada. A falta de um espaço mais coletivo acaba interrompendo o desenvolvimento educacional enquanto instituição. A escola atualmente se constitui com 223 estudantes desde o ensino infantil ao Ensino Médio. A instituição sempre está desenvolvendo projetos educacionais nos quais os alunos devem estar começando desde a educação infantil e que se ramifique para o Ensino Médio, segundo a coordenadora, “temos uma articulação, entre nós coordenadores. Tanto a educação do fundamental II e Ensino Médio quanto a Coordenação do ensino infantil e fundamenta I, nós tentamos manter uma unidade naquilo que estamos desenvolvendo dentro da escola para que não haja distorções no aprendizado e para que todos sejam contemplados com uma determinada temática”. A escola também propaga projetos para os pais, sendo eles identificados como oficinas na parte

tradicional e oficinas desenvolvidas em momentos estratégicos no ano, onde as famílias são convidadas para participarem na escola sempre como parceiros. Os pais sempre visitam a escola e sempre são solicitados a comparecer para que possam dialogar e participar de estratégias pedagógicas para com a educação de seus filhos.

A instituição por ter uma estrutura diferente, ainda passa por muito preconceito por parte de algumas pessoas da comunidade pariconhence. A estrutura da instituição as vezes pode chegar a ser utilizada como um anexo de assunto para menosprezar a educação indígena e taxa-la como uma educação de baixa qualidade. Diante da 11ª Gere a Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva tem uma ótima colocação mediante a outras escolas, isso significa que mesmo que a estrutura não seja adequada, a educação se faz com excelência.

No quesito sobre educação para crianças com deficiência, a entrevistada rela que, por não haver uma estrutura adequada na instituição, não é possível haver uma sala especial. Por não haver uma especial, essas crianças são alocadas com outros alunos em sala acompanhadas de um auxiliar de sala e quanto ao desenvolvimento dessas crianças, a entrevistada relata de vem sendo satisfatório, pois as mesmas conseguem estar entres os pares. É importante indagar a seguinte fala da coordenadora Tais, “inclusive temos alunos autistas da educação infantil que já conseguem ler fluentemente e isso é uma conquista muito grade pra gente”. Os projetos para essas crianças são produzidos a partir da inclusão, então a escola busca ao máximo que os projetos sejam os mais inclusivos possível. Segundo a entrevistada “acredito produzir um projeto de inclusão é excluir essas crianças!”.

A respeito sobre haver educação indígena no município de Pariconha-AL, a entrevistada relata que é um ganho entre os povos e enriquecedor a cultura pariconhence, pois a educação indígena é um símbolo de resistência.

Durante a experiências abordadas pelas entrevistas dos profissionais da educação achei interessante procurar entrevistar também o cacique da aldeia Katokinn para saber o seu ponto de vista a respeito da educação de seus aldeados. O cacique em questão chama-se Daniel teve sua entrada na aldeia como cacique no ano passado após a trágica morte de sua tia conhecida como Nina Cacique, uma das mulheres mais guerreiras de que se possa imaginar.

A aldeia Katokinn é por si uma ramificação dos Pankararu de Tacaratu-PE. Sua origem e emancipação se deu no ano de 2001 por um grupo liderado pelo pajé Arvilino e Maria das Graças reivindicando a etnia.

Enfim, ao entrevistar o cacique, o mesmo abordou com suas palavras de que a educação indígena é meio para que o povo possa trabalhar dentro da própria comunidade indígena sem distorcer a cultura, segundo o mesmo “o livro de história conta a história do Brasil toda distorcida com pequenas mentiras falando que só existem indígenas na Amazônia passando um perfil de indígena e a nossa escola já serve para isso, para mostrar aos nossos próprios alunos que existem indígenas em qualquer lugar e é um meio também de mostrar as nossas culturas para estar praticando e sendo guardadas em livros e em histórias”.

No quesito sobre a visão dele a respeito da educação ser municipalizada, o mesmo diz ser uma perda total para com a comunidade indígena. O cacique Daniel retrata que, “vai ser do mesmo jeito como foi na colonização do Brasil, pegaram o nosso costume e tiraram e colocaram a religião e com isso vamos cada vez mais perdendo nossos costumes por que dentro da escola não vai dar valorização, vai dar perda e com o passar do tempo com o falecimento de pajé ou de anciões e guerreiro de luta vai acabando e distorcendo todas as comunidades. Por isso não pode ser aceito a educação municipalizada, porque isso pode prejudicar as comunidades”. O cacique Daniel relata ter estudado em escola pública e que em sua experiência como aluno foi alvo de preconceitos tanto de alunos quanto de professores na rede municipal de educação quando se falava em cultura eles incitavam a respeito da “cor da pele e cabelo” e isso o deixava desconfortável, o mesmo relata que já foi reprovado por faltas por conta de que havia eventos culturais na aldeia e o mesmo não poderia faltar para não prejudicar seus costumes, a partir desse relato é notório que a educação pública por mais que não incite ela se mantém em defesa de não apoio indígena. na época em quem Daniel era aluno da rede pública a aldeia katokinn ainda não detinha de uma instituição.

No quesito sobre órgãos que apoiam ele citou a APOINME e a PIBES, são organizações indígenas que defendem e apoiam a educação indígena.

E no quesito sobre as dificuldades a respeito de trazer a educação para a comunidade indígena, o cacique relata que a principal dificuldade vem da própria comunidade, segundo ele, “geralmente as escolas da comunidade indígenas são escolas de anexos e esses anexos são doados pelos próprios indígenas e a maioria dos pais não tiram seus filhos do conforto do ar-condicionado para colocar em uma escola que nem ventilador tem e a outra dificuldade é do Estado que de estar dando uma escola de qualidade, de tá dando uma melhoria e ele não faz esse caminho, ele

faz deixar por conta própria da comunidade correr atrás, ai tem que tá pressionando o Estado Federal, tem que tá acionando os governadores, tem que está acionando o ministério público e a Gere.”

Foi procurado o atual gestor do município de Pariconha-AL para inserir na pesquisa, porém, por motivos de saúde ficou impossibilitado o acesso até o mesmo, tanto de forma presencial quanto de forma remota. Também foi procuradas formas de entrar em contato com o cacique da aldeia Jeripankó, porém não obtive sucesso na busca.

CONCLUSÃO

É evidente que a educação brasileira precisa evoluir na priorização da contextualização histórica, proporcionando uma compreensão mais abrangente e respeitosa da diversidade cultural do país. O enfrentamento do preconceito, especialmente em ambientes escolares, é uma tarefa crucial que demanda ações tanto no âmbito individual quanto institucional.

Os relatos do cacique Daniel destacam a persistência do preconceito, indicando a necessidade de uma abordagem mais aberta e inclusiva por parte dos educadores. A formação dos professores deve incluir estratégias específicas para lidar com a diversidade cultural, promovendo o respeito e a compreensão mútua.

A luta pelos direitos dos povos indígenas continua, e a educação desempenha um papel central nesse processo. Projetos educativos desenvolvidos por essas comunidades têm demonstrado não apenas a resiliência diante do preconceito, mas também a capacidade de oferecer contribuições significativas ao conhecimento global.

A presença de pesquisadores estrangeiros nas aldeias destaca a importância do conhecimento indígena não apenas para o Brasil, mas também para o cenário internacional. Essa visibilidade pode contribuir para o reconhecimento e valorização das riquezas culturais presentes no município de Pariconha.

O crescimento e desenvolvimento do município oferecem oportunidades para explorar e preservar as riquezas culturais locais, promovendo o conhecimento tanto entre os habitantes locais quanto no âmbito acadêmico. A colaboração entre a comunidade, pesquisadores e instituições educacionais pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e consciente de sua diversidade.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos aos professores/gestores da rede pública de ensino Lucineide Araújo gestora da instituição de ensino Escola Municipal de Educação Básica Padre Epifânio Moura e Paulo José do Nascimento articulador de ensino da instituição de ensino Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha; aos professores/gestores da rede de ensino indígena Cícero Pereira dos Santos professor de Cultura Indígena da Escola Indígena José Carapina e Tais Lima Coordenadora da Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva; e ao Cacique Daniel, por sua importante participação.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTO:

APROVA O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. Plano Nacional de Educação nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. III - Modalidades de Ensino; 9. Educação Indígena; 9.1 Diagnósticos; 9.2 Diretrizes; 9.3 Objetivos e Metas¹; . Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental.: Programa Parâmetros em Ação Educação Escolar Indígena; As Leis e a Educação Escolar Indígena., Brasília, 2002.

LEI:

**CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL;
CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO; SEÇÃO I DA
EDUCAÇÃO.** [Constituição (1988)]. ART. 205. [S. l.: s. n.], 1988.

SITE:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha>

ARTIGO:

GONÇALVES, J. **Da educação do público à participação cidadã: Sobre ações educativas e patrimônio cultural.** Periódico Mousseion, [s. l.], 23 dez. 2014.

LIVRO:

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** [S. l.]: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 1986. v. 117. ISBN 8537801860, 9788537801864.

ARTIGO:

SILVA, M. F. A CONQUISTA DA ESCOLA: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. Brasília, [S. l.], p. 66, 14 jul. 1994.

Capítulo 11

O FENÔMENO MUSICAL SEPULTURA: COMO O GRUPO MINEIRO MUDOU A CENA DO TRASH METAL INTERNACIONAL

Sérgio Rodrigues de Souza

Sociólogo. Pesquisador. Pós-Ph.D. em Psicologia Social. E-mail:

srgrodriguesdesouza@gmail.com

RESUMO

Este ensaio aborda a temática sobre a banda mineira de música trash metal, Sepultura e sobre como o seu som e estilos incomparáveis mudaram a cena do metal internacional. Formada em 1984, na cidade de Belo Horizonte, conquistaram fãs em todo o mundo graças a uma produção musical *sui generis*, embalada com riffs pesados de guitarra, uma bateria que nunca se viu igual e vocais sinistros. Trata-se de um trabalho em que se explora a genialidade do grupo e sua música, analisando o que criaram de novo e que não pode ser reproduzido por nenhum outro. Configura-se como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em anos de estudos e de acompanhamento do trabalho dos Caras. Todo o desenvolvimento musical do grupo perpassa pela evolução sonora que experimentaram, ao longo de décadas, podendo usufruir de uma liberdade criativa no estilo que fazem deles lendas vivas. O Sepultura somente não é considerado o maior grupo musical do rock ultrapesado de toda a história da música, porque em seu país natal não é assim reconhecido. O Sepultura é brasileiro; mas, não é *do Brasil!* Não representa o tipo de reconhecimento que um grupelho de almofadinhas e críticos de meia pataca deseja para o cenário musical brasileiro. Mesmo com todo o mérito conquistado através de seus esforços pessoais, não são vistos como a *grande estrela musical brasileira*.

Palavras-chave: Sepultura; Trash Metal; Fenômeno musical internacional.

ABSTRACT

This essay addresses the theme of the trash metal band from Minas Gerais, Sepultura and how their incomparable sound and styles changed the international metal scene. Formed in 1984, in the city of Belo Horizonte, they won over fans all over the world thanks to a *sui generis* musical production, packed with heavy guitar riffs, never-before-seen drums and sinister vocals. This is a work that explores the genius of the group and their music, analyzing what they created that was new and that cannot be reproduced by anyone else. It is configured as a bibliographical research, based on years of studies and monitoring of the Caras' work. The group's entire musical development permeates the sound evolution they have experienced over decades,

allowing them to enjoy creative freedom in the style that makes them living legends. Sepultura is not considered the greatest ultra-heavy rock group in the history of music, because in its home country it is not recognized as such. Sepultura is Brazilian; but, it's not from Brazil! It does not represent the type of recognition that a group of fops and half-assed critics want for the Brazilian music scene. Even with all the merit achieved through their personal efforts, they are not seen as the greatest Brazilian musical star.

Keywords: Grave; Trash Metal; International musical phenomenon.

INTRODUÇÃO

O grupo de rock pesado, Sepultura, originário da cidade mineira de Belo Horizonte (Brasil), pode ser considerado, sem qualquer apreço especial, como sendo a única banda de *trash metal* que surgiu no cenário do *Heavy Metal* internacional. Nenhuma outra banda musical conseguiu unir o *punk*, com seu som único e barulhento com a velocidade e o peso do hard metal e, para completar uma condição *sui generis*, os vocais de Max Cavalera combinaram perfeitamente com o som da bateria de seu irmão, Igor Cavalera, um dos músicos mais icônicos da história; tão singular que ninguém jamais tentou copiar seu modo de tocar; simplesmente, porque é impossível conseguir realizar tal feito.

O Sepultura nasce em meio à efervescência do *trash metal*, estilo musical que tinha como precursor a banda americana Metallica e seu álbum de estréia *Kill 'Em All* (1983), ao lado de outra banda, também com um estilo poderoso de som, o Slayer. Havia outros grupos que expressavam uma música muito pesada e com estilos únicos, como o Kronos, da Noruega; no entanto, a produção que a banda mineira colocou em seus *riffes*, especialmente após a chegada de Andreas Kisser, fez dela uma lenda do *trash*, destinada a tal desde o lançamento do álbum *Beneath the remains* (1989), em que mescla o punk rock progressivo e ultra agressivo dos Ratos de Porão e uma guitarra clássica, com notas definidas pelas mãos de um músico singular. Este disco foi considerado pela revista *Terrorizer* como um dos 20 melhores álbuns de *thrash metal* de todos os tempos.

A banda não se tornou, na opinião da mídia e da crítica, o maior conjunto de *trash metal* da história por dois motivos muito simples, a destacar, o primeiro como que nunca foi o sonho dos irmãos Cavalera o *glamour* acima de sua arte, como Max viria a declarar em várias ocasiões. A segunda questão e, não menos importante, é

que o investimento em *marketing* sobre o trabalho dos caras não foi o suficiente para enfrentar bandas com maior prestígio comercial no mercado fonográfico.

Há um terceiro fator, que se mostra muito complexo de se analisar, que se trata da questão da sonoridade. Mesmo após assinar contrato com a gravadora norte-americana Roadrunner, os Sepulturas não se venderam ao mercado fonográfico e seu som, embora tenha recebido o devido polimento sonoro, continuou tosco e agressivo como sempre e os vocais de Max provaram que não estavam nem aí para os críticos de arte e o que queriam, de fato, era tocar sua música, da forma que acreditavam ser a melhor maneira de expressá-la.

Wagner Lamounier, ex-vocalista da banda e líder do grupo mineiro de *death metal* Sarcófago, declarou sobre o polimento do som do Sepultura que, as bases de guitarra e o contrabaixo foram gravados por Andreas Kisser, em crítica aberta ao fenômeno que se mostrou a produção dos álbuns *Beneath te remains* (1989) e *Arise* (1991). Jamais foram chamados de traidores do *trash*, o que já garante que os caras possuem estilo e determinação naquilo que fazem.

Com o lançamento do álbum *Arise*, em 1991, a banda se tornou tão relevante no cenário do metal norte-americano e internacional que até surgiram *tirinhas*³², nos Estados Unidos, em que apareciam os componentes do grupo de rock Metallica e do Slayer, junto ao ator hollywoodiano Arnold Schwarzenegger, representado na figura de seu icônico *Exterminador do Futuro* perseguindo os componentes do Sepultura, caçando-os, para matar (óbvio). A mensagem é muito nítida, as bandas citadas temiam o sucesso a que estava destinado o grupo mineiro. Lamentavelmente, esta peça foi muito pouco difundida no cenário musical brasileiro e o que se viu, de fato, foram inúmeras críticas, motivadas por inveja do que conquistaram, com trabalho sério e profissional.

O rock n' roll sempre teve seu viés declaradamente político; isto está presente desde os Beatles e John Lennon, com sua melosa *Imagine*, passando por Black Sabbath, com sua *Children of the Grave*; Slayer, com sua *War ensable*, Metallica, com *Disposable Heroes* e, sem contar o punk rock internacional, mas que destaca-se, sem qualquer espaço para discussões o grupo brasileiro de São Paulo, os Ratos de Porão, influência musical clássica do Sepultura. Assim, as letras do grupo Sepultura

³² As tirinhas são um gênero textual que se caracteriza pelas histórias curtas, geralmente formadas por três ou quatro quadrinhos. Usualmente fazendo uso do humor, as tirinhas podem apenas contar uma história; mas, por vezes, têm propósitos adicionais, como a crítica social.

sempre apresentaram forte crítica à política e ao Sistema como um todo. Não estavam falando de nenhum país em específico ou nação; o seu alvo são as políticas e os rumos que os governos dão a elas e, esta postura nunca foi bem vista pela mídia, que dado o seu atraso hermenêutico-linguístico tomou o que os Caras escreveram como ofensas pessoais ao Brasil e aos brasileiros.

O Brasil possui uma excelente qualidade musical, com bons artistas e letras muito fortes; no entanto, na maioria das vezes, os artistas confundem suas vidas no mundo da arte com enfrentamentos pessoais ao sistema e isto faz com que sejam vistos como figuras subversivas e que devem ser evitadas, incluindo, aí, sua música, o que faz com que o Estado e as gravadoras não invistam em divulgações internacionais dos trabalhos na medida em que se mostra necessário para impor a música brasileira no mundo.

O Sepultura, a partir da convivência com a cultura *punk* norteamericana e sua herança dos Ratos de Porão, aprenderam a tratar a política como seu alvo principal, sem realizar ataques diretos a indivíduos, ou seja, não a personalizaram. Somente com muito esforço que [supostos] jornalistas brasileiros conseguiram interpretar suas letras como ataques diretos à democracia brasileira, enquanto que os baderneiros que aqui ficaram lutavam contra a opressão; portanto, não era justo que os Sepulturas, oriundos de Minas Gerais [e não do Rio de Janeiro] fossem amados e idolatrados ao redor do mundo [e também no Brasil], divulgando a cultura musical brasileira, cantando em uma língua da qual não eram falantes nativos.

Em dezembro de 1996 acontece o que ninguém esperava: Max Cavalera anuncia sua saída do grupo, abandonando o irmão Igor e seus companheiros de dias difíceis. Neste momento, o futuro da banda se torna incerto, até mesmo porque embora a música que tocavam se tornara icônica devido ao conjunto de instrumentos e voz, todos sabem, declaradamente, que os vocais de Max, aliado à bateria de Igor representam o espírito musical do grupo.

Como sói natural de ocorrer no século XXI, a banda sobreviveu; mas, o Sepultura sobre o qual este ensaio se debruça é aquele formado por Max Cavalera (Vocal e guitarra), Igor Cavalera (Bateria), Andreas Kisser (Guitarra) e Paulo Júnior (Baixo). Não que as formações que se seguiram a esta não caracterizam o estilo musical do grupo; apenas que, construir uma carreira a partir do nada, no mundo da música é um feito que não pode ser ignorado e, mesmo que possa haver dissidências futuras da parte dos fãs, um fã jamais deixa de ser um fã, de curtir algo que a sua

banda favorita produziu em algum momento. A memória humana se vincula a sentimentos muito particulares que marcam a existência e, para ser muito claro, é estranho que, mesmo sem os irmãos Cavalera o grupo tenha sobrevivido. Isto demonstra que, o Sepultura tornou-se muito maior que qualquer um deles, tal qual sempre foi o desejo e o sonho de Max e porque lutou durante toda sua vida à frente do grupo. Paradoxalmente, sua saída se dá pelo fato de que, à certa altura, acabou seduzido pela ideia de que a grandeza que o nome Sepultura alcançara era graças a ele, se pondo acima de um trabalho árduo realizado por todos os membros do grupo.

O ESTILO ICÔNICO E SINGULAR DE IGOR CAVALERA

No rock n´roll, a bateria é extremamente importante para dar suporte ao som estridente e grave da guitarra, marca singular do estilo e, quando se toma a audição da batida, pode-se ver que possui uma cadência e uma sequência capaz de impor força e vibração ao som produzido. No caso do estilo *trash metal* esta exigência se faz mais forte, com formas de batidas que realcem a agressividade sonora, o que faz com que o intervalo entre cada batida seja reduzido, ou seja, uma bateria mais rápida e potente.

Mesmo com toda esta exigência em torno da batida sonora da bateria e seus acessórios, existe uma cadência que se pode acompanhar, situação esta que não acontece com o estilo de Igor Cavalera, baterista original do Sepultura, em que o som produzido por seu instrumento parece obedecer ao seu desejo e não somente às suas batidas. Este modo de tocar o referido instrumento faz dele um baterista inigualável e incomparável, podendo afirmar que é impossível copiar e reproduzir a sua maneira de tocar, o que fez o Sepultura ter um som único, brutal e, ao mesmo tempo polido sonoramente, o que pode ser compreendido como um paradoxo, porque toda a explanação até aqui exposta mostra algo surreal no mundo da música pesada.

Igor Cavalera é um fenômeno por si só; sua evolução musical desde os álbuns em que o grupo se manifestava com um som *Death Metal* até chegar ao estilo *trash* é impressionante, em que acrescenta velocidade, ritmo e um incrível polimento sonoro, tão bem trabalhado que, em um show se, por acaso, se dedicasse a um solo interminável, a platéia continuaria a aplaudi-lo e a ir ao delírio a cada batida. Sua capacidade como músico percussionista fez com que a banda de *hardcore* americana Guns N´ Roses o convidasse para compor o sexteto quando da saída de Matt Sorum.

Não estranha que o Guns o tenha convidado, a despeito de ele ser um baterista de rock ultrapesado e a banda em questão trabalhar em uma linha mais *hard rock/hardcore*, com algumas baladas, incluindo inserção de instrumentos da música clássica erudita. O fato é que, no mundo da música, poucos bateristas foram privilegiados com o reconhecimento público por suas performances e, o que o músico brasileiro realizou é algo inédito na história internacional do rock pesado, em que evoluiu a partir do próprio estilo, fundindo o modo *punk*, a la Ratos de Porão, com uma batida forte, pesada e em uma sequência difícil de se acreditar que seja realizada por um ser humano.

Seria interessante pensar o que ele poderia acrescentar ao som do Guns N' Roses, ao lado de um guitarrista épico e apaixonado pelo Blues, como Slash e um baixista conhecedor do *punk rock* internacional como nenhum outro, como Duff Mckagan. Especulações à parte, acredito que Igor pudesse inserir peso e velocidade ao som do Guns e eles pudessem criar novas canções ao estilo *Apettite For Destruction* (1987) aprimorado e mais agressivo nas batidas e nas cordas.

Mesmo que se admita, remotamente, que Igor Cavalera tenha recebido influências de outros estilos e músicos, o fato é que a sua forma de tocar bateria é tão singular que não se vê outros músicos tentando imitá-lo ou tomá-lo como influência. Em uma entrevista anterior, de 2022, Max, seu irmão e companheiro de estrada, ressaltou que Igor não recebe o devido crédito por sua capacidade musical. “O Iggor nunca aprendeu música; nunca teve uma aula de bateria; por isso que as coisas que ele criou nesses discos são impressionantes até hoje. Tem baterista que estuda o que o Iggor fez e não consegue entender. Ele é um baterista muito criativo. Todos os lances que ele faz, (...) ele é muito criativo. Eu acho que ele não recebe o crédito... deveria ter mais crédito no mundo dos bateristas mundiais, porque ele é muito criativo. Mais do que o lance técnico, é a criação, que eu acho que é mais difícil do que a técnica” (MAX, 2002/2024, s.p.).

Esta fala de Max já permite deduzir que críticos musicais tenderam a dizer que Igor Cavalera não possui técnica para tocar bateria e, o silêncio do rapaz, neste sentido, já dá para ter uma noção de sua resposta a estes indivíduos: *não toca bateria e nem faz música para agradar a críticos e sim para encantar os seus fãs*. Ocorre que, o seu estilo não permite acompanhar ritmicamente uma cadência lógica do instrumento, como o faz outros percussionistas de rock pesado, o que não quer dizer, em hipótese alguma, que ele não possua uma técnica; apenas, não é a que os eruditos

desejam ouvir e muito menos a que consideram como ideal. O fato é que, haveria que criar um método de estudo a fim de analisar e interpretar o estilo musical de Igor e, a Universidade pública brasileira bem que poderia fazê-lo e, se não o faz o motivo é bem simples: a maior parte dos músicos brasileiros odeia o Sepultura e os críticos tentam, de toda forma ignorar o que os Caras criaram e o que representam para a história da música internacional, como um todo e não apenas ao estilo *trash/death metal*.

De vez em quando se apresenta algum repórter de algum jornal tentando conciliar o Sepultura à cena musical brasileira, como se pudessem ser comparados a qualquer banda brasileira além dos Ratos de Porão e, tentam ainda alegar que eles foram os responsáveis por levar o nome do Brasil para o mercado externo da música. É forçar a barra demais ao defender tal ideia, porque a única coisa que os Irmãos Cavalera fizeram de fato foi divulgar o trabalho não, devidamente, reconhecido de sua banda aqui no Brasil e que foi, prontamente, reconhecido na Europa e Estados Unidos da América. Com isto, não estou querendo dizer que não houve um trabalho árduo de produção e inovação no estilo musical; mas, que alcançaram fama e mérito por seu esforço, influenciando outros grandes nomes do Metal, até mesmo gerando inveja em monstros da música internacional.

Infelizmente, a propaganda sobre o Sepultura e seu trabalho foi distorcida, começando pelo fato de não cantarem em Língua Portuguesa e inúmeras charges foram publicadas em revistas nacionais deturpando suas letras, como se estivessem a criticar o Brasil, de maneira pejorativa. Sendo assim, alegar que um baterista não possui técnica e, respaldados nesta singela desculpa, ignorar toda a sua criatividade e estilo é um caso sem outra explicação que não seja a tentativa de esconder a inveja do sucesso que eles conquistaram como músicos e como banda.

OS VOCAIS ICÔNICOS E SINGULARES DE MAX CAVALERA

Max Cavalera, o vocalista do Sepultura, até dezembro de 1996, não foi quem assumiu os vocais, originalmente, em sua banda. Um outro ex-integrante, Wagner Lamounier foi quem ficou a cargo de impor voz ao estilo inicial do grupo, o *Death Metal*, que viria a ser transmutado para o trash, com a saída deste e em seu lugar, o irmão Cavalera assumindo a responsabilidade de ser o cantor, ao mesmo tempo em que continuava a atuar como guitarrista-base.

A voz de Max Cavalera é conhecida, mundialmente, por ser forte e gutural, sendo uma influência para muitos outros músicos. A diferença de estilo vocal entre ele e Wagner é que o primeiro possuía um estilo muito pesado, voltado para o death, no qual o Sepultura foi pioneiro no mundo e o timbre vocal de Max não acompanhava este som e, havia a questão de que as influências do punk rock sobre a banda a conduziram ao estilo *trash metal*, no qual os vocais de Max se encaixavam de modo perfeito, criando um conjunto musical formado pela guitarra de Kisser, a bateria de Igor e as letras abordando temas políticos atuais de forma direta.

A passagem do Sepultura do estilo *Death Metal*, com sons guturais no vocal, para o estilo *Trash Metal*, com sons mais graves e pesados, se deve, em grande parte aos vocais de Max e não a uma mudança de ideologia quanto às suas crenças. Há um detalhe, em que o cenário musical mineiro tem mais a ver com o Black Metal e, por estranho que tal afirmação possa parecer, o Sepultura tem muito mais um perfil musical paulista, com uma poderosa influência do Punk Rock, em especial dos Ratos de Porão, que foram, no Brasil, os precursores do mais autêntico *Trash Metal* internacional.

João Gordo, vocalista dos Ratos, pode ter sido a grande influência vocal de Max Cavalera e, esta foi a maior sacada que tiveram quanto ao rumo que a banda tomaria a partir de seus álbuns clássicos *Beneath the remains* (1989) e *Arise* (1991), gravados pela americana Roadrunner Records, que viu maior potencial de impacto no mercado fonográfico para a banda, com Max adequando seus vocais a este estilo em específico.

Os vocais de Max são icônicos e singulares, produzindo graves com muita precisão e, em certas ocasiões apareceram comparações com a questão da expressão linguística, em que se procurava comparar o inglês nativo de James Hetfield (vocalista do Metallica) com o inglês gutural do brasileiro e, dadas as proporções, a situação, hoje analisada, é ridícula, porque são estilos, completamente, diferentes de produção musical, em que o Metallica persistiu em um *heavy metal* com um pouco mais de velocidade, ficando entre este estilo e o trash, enquanto o Sepultura criou um estilo que se situa entre o *Trash* e o *Death Metal*; portanto, ao classificá-los como tendo sua música pertencendo ao estilo *Trash* é arbitrário e absurdo, funcionando mais como uma condição de retórica, com a finalidade de melhor compreender e discutir a sua relevância no cenário musical internacional.

Uma coisa muito interessante sobre os vocais de Max, é que, à medida que foi envelhecendo sua voz foi se tornando mais poderosa, mais intensa, o que proporciona um estilo singular ao *Trash Metal*, situação que coloca-o como um ícone do estilo, reconhecendo-o como uma lenda viva do rock, já há muitos anos. A sua forma de cantar, em que faz incursões curtas de seus refrões, bem ao estilo punk rock permite que alcance uma sonoridade peculiar e com estilo emblemático.

Pode até ser que ele tenha feito aulas de canto; talvez, para aperfeiçoar alguma característica de sua voz; mas, quando está no palco sua *performance* é tão singular que se pode até mesmo duvidar que em algum momento isto tenha acontecido. Max veio a revelar, em uma entrevista, em 2022, que *nunca* teve aulas formais de música, quiçá de canto; o que pode ser compreendido por sua característica única e linearidade na manutenção de suas determinações musicais.

As letras das músicas do Sepultura são escritas em refrões curtos que permitem a Max colocar um peso adicional e criar o intervalo necessário para carregar seus pulmões de oxigênio e dar o tom trash/Black que faz emergir o som de uma voz carregada de uma singularidade jamais vista na música. A sua transposição do *Death Metal* para o *Trash Metal* foi uma verdadeira evolução musical e, não apenas um desenvolvimento vocal, a partir de um amadurecimento da voz adolescente para uma voz adulta, o que se caracteriza como um fenômeno extraordinário que, talvez, nem mesmo o próprio Max tenha se dado conta sobre como isto aconteceu e como isto desperta o interesse e a curiosidade em outros músicos e em alguns estudiosos da música e também, se pode ousar dizer, em médicos especializados em otorrinolaringologia e fonoaudiologia.

Apesar de não ser a melhor opção, a de definir o sucesso de uma banda a partir de um único integrante, porque o resultado final é a expressão do conjunto de um trabalho em equipe, não se pode desconsiderar o quanto as músicas e as letras do Sepultura se adéquam aos vocais de Max; considerando que este ajuste das letras, da métrica do poema, da dimensão do refrão, do sentido em si, impondo-lhe um significado singular não é um trabalho qualquer que acontece como que por milagre ou por acaso. Como ele bem afirma, que não possui um instrutor para auxiliá-lo nesta construção, contando apenas com o seu produtor musical para ajustar tudo no estúdio, isto prova, mais uma vez, sua incomensurável genialidade e criatividade musical.

A INFLUÊNCIA DO PUNK ROCK E A FORMAÇÃO CLÁSSICA COM ANDREAS KISSER DERAM AO SEPULTURA UM ESTILO MUSICAL INCOMPARÁVEL

A influência do punk rock pesado sobre a produção e o estilo musical do Sepultura é indelével e pode ser visto nas letras, no som, na bateria e nos vocais, ou seja, os quatro membros da banda conseguiram criar um estilo *Trash Metal* único, pesado, veloz, músicas curtas, poesias tratando da questão sociopolítica com muita acidez e violência. Esta mistura foi possível graças ao contato da banda com a cena musical de São Paulo, onde os indivíduos são mais indiferentes ao que se expressa e, para completar o elemento central nisto tudo, a presença de Andreas Kisser como guitarrista principal do grupo e toda a sua formação clássica que, unida ao sentimento pesado de superação dos mineiros fez surgir um estilo de guitarra que se tornaria emblemático, icônico.

Andreas estudou música clássica, além de violão e técnicas instrumentais; conhecia os bastidores da organização entre os elementos musicais e suas influências quando unidos no mesmo grupo de tons e sons. Interessante que, em um primeiro momento, se adequa ao estilo *death* do Sepultura; mas, o som vai evoluindo, fazendo base para que os vocais de Max se adequassem a um timbre que soaria como algo emblemático no mundo do rock ultrapesado. Ao mesmo tempo, contribuiu para que a bateria de Igor e sua *performance* fosse se desenvolvendo de tal maneira que se tornasse inconfundível. Pode parecer uma brincadeira, mas é a guitarra de Kisser que promove as bases musicais para que Igor crie um som *sui generis* com sua bateria, sem que isto o desmereça como músico e, muito pelo contrário; tal condição faz dele o mais fenomenal guitarrista de toda a história do *Trash Metal*, atuando como um autêntico maestro no palco e nos discos de estúdio.

A qualidade musical que o Sepultura atingiu a partir dos álbuns *Beneath the reamains* (1989) e *Arise* (1991) se deve à guitarra de Kisser que conseguiu polir o som dos outros instrumentos de base a tal ponto que, Wagner Lamounier, em uma entrevista à época do lançamento do último disco citado chegou dizer que Andreas tocou todos os instrumentos de corda durante a gravação. Maldade de sua parte fazer tal afirmação, até mesmo porque regidos por um grande maestro e um grande mestre da música, os outros componentes se sentem motivados a melhorarem seus estilos e desenvolvimento técnico-profissional naquilo que já faziam e que encontravam-se limitados, talvez por falta de contato direto com quem é excelente no que faz,

simplesmente, por ser excelente *par excellence*! Este é o caso de Andreas Kisser. Em agosto de 2012, recebeu seu próprio tijolo no muro da fama do *Cavern Club*³³. Ele se tornou o primeiro brasileiro a ter um, e o primeiro guitarrista de metal moderno a ser homenageado dessa maneira.

A liberdade de produção e de expressão que o Sepultura sempre experimentou, enquanto banda de rock pesado, para criar seus próprios arranjos musicais fez dela uma suntuosidade fenomenológica no mundo da música e, individualmente, cada um dos membros foi crescendo em criatividade até se tornarem gigantes e, ao mesmo tempo, incompreensíveis como músicos, onde suas criações não podem ser, simplesmente, reproduzidas, o que, por um lado é fantástico, porque o torna singular e é, ao mesmo tempo algo muito complexo, dado em um mundo onde a capacidade criativa anda em baixa e a maioria está sedenta por um sucedâneo musical qualquer, a alternativa que resta é ouvir o original e tentar compreendê-lo e, caso não consiga fazê-lo, que continue a ouvi-lo assim mesmo.

Não espanta quando Kisser revelou que Steve Vai não conseguiu reproduzir a música do Sepultura e isto equivale a dizer que, nenhum outro guitarrista vivo o consiga, porque Vai é uma lenda viva e um cara capaz de decifrar músicas quase impossíveis de serem. Ocorre que, o que os músicos da banda criaram e ainda criam é algo surreal para os modelos estereotipados de arte musical que empestia o cenário atual.

Andreas se tornou o fenômeno musical que é por estar no Sepultura. Pode parecer bizarro esta afirmação; mas, uma série de situações conduz a interpretar tal ocorrência como algo que, se estivesse em outra banda, não poderia chegar a ser reconhecido como um músico criativo que se tornou ao longo de todos estes anos. Ele é o único na formação original da banda que havia estudado música de maneira formal e, quando ingressa no grupo, ao invés de impor as ideias canônicas que aprendera, aproveita toda a liberdade que os outros membros possuíam, por não serem egressos de escolas musicais e, assim, faz aquilo que sempre desejou fazer em termos de som e musicalidade; foi ele quem se adequou ao estilo de músicos autônomos, ao som extremamente bruto da bateria de Igor e aos vocais pesados e sonoros de Max e, o resultado foi um som brutal saindo de sua guitarra e, ao mesmo

³³ *Cavern Club* é um bar temático inglês especializado em apresentações musicais, localizado na cidade de Liverpool. Ficou mundialmente conhecido por ser o local inicial da carreira dos Beatles.

tempo, melodioso, bem trabalhado; uma mistura que o mundo do metal viu em pouquíssimas ocasiões.

CONCLUSÃO

A banda mineira de *Trash Metal* Sepultura é a mais perfeita consolidação do estilo, não sendo superada por nenhuma outra e, mesmo passando por situações complexas, como a saída dos irmãos Cavalera, Igor e Max, persistiu como uma personificação do Trash internacional, o que revela que a sua base de fãs foi construída a partir de sua música e de seu estilo musical independente, autônomo, incomparável. Desde quando ganha sua formação clássica que se desponta no cenário musical do rock pesado como um grupo com potencial para fazer diferença na cena musical.

Com o ingresso de Andreas Kisser, em 1986, o grupo experimenta uma verdadeira evolução técnica e musical, com os vocais de Max se ajustando à guitarra e à bateria de Igor até chegar ao estilo *Trash Metal*, abandonando o *Death Metal*, estilo inicial que adotaram. A partir daí a influência dos Ratos de Porão tornou-se nítida, tanto no som quanto nas letras. O reconhecimento internacional chegou e, junto com ele a oportunidade de gravarem por uma produtora norteamericana, o que alavancou uma carreira promissora que se mantém até os dias atuais.

Infelizmente, no ano de 1996, Max abandona a banda que criara, em 1984, junto com seu irmão Igor e, mesmo que não se queira dizer que um único membro de um conjunto é o que sustenta todo o seu *glamour*, não se pode negar que os vocais e as letras do sepultura foram criados para serem interpretados por Max Cavalera e por ninguém mais. É um capítulo estranho na história da banda; mas, o que pode ser compreendido é que Max pertence a um tempo em que sair de uma banda e, logo em seguida, formar outra era a coisa mais normal no mundo do rock; no entanto, os tempos mudaram e, se ainda hoje existe mágoa por parte do vocalista contra seus antigos companheiros não foi por ter saído e nem por motivos outros; foi, exatamente, por terem permitido que ele saísse. Não que ele seja do tipo que gosta de ser bajulado; mas, eles eram amigos dos *dias de trevas* da banda; havia ali [ou ao menos ele acreditava que houvesse] um tipo de sentimento que jamais aceitaria uma dissolução que não fosse determinada pelo fim da própria existência. Este é o tipo de ferida que jamais se cura; porque entendida como uma traição, um abandono afetivo.

Dez anos depois, o baterista Igor Cavalera também deixa a banda. O que se poderia pensar que acabaria sem os irmãos Cavalera provou ser uma ideia equivocada e, a permanência do grupo Sepultura no cenário musical internacional, produzindo ótimos discos é uma prova de que ela era formada por quatro músicos excepcionais e que o som criado falou mais forte que a individualidade performática de cada um. Em uma banda de trash, a guitarra é o espírito sonoro dela, seguido dos vocais que necessitam ser adequados e graves o suficiente para se sobreporem aos acordes e à bateria.

Em nenhum momento, fiz referência ao contrabaixo, que é executado por Paulo Xisto Junior e, há que destacar que, no *Trash Metal*, este instrumento não é protagonista mesmo; nem mesmo a bateria o é e, se no caso do Sepultura esta fez história é porque Igor é um músico fenomenal que, como disse seu irmão, jamais fez aulas formais para tocar. Andreas soube explorar esta sua característica junto com a herança do death e das ideias musicais de Wagner Lamounier, que sempre prezou por bumbos velozes e furiosos, buscando superar a técnica comum utilizada para este instrumento.

É sempre uma aberração quando o jornalismo brasileiro tenta colocar o Sepultura dentro da cena do rock nacional, alegando que é a banda mais internacional que o Brasil possui na música. Isto é diminuir os caras e ainda desmerecer que são o maior nome do *Trash Metal* de toda a história da música pesada, com criações e inovações artísticas e rítmicas para as quais ainda se terá que criar métodos específicos de estudos, com a possibilidade de não se conseguir compreender o que se está a analisar. O fato de três membros da banda não ter tido aulas formais de música permitiu que criassem e inovassem na música pesada sem a exigência de estarem presos a cânones técnicos e, quando Kissinger ingressa, interpreta aquilo como uma oportunidade para criar o que realmente desejava, como músico.

O Sepultura somente não é considerado o maior grupo musical do rock ultrapesado de toda a história da música, porque em seu país natal não é assim reconhecido. O Sepultura é brasileiro; mas, não é *do Brasil!* Não representa o tipo de reconhecimento que um grupelho de almofadinhas e críticos de meia pataca deseja para o cenário musical brasileiro. Mesmo com todo o mérito conquistado através de seus esforços pessoais, não são vistos como a *grande estrela musical brasileira*.

A única emissora de TV brasileira que abraçou o trabalho dos Caras, sem modéstias, foi o SBT, na pessoa do apresentador Serginho Groisman, em que em

várias ocasiões apresentou a banda tocando ao vivo, participando livremente com a platéia de adolescentes em que respondiam às perguntas destes, sem qualquer embaraço ou cortes de edição.

Na contramão, a Rede Globo de Televisão, em 1994, fez questão de apresentar a condução do vocalista do grupo à Delegacia de Polícia, em São Paulo, alegando que ele havia pisado na Bandeira Nacional. Após esclarecer os fatos de que não havia feito nada disto e que se tratava de uma bandeira de um fã clube, que a lançaram ao palco e ele, junto ao seu primeiro filho, Zion, de apenas 1 (um) ano, à época, pegou a bandeira e saiu para o camarim.

A apresentação mais brilhante, agressiva e feroz da carreira do Sepultura [*com sua formação clássica*] aconteceu no dia 22 de janeiro de 1994, na cidade do Rio de Janeiro, no evento *Hollywood Rock 1994*. Irados e ofendidos com a tramóia, mostraram ao Brasil como se faz música de verdade, em um show inesquecível, na Cidade Maravilhosa.

REFERÊNCIAS

https://whiplash.net/materias/news_719/341679-maxcavalera.html. Acesso em 28/01/2024.

SEPULTURA - Hollywood Rock 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A4qO-oCwaPM>. Acesso em 28/01/2024.

ABSTRATTI PRODUTORA. Os gritos desesperados de Max Cavalera: vocalista fala sobre o 'Arise'. Disponível em: <https://abstratti.com/os-gritos-desesperados-de-max-cavalera-vocalista-fala-sobre-o-arise/>. Acesso em 13/02/2024.

Capítulo 12

A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE ANA MIRANDA: UMA LEITURA DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS- FICCIONAIS BOCA DO INFERNO E DIAS & DIAS

Sueny Barbosa de Araújo Galvão

Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, Picos. E-mail: sbdeag@aluno.uespi.br

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD-PT), Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Investigação Literária pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Efetiva – DE, da Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8634721891400683>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9489-4460>.

RESUMO

Este projeto cujo título é A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE ANA MIRANDA: UMA LEITURA DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS-FICCIONAIS BOCA DO INFERNO E DIAS & DIAS faz parte de um projeto mais amplo realizado no Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa – GELLP, da Universidade Estadual do Piauí, Campus professor Barros Araújo, que busca investigar as literaturas de Língua Portuguesa. Destina-se a trabalhar as narrativas biográficas-ficcionais Boca do Inferno (2006) e Dias & Dias (2002), de Ana Miranda sob o aspecto da Metaficção Historiográfica, amparada nos estudos de Linda Hutcheon (1991), Poética do Pós-Modernismo. Busca-se contribuir para o avanço dessa área de conhecimento, com a ampliação de seus estudos comparatistas da literatura brasileira contemporânea. Ao propor uma leitura de obras de Ana Miranda, percebe-se a relevância da abordagem teórica dos conceitos de ficção e metaficção e, nesse contexto, o de Metaficção Historiográfica. As reflexões em torno de tais conceitos tornam-se cruciais quando a análise literária se volta para narrativas ficcionais que se apropriam da história para compor a estrutura ficcional. Ana Miranda, em um conjunto de narrativas, desenvolve

tal condição estética, propondo recriações de tempos históricos e fabulações de vidas de personagens que possuem referentes históricos. Nas narrativas contemporâneas, nas quais se enquadram as obras de Miranda, tornou-se frequente a utilização da temática histórica, ou melhor, a releitura da história em um movimento de criação e atualização; também é característica crucial dessas narrativas a autorreflexão. Para a realização da pesquisa, apoiamos-nos em estudiosos como Hutcheon (1991), Esteves (1998) e Malard (2010).

Palavras-chave: Metaficção historiográfica. Narrativas biográficas-ficcionais. Ana Miranda.

ABSTRACT

This project whose title is THE HISTORIOGRAPHIC METAFICTION OF ANA MIRANDA: A READING OF THE BIOGRAPHIC-FICTIONAL NARRATIVES BOCA DO INFERNO AND DIAS & DIAS is part of a broader project carried out in the Portuguese Language Literature Studies Group – GELLP, at the University State of Piauí, Campus professor Barros Araújo, which seeks to investigate the literature of the Portuguese language. It is intended to work the biographical-fictional narratives Boca do Inferno (2006) and Dias & Dias (2002), by Ana Miranda under the aspect of Historiographical Metafiction, supported by the studies of Linda Hutcheon (1991), Poetics of Post-Modernism. It seeks to contribute to the advancement of this area of knowledge, with the expansion of its comparative studies of contemporary Brazilian literature. By proposing a reading of Ana Miranda's works, one perceives the relevance of the theoretical approach to the concepts of fiction and metafiction and, in this context, that of Historiographical Metafiction. Reflections around such concepts become crucial when literary analysis turns to fictional narratives that appropriate history to compose the fictional structure. Ana Miranda, in a set of narratives, develops this aesthetic condition, proposing recreations of historical times and storytelling of the lives of characters that have historical references. In contemporary narratives, in which Miranda's works are framed, the use of historical themes has become frequent, or rather, the re-reading of history in a movement of creation and updating; self-reflection is also a crucial characteristic of these narratives. To carry out the research, we relied on scholars such as Hutcheon (1991), Esteves (1998) and Malard (2010).

Keywords: Historiographic metafiction. Biographical-fictional narratives. Ana Miranda.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto cujo título é A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE ANA MIRANDA: UMA LEITURA DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS-FICTIONAIS BOCA DO INFERNO E DIAS & DIAS faz parte de um projeto mais amplo realizado no Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa – GELLP, da Universidade Estadual do Piauí, Campus professor Barros Araújo, que busca investigar as literaturas de Língua Portuguesa. Destina-se a trabalhar as narrativas biográficas-ficcionais Boca do Inferno e Dias & Dias, de Ana Miranda sob o aspecto da metaficção historiográfica.

Busca-se contribuir para o avanço dessa área de conhecimento, com a ampliação de seus estudos comparatistas da literatura brasileira contemporânea.

Ao propor uma leitura de obras de Ana Miranda, percebe-se a relevância da abordagem teórica dos conceitos de ficção e metaficção e, nesse contexto, o de metaficção historiográfica. As reflexões em torno de tais conceitos tornam-se cruciais quando a análise literária volta-se para narrativas ficcionais que se apropriam da história para compor a estrutura ficcional. Ana Miranda, em um conjunto de narrativas, desenvolve tal condição estética, propondo recriações de tempos históricos e fabulações de vidas de personagens que possuem referentes históricos.

Nas narrativas contemporâneas, nas quais se enquadram as obras de Miranda, tornou-se frequente a utilização da temática histórica, ou melhor, a releitura da história em um movimento de criação e atualização; também é característica crucial dessas narrativas a autorreflexão. A criação literária tem sido o foco da própria ficção, enquanto temática que explora e reflete o processo de escrita ficcional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Dentre as principais características da metaficção para o entendimento de textos pertencentes ao gênero; logo, para a leitura dos romances metaficcionais historiográficos de Ana Miranda e, em especial, de *Boca do Inferno* e *Dias & Dias*. Primeiramente, a metaficção, com frequência, emprega referências intertextuais, as quais lhe possibilitam examinar sistemas ficcionais, incorporar aspectos presentes na teoria e na crítica literária, criar biografias de escritores imaginários assim como apresentar e discutir trabalhos ficcionais de um personagem imaginário. Já em suas desconstruções da narrativa, encontram-se comentários do autor em meio ao texto, interpelação ao leitor de maneira direta, envolvimento do autor com personagens ficcionais, além da rejeição de um enredo convencional. Por fim, a presença da autorreflexibilidade, que possibilita aos textos em questão pensarem a respeito de sua organização e função. Nesse âmbito, muitas das características metaficcionais configuram as narrativas de Ana Miranda, e especialmente em Clarice é possível apontar a presença da intertextualidade e da criação de uma biografia imaginária, dentre outras possibilidades de leitura.

Inserida de certa forma na metaficção, a metaficção historiográfica, por tal condição, traz em si características metaficcionais; no entanto, elas são

acompanhadas por uma preocupação de cunho historiográfico. Assim, tem-se no gênero ora estudado simultaneamente a autoconsciência teórica e o reconhecimento da história e da literatura como construções humanas, para um estudo e uma abordagem das formas literárias e do conteúdo histórico. Exatamente como salienta Linda Hutcheon, ao pensar a estética do discurso pós-moderno, o mesmo é “histórico e metaficcional, contextual e autorreflexivo, sempre consciente de seu status de discurso, de elaboração humana” (HUTCHEON, 1991, p. 79). Assim, é na metaficção historiográfica que são tencionados ambos os discursos, o literário e o histórico, já que as fronteiras entre ficção e história estão cada vez mais resvaladiças e menos claras (SILVA, 2006).

O corpus da pesquisa analisa as duas obras *Boca do Inferno* (1989) e *Dias & Dias* (2002), de Ana Miranda. O primeiro é narrado em terceira pessoa, dividido nos capítulos: A Cidade, O Crime, A Vingança, A Devassa, A Queda e O Destino (epílogo). O segundo, possui dez capítulos: A volúpia da saudade, Um sabiá na gaiola, Ficções do ideal, A Balaiada, A mimosa leviana, Camelos no Ceará, O irracional sempre vence, Anjo de assas cortadas, Uma tempestade no horizonte e Epílogo.

O primeiro romance histórico citado, começou a ser escrito em 1979, mas somente foi publicado dez anos depois, fruto de muitas pesquisas e leitura, virou um bestseller e foi traduzido em diversos países. A narrativa é apresentada na Bahia durante o século XVII, onde faz referência a personagens históricos e literários deste período, como Antônio de Souza de Menezes, que era apelidado como Braço de Prata, que utilizava uma peça de metal no lugar do braço, que foi perdido numa batalha naval contra invasores holandeses, o jesuíta Padre Antônio Viera e o poeta Gregório de Matos apelidado como Boca do Inferno, personagem central do romance, que faz críticas contra a sociedade colonial baiana que era marcada pela corrupção, libertinagem e luta pelo poder. A narrativa assim se inicia:

A cidade fora edificada na extremidade interna meridional da península, a treze graus de latitude sul e quarenta e dois de longitude oeste, no litoral do Brasil, ficava diante de uma enseada larga e limpa que lhe deu o nome: Bahia...Numa suave região cortada por rios límpidos, de céu sempre azul, terras férteis, florestas de árvores frondosas, a cidade parecia ser a imagem do Paraíso. Era, no entanto, onde os demônios aliciavam almas para povoar o Inferno (MIRANDA, 1989, p. 12).

Para análise do processo de metaficção historiográfica em *Boca do Inferno* e *Dias & Dias*, buscaram-se teorias como da autora Hutcheon (1991), analisando o

percurso discursivo dentro dos romances, e seu processo de transportar a essência histórica dentro do enredo narrado.

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. Esse tipo de ficção pós-moderna também recusa a relegação do passado extratextual ao domínio da historiografia em nome da autonomia da arte (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Ao iniciar a leitura de Dias & Dias, nos é apresentado a personagem fictícia Feliciano, que irá conduzir toda a narrativa do enredo, narrando o amor platônico que ela nutria por Antônio Gonçalves Dias. A trama parte da infância dos personagens em Caixas no Maranhão, onde Feliciano acredita que Antônio havia escrito um poema dedicado a ela.

Trago nas minhas mãos os versos que Antônio escreveu para meus olhos verdes, quantos anos, mesmo, tínhamos? eu doze, e ele treze, pois isso se deu em 1836. A poesia fala em olhos verdes, e naquele momento, quando a li pela primeira vez, acreditei que fossem os meus olhos, mas meus olhos não chegam a ser verdes, têm mais cor da folha quase seca da palmeira, ou talvez a cor da água da baía de São Marcos, uma água suja de lama e areia moventes baixios, revolvida pelas dimensões da lua, pelo percorrer incessante dos saveiros de pesca, esta água que agora vejo ao sol da manhã (MIRANDA, 2002, p. 15).

A vida do poeta se torna conhecida para a personagem através de cartas que ele envia a seu amigo Alexandre Teófilo. Mostradas a Feliciano por Maria Luiza, esposa de Alexandre, as cartas relatam vários acontecimentos vividos pelo poeta. Cartas, estas que criam no romance uma ilusão da realidade, que fazem o leitor esquecer-se da ficcionalidade de Feliciano e dos demais personagens, colocando-os no mesmo âmbito de existência de Gonçalves Dias e Alexandre Teófilo.

O romance retrata o século XIX, onde evidencia-se a revolta da Balaiada que ocorreu no interior da província no Maranhão entre 1838 e 1841, causada pela insatisfação popular onde vaqueiros, escravos e outros desfavorecidos lutaram por melhores condições de vida e protestavam contra desmandos políticos dos grandes fazendeiros, resultando na conquista de um governo provisório e que colocou os portugueses para fora da cidade de Caxias.

E foi então que veio outra revolta em Caxias, no ano de 38, ou 39, eu creio, uma rebelião popular, uma insurreição de ódio, borrachos facinorosos, chefiada pelo vaqueiro Cara Preta, e o Balaio, e o preto Cosme que tinha sido escravo. Tudo começou na Vila da Manga, não foi em Caxias, para desdizer aqueles que dizem ser a gente de Caxias mais insurgente que os portugueses (MIRANDA, 2002, p. 107).

Da mesma forma, a autora adiciona a concepção de Feliciano sobre tal acontecimento. Estes elementos se misturam e causam o efeito histórico ficcional que estamos abordando.

Os pobres da Balaiada, com a ajuda de muitos moradores, como papai, dominaram a comarca, foi uma correria, tiro para todo lado, ora aqui, ora acolá, os pobres tomaram casas de pessoas importantes que fugiram de suas fazendas para outras, queimaram casas de fazendeiros os mais ricos, fizeram um “governo provisório” para o Brasil, [...] Eu gostava dos balaios, dos pobres, tinha dó dos escravos e dos índios, mas tinha dó também dos portugueses, pensava no seu João Manuel, tinha sido um bom homem, não ia merecer tamanho sofrimento, humilhação mais uma vez, [...]. (MIRANDA, 2002, p. 109)

Vale evidenciar que Ana Miranda tem, ao longo de sua produção literária, dialogado com a poética das narrativas contemporâneas, demonstrando grande capacidade na reinvenção da história e da própria história da literatura, articula, em algumas de suas obras, temáticas literárias. Através das obras destacadas, a autora reinventa o universo literário, dialoga com a história e com a literatura, ambas postas intertextualmente, e cria histórias de vida imaginadas, fazendo de sujeitos históricos, como Gregório de Matos Guerra e Gonçalves Dias, personagens de sua ficção. Com a criação de tais obras, Miranda mostra-se leitora da literatura nacional, sendo capaz de movimentar-se entre os textos literários lidos, criando a partir da leitura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acreditamos que esse projeto auxiliará na formação de leitores mais atenciosos, observadores e críticos, além de incentivar alunos de graduação a se envolverem com a literatura. Buscamos aperfeiçoar e dar continuidade aos estudos do GELLP - Grupo de Estudos e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Piauí, campus professor Barros Araújo.

Fazendo uso da leitura contínua e assídua desse livro será possível compreender completamente essa obra, que é destacada como complexa por muitos

leitores. E com a constante busca de conhecimentos relacionados à metaficção historiográfica será possível ter o domínio de identificação de todas as características dele na narrativa explorada e também em outras obras brasileiras.

Espera-se, através dos procedimentos metodológicos descritos, chegar ao esclarecimento do conceito metaficção historiográfica e as possíveis relações entre as narrativas biográficas-ficcionais da escritora cearense Ana Miranda. Por fim, almeja-se revisitar o passado sob uma perspectiva distinta do discurso histórico oficial e do uso paródico do intertexto como elemento constitutivo do romance.

4 CONCLUSÃO

Diante das colocações teóricas, cabe ressaltar que Ana Miranda tem, ao longo de sua produção literária, dialogado com a poética das narrativas contemporâneas, demonstrando grande capacidade na reinvenção da história e da própria história da literatura, articula, em algumas de suas obras, temáticas literárias. Assim, a história da literatura ganha espaço e é relida em três romances da autora, Boca do Inferno, A última quimera e Dias & Dias, e na novela Clarice. Através das obras destacadas, a autora reinventa o universo literário, dialoga com a história e com a literatura, ambas postas intertextualmente, e cria histórias de vida imaginadas, fazendo de sujeitos históricos, como Gregório de Matos Guerra, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias e Clarice Lispector, personagens de sua ficção. Com a criação de tais obras, Miranda mostra-se leitora da literatura nacional, sendo capaz de movimentar-se entre os textos literários lidos, criando a partir da leitura.

Com a leitura das obras de Ana Miranda, buscaremos trilhar um caminho comum entre Boca do Inferno com relação a Dias & Dias, exatamente no que concerne à ficcionalização de vidas e à releitura da história literária.

REFERÊNCIAS

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MIRANDA, Ana. **Dias & Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

uniatual
EDITORA

ISBN 978-658601366-5



9 786586 013665